

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião

Rosane Aparecida de Souza Guglielmoni

**RELIGIÃO E RELAÇÕES DE GÊNERO:
Igrejas Evangélicas fundadas por mulheres na região industrial
de Contagem, Minas Gerais**

BELO HORIZONTE
2015

Rosane Aparecida de Souza Guglielmoni

**RELIGIÃO E RELAÇÕES DE GÊNERO:
Igrejas Evangélicas fundadas por mulheres na região industrial
de Contagem, Minas Gerais**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Anete Roese

BELO HORIZONTE
2015

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

G942r Guglielmoni, Rosane Aparecida de Souza
Religião e relações de gênero: Igrejas Evangélicas fundadas por mulheres na região industrial de Contagem, Minas Gerais / Rosane Aparecida de Souza Guglielmoni. Belo Horizonte, 2015.
125 f.: il.

Orientadora: Anete Roese
Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião.

1. Religiões - Relações. 2. Pentecostalismo. 3. Ruptura. 4. Mulheres - Aspectos religiosos. 5. Igreja Evangélica Brasileira. 6. Feminismo. I. Roese, Anete. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. III. Título.

Rosane Aparecida de Souza Guglielmoni

**RELIGIÃO E RELAÇÕES DE GÊNERO:
Igrejas Evangélicas fundadas por mulheres na região industrial
de Contagem, Minas Gerais**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião.

Prof. Dr^a Anete Roese (PPGCR Orientadora – PUC Minas)

Prof. Dr. Adilson Schultz (PPGCR - PUC Minas)

Prof. Dr^a Fernanda Lemos (PPGCR – UFPB)

Belo Horizonte, 25 de março de 2015.

Dedico este trabalho ao meu amado Márcio, ao meu filho Francisco, à minha irmã por escolha Mestiça Samarino e a todas as mulheres que ousaram e ousam romper com silêncio que a história impôs.

AGRADECIMENTOS

Ao Numinoso que se manifesta revelando seu rosto em todas as culturas.

À minha mãe e ao meu pai (*in memoriam*), serei eternamente grata por terem me criado para vida, por terem gerado em mim o senso de solidariedade e a radicalidade de tantos valores que são inabaláveis.

Às pastoras que me acolheram em suas Igrejas, agradeço pelo carinho e pela confiança em partilhar comigo suas histórias.

Ao amado Márcio, companheiro de vida, de sonhos e utopias, pelo apoio, motivação, carinho, principalmente pela paciência nos momentos de crise.

Ao Francisco, que, na onipotência de sua juventude, soube compreender a importância deste momento em nossas vidas.

À minha professora de História, Zenóbia, que, na minha adolescência, despertou em mim o gosto por investigar o “outro lado da História”.

À Mestiça Samarino, que me desafiou em vários momentos de minha vida, pois sempre acreditou em mim, mais do que eu mesma.

Ao Chico Samarino, meu quase filho, pelas sugestões no primeiro momento.

Às minhas afilhadas e afilhados, Carolina, Rafaela, Luna, Pedro, Yuri e Davi, por entenderem a ausência da madrinha.

À minha comadre Meire e ao meu compadre Nélio Melo, pela solidariedade e compreensão neste momento de ausência da vida de Luna.

Às amigas-irmãs pelo empenho, pela alegria e pela festa que fizeram, Sérgia, Eclair, Maria Lúcia, Cleo, Telma, Marília, Ana, Dora, Jaqueline, Sandra, Cida, Eliane, Adalete, Darcy, Dinha, Ana Brisa.

À Ana Ester, companheira dessa jornada, que tornou a caminhada mais suave, menos pedregosa.

Às minhas primas, Érica e Fátima, pelo carinho e cuidado de sempre.

À Maria Goreth e Janine Targino, pioneiras na pesquisa sobre Igrejas evangélicas fundadas por Mulheres, pela delicadeza dos primeiros contatos e alegria em poder contribuir.

À Altina Naná, coordenadora pedagógica do Colégio Magnum Agostiniano Buritis, pela força na realização desse projeto, pela compreensão do momento em que eu me encontrava.

Ao professor Raphael Almeida, meu jovem colega, que no momento crucial de cumprimento de créditos sacrificou seu horário para facilitar o meu.

À professora Patrícia Abreu Lechtman, querida companheira, que segurou as “pontas” no projeto AMA, por entender a importância dessa pesquisa.

Ao professor Israel Matozzo pelas conversas, pelas dicas e pela solidariedade.

Às funcionárias do colégio, Ronilda, Carlinha, Gisele de Fátima, por me socorrerem na informática, sempre com carinho e paciência.

Ao Padre Ferreira e ao Padre Luiz, pelo belo trabalho ecumênico desenvolvido na Paróquia Cristo Salvador, em Contagem.

Ao pastor Márcio Moreira, da segunda Igreja Presbiteriana em BH, que na minha juventude foi minha referência na caminhada ecumênica.

À Irmã Márcia, por ter compreendido o meu afastamento do CONIC - MG, em função deste trabalho.

Ao GPFEM – PUC Minas (Grupo de Estudos Feministas), pelos momentos de aprendizado.

Ao PROREC (Projeto de Reconciliação Cristã), pelo significativo trabalho ecumênico com todas as expressões religiosas da comunidade local.

Ao CONIC- MG (Conselho Nacional de Igrejas Cristãs), pela busca constante do diálogo e pela luta intransigente pelos direitos humanos.

Aos integrantes do Departamento de Ciências da Religião da PUC Minas, pelo carinho, atenção e competência a nós dispensados.

Ao Prof. Dr. Adilson Schultz, pela participação na banca de qualificação. Suas sugestões foram fundamentais para a reelaboração do primeiro capítulo.

À Prof. Dr^a Anete Roese, minha incansável orientadora, grande educadora, doravante companheira na luta pela libertação das mulheres dos grilhões do patriarcalismo.

À Prof. Dr^a Fernanda Lemos, pela disponibilidade de contribuir com minha pesquisa, participando da banca.

As mulheres não estão sozinhas neste silêncio profundo. Ele envolve o continente perdido das vidas tragadas pelo esquecimento em que se aniquila a massa da humanidade.

(Michele Perrot)

RESUMO

O campo religioso brasileiro sofre mudanças constantemente. Um fenômeno religioso que tem se apresentando no limiar do século XXI, são as Igrejas fundadas por mulheres. A cidade de Contagem, MG, tem sido palco do protagonismo de mulheres que rompem com suas antigas denominações e fundam seus próprios ministérios. Esta dissertação propõe identificar o processo das rupturas protagonizadas por elas até a fundação de seus próprios ministérios; interpretar o resultado de suas ações pastorais no cotidiano da comunidade religiosa em que exercem o comando de suas Igrejas, bem como, analisar a estrutura eclesial, a organização dos ritos de culto, verificando, assim, o pentecostalismo como elemento promotor do protagonismo feminino no interior das instituições religiosas. O caminho construído para a elaboração desta pesquisa empírico - fenomenológica, foi a observação assistemática dos cultos e entrevistas despadronizadas, que permitiram uma maior liberdade para as pastoras narrarem seus processos de rupturas, como também seus dramas existenciais. Ao trazer à tona a discussão de gênero no campo das Ciências da Religião, a dissertação instigou o repensar a respeito das estruturas fundantes da sociedade patriarcal. A pesquisa demonstrou que, em um primeiro momento, a mulher assume cargos de liderança eclesiástica, porém, sob a autoridade de um homem. Em um segundo momento, ela rompe com a autoridade hierárquica. A mulher que rompe com sua denominação de origem e funda sua própria igreja; não rompe com o ideal pentecostal, porém, ressignifica e subverte seus ritos. A dissertação identificou, que no processo de ruptura, a mulher apresenta-se como um ser de escolhas, com capacidade de mobilização e organização das pessoas marginalizadas para a busca do sentido da vida, sendo significativamente influenciada pelos espaços sociais disponíveis e aberta ao diálogo ecumênico. A pesquisa demonstrou a religião como um processo paradoxal, que representa, ao mesmo tempo, o poder sobre as mulheres e o poder das mulheres.

Palavras-chave: Pentecostalismo. Ruptura. Igrejas fundadas por mulheres. Gênero. Feminismo.

ABSTRACT

The Brazilian religious field goes through constantly changes, a one religious phenomenon whose have submitted in the 21st Century threshold, are the Churches founded by women. The city of Contagem, Minas Gerais, Have been the stage of the women protagonist who break your old denomination and rise your own ministers This theses proposes to identify the starring break performed by them until the foundation of they own ministries, interpret the results of their pastoral activities in daily life of the religious community in which they exercise control their churches, as well analyzing the ecclesial structure, the organization of the cult rims, checking thus Pentecostalism as the female protagonist promoter element within religious institutions. The way building for this elaboration of this psyche empiric phenomenological, was the observation asymmetric of the rituals and the interviews nonstandard, which allowed a freedom to the pastors narrating their breaks processes, as well as its existential dramas. To bring up the discussion of gender in the field of religious studies, the dissertation prompted the rethinking about the founding structures of patriarchal society. Research has shown that, at first, the woman takes church leadership positions, however, under the authority of a man. In a second step, it breaks with the hierarchical authority, but not with the spiritual authority, which is still male. The woman who breaks with his ministry and founded his own church does not break the Pentecostal ideal, however, reframes and subverts their rites. The dissertation identified in the rupture process, the woman is presented as a being of choices, able to mobilize marginalized people to seek the meaning of life, being significantly influenced by social spaces available and open to ecumenical dialogue. Research has shown religion as a paradoxical process that is at the same time, the power of women and the power of women.

Keywords: Pentecostalism. Break. Churches founded by women. Gender. Feminism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Igreja da Pastora Rebeca.....	63
Figura 2 – Pastora Rute e a caixinha.....	67
Figura 3 – Igreja da Pastora Ester.....	78
Figura 4 - Santa Ceia na Igreja da pastora Ester.....	80
Figura 5 – Igreja da Pastora Débora.....	84

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Mulheres e homens nas Igrejas Cristãs.....	42
Quadro 2 Primeiras Igrejas com pastorado feminino.....	44
Quadro 3 Ecumenismo e Feminismo.....	80

LISTA DE TABELAS

Tabela 1

Nº de mulheres participantes das Igrejas evangélicas em Contagem 2010..... 56

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 IGREJAS EVANGÉLICAS E O PROTAGONISMO FEMININO	24
1.1 PENTECOSTALISMOS PROTESTANTES BRASILEIROS	24
1.2 NOVO HOMEM, NOVA MULHER, NOVOS MODELOS DE SER E ACONTECER NO PENTECOSTALISMO	29
1.3 O PROTAGONISMO DAS MULHERES EVANGÉLICAS PENTECOSTAIS: VESTÍGIOS APAGADOS NA HISTÓRIA	31
1.4 AS PIONEIRAS NA FUNDAÇÃO DE IGREJAS	33
1.5 DAS RUPTURAS À FUNDAÇÃO DE IGREJAS	38
1.6 LIDERANÇAS DAS MULHERES EVANGÉLICAS PENTECOSTAIS	41
1.7 DA INVISIBILIDADE AO EMPODERAMENTO DAS MULHERES PENTECOSTAIS	45
1.8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
2 IGREJAS EVANGÉLICAS FUNDADAS POR MULHERES NA REGIÃO INDUSTRIAL DE CONTAGEM	52
2.1 CONTAGEM SÃO MUITAS	52
2.2 AS IGREJAS FUNDADAS POR ELAS	56
2.2.1 <i>A igreja da pastora Rebeca</i>	58
2.2.2 <i>A igreja da pastora Rute</i>	66
2.2.3 <i>A igreja da pastora Ester</i>	73
2.2.4 <i>Encontro com Débora, a pastora que saiu do processo</i>	82
2.3 IGREJAS FUNDADAS POR PASTORAS	87
2.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
3 FEMINISMO E RELIGIÃO	93
3.1 FEMINISMOS E AS TEORIAS DE GÊNERO	93
3.1.1 <i>O feminismo</i>	94
3.1.2 <i>O feminismo na América Latina</i>	96

3.1.3 O feminismo no Brasil	98
3.1.4 Feminismo e teologia.....	101
3.1.5 Teologia ecofeminista latino-americana	104
3.2 IGREJAS FUNDADAS POR MULHERES: UM FENÔMENO RELIGIOSO.....	111
3.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	113
 4 CONCLUSÃO	 114
 REFERÊNCIAS.....	 119

INTRODUÇÃO

Ao longo da história da humanidade, tentou-se impor, com sucesso, o silêncio à mulher. No entanto, de forma espontânea ou organizada, ela vem rompendo gradativamente com a condição que lhe foi relegada. A religião, como espaço contraditório, é cúmplice dessa condição, pois pode ser opressora ou libertadora. É na onda dessa contradição que pretendo apresentar, através de exemplos, as rupturas que as mulheres vêm protagonizando em suas antigas denominações evangélicas nas quais suas lideranças eram limitadas, fundando, assim, as suas próprias igrejas e se tornando pastoras das mesmas.

Muitas pesquisas foram apresentadas nas últimas décadas do século XX, sobre o crescimento do pentecostalismo e sua ascensão sobre as igrejas protestantes históricas, porém, pouco se debateu sobre a relação de gênero nesse cenário. As produções sobre essa temática são poucas, porém, valiosas. Nesse campo se destacam as pesquisadoras Eliane Gouveia, Cecília Loreto Mariz, Maria das Dores Campos Machado e Patrícia Birman.

Ao propor a pesquisa “Igrejas evangélicas fundadas por mulheres na região industrial de Contagem, Minas Gerais”, cujos resultados aqui serão apresentados, entendo que a participação feminina no campo do sagrado produz impactos para a compreensão do fenômeno religioso nos dias atuais. Para além da teologia, abre-se um espaço para dialogar com as demais áreas do conhecimento, como a história, a sociologia e as Ciências da Religião, dando-nos assim elementos para interpretar a dinâmica religiosa contemporânea. As religiões vivas estão sempre mudando. Por vezes uma mudança fica escondida até que se torne visível; portanto, conhecer de perto essas mudanças confronta o/a pesquisador/a com a vida religiosa pulsante (GRESCHAT, 2005).

A tradição judaico-cristã hegemônica, em nosso país, é marcada pelo patriarcalismo, pois, no Primeiro Testamento, figuram como protagonistas os grandes patriarcas e, no Segundo Testamento, Deus é pai de um filho único. A mulher não deixou de aparecer nos textos fundantes, porém, sempre submetida à figura masculina, embora politicamente ativa. Nas igrejas históricas de tradição cristã, são poucas as que permitem às mulheres o exercício do sacerdócio, mas, após o processo de pentecostalização no interior de vários segmentos do protestantismo histórico, as mulheres têm assumido novos papéis, como a

administração do templo, a ministração de cultos e a militância política, trazendo novos elementos exclusivos do universo feminino, embora, na grande maioria das pregações femininas, ainda se possa notar a permanência do teor androcêntrico.

No final do século XIX e princípio do século XX, surgiram especificamente nos Estados Unidos da América, movimentos e Igrejas estabelecidas por mulheres. Como por exemplo, a Igreja Ciência Cristã, fundada por Mary Baker Eddy (1886), e a Quadrangular, fundada por Aimee Semple McPherson (1921). Para chegar ao pastorado, as mulheres evangélicas encontram várias barreiras. Uma das saídas possíveis – descoberta por uma parcela significativa das que têm intenção de ocupar cargos eclesiais – tem sido fundar seus próprios ministérios (SILVA, 2010). No Brasil, a pesquisadora Maria Goreth Santos foi pioneira em apresentar esse fenômeno, embora sua dissertação não tivesse esse objetivo. A também pesquisadora Janine Targino da Silva desenvolveu sua dissertação a partir desse tema, apresentando a fundação de Igrejas por mulheres em Nova Iguaçu, Rio de Janeiro.

A pesquisadora Janine Targino da Silva trabalha, em sua pesquisa, a fundação de Igrejas por mulheres como um reflexo de tendências contemporâneas. Já a minha pesquisa aborda o tema como um fenômeno relevante para o campo religioso brasileiro e, a partir da abordagem feminista e de gênero, pretendo dar visibilidade a este protagonismo. A pesquisa de Silva teve como objetivo apreender como a re-elaboração da identidade feminina no meio pentecostal acontece através da fundação de suas próprias igrejas. Esta dissertação pretende identificar o processo das rupturas com suas antigas denominações até chegar a fundação de seus próprios ministérios.

Por acreditar que não existe neutralidade na ciência, que somos sujeitos e objetos de uma pesquisa, escolhi a cidade de Contagem por lá ter sido acolhida juntamente com minha família, no tempo dos grandes êxodos rurais brasileiros. Vivi grande parte da minha vida nessa região, onde ainda tenho grandes laços afetivos e continuo minha militância pastoral e partidária. Minha adolescência e juventude foi um período de efetivo engajamento nas lutas sociais, via movimento sindical e nas pastorais sociais da Igreja Católica Romana. Sou testemunha ocular do desenvolvimento social da região industrial de Contagem e, concomitantemente, do crescimento do campo religioso nessa região. Novas representações surgem no cenário brasileiro e Contagem está presente nesse contexto.

Segundo interpretações históricas, as religiões abramícas, ao longo do tempo, tornaram-se androcêntricas e excludentes. Nas Igrejas de concepção cristã de tradição evangélica, a maioria dos líderes espirituais é do sexo masculino. As mulheres, em busca de autonomia, rompem com suas denominações, fundam seus próprios ministérios, que consideramos ser um fenômeno do século XXI. Considerando essa realidade, a pesquisa cujos resultados aqui se apresentam investigou a autonomia das mulheres no atual contexto de liberdade religiosa, em especial as “rupturas”¹ por elas protagonizadas. Analisaram-se os processos de ruptura e as razões pelas quais as mulheres rompem com suas tradições de origem e verificou-se que o pentecostalismo é um promotor da inclusão de mulheres não apenas em suas instituições, mas também em outras instâncias.

A hipótese formulada para o questionamento que orientou a pesquisa é que, a partir da virada do século XX para o século XXI, reconfigurou-se uma nova ordem mundial com as mulheres exercendo novos papéis na sociedade, em vários segmentos sociais, políticos e religiosos. O surgimento de novas representações do gênero feminino no segmento evangélico vem contribuindo para a construção de um novo cenário, que, silenciosamente, se desenha de forma alternativa ao que se apresentava até então.

A partir dessas questões investigativas, foram elencados para a pesquisa os seguintes objetivos: identificar as rupturas protagonizadas pelas mulheres com suas antigas denominações até a fundação de suas igrejas, interpretar o resultado de suas ações pastorais no cotidiano da comunidade religiosa em que exercem o comando de seus ministérios, verificar o pentecostalismo como elemento promotor do protagonismo feminino no interior das instituições religiosas e analisar a estrutura eclesial e a organização dos ritos de culto.

O referencial teórico que consideramos de fundamental importância para o presente trabalho é o da historiadora francesa Michelle Perrot, uma das pioneiras na historiografia que resgata as lutas e as estratégias das mulheres na história passada e presente. Ela rastreia o silêncio imposto às mulheres e o momento em que elas o dissipam apresentando seus poderes, e afirma que a religião se apresenta como “poder sobre as mulheres e ao mesmo tempo o poder das mulheres”.

¹ A noção de ruptura é adotada por Perrot (2005) e por Roesse (2014).

O movimento feminista rompeu com o paradigma da mulher como sexo inferior, a categoria de gênero é construída com o objetivo de provar que a subordinação feminina tem caráter histórico, social e cultural. Embora as pastoras que rompem com suas denominações desconheçam grande parte dessa história, indiretamente usufruem dessas conquistas. Ao longo da história podemos conferir o exercício de poder das mulheres, pois essas sempre criaram estratégias de sobrevivência. O ponto de partida para a construção da autonomia considerada pelas teóricas feministas reside na década de 60 do século passado. A obra *O segundo sexo*, da filósofa Simone de Beauvoir (1949), foi um marco para a história de emancipação das mulheres.

O lugar social da religião é pouco valorizado no campo acadêmico brasileiro, um paradoxo para um país que nasceu sob o signo da religião. Assim, a minha pesquisa encontrou acolhida no departamento de Ciências da Religião da PUC Minas. Durante muito tempo, a tendência majoritária nas obras sobre história das religiões no Brasil possuía características de uma história eclesiástica – ligada às instituições religiosas e mais próximas da teologia. A pesquisa que hora apresento busca analisar a religião em suas relações com a cultura e a sociedade, numa perspectiva reflexiva e crítica, o que equivale a dizer: teoricamente fundamentado, não confessional e sem quaisquer aspirações de natureza proselitista, portanto relevante para o campo das Ciências da Religião.

Fundamentos teóricos da pesquisa empírica

Entre os fundamentos aos quais a pesquisa recorre encontra-se a fenomenologia, uma escola filosófica alemã que teve como fundador Edmund Husserl. É considerada um movimento de ideias com método próprio com efetivo e radical rigor do conhecimento e é antes de tudo uma postura filosófica². De acordo com Ângela Ales Bello (2006), o pai da fenomenologia não tem nenhuma obra que apresente o processo investigativo, ele nunca chegou a formular uma síntese geral, seus livros são reproduções de suas aulas ou de anotações pessoais. A transcrição

² Husserl nasceu de uma família judia em 1859 em Prosnitz (Áustria) e tornou-se cristão, sendo batizado aos 27 anos na Igreja Luterana. Estudou matemática, física e astronomia. Em 1883 doutorou-se em Viena e a seguir tornou-se professor auxiliar em Berlim. Dedicou-se à leitura de Aristóteles e Hegel, frequentaram cursos ministrados pelo filósofo alemão Franz Brentano, cujas aulas foram inspiradoras para o processo de criação dos pensamentos de Husserl.

de seus manuscritos foi feita por Edith Stein, que aprofundou a pesquisa fenomenológica.

A fenomenologia pretende ser a ciência das essências e não dos fatos, é a ciência do “mundo da vida” (*Lebenswelt*). “Husserl considera o mundo da vida como origem (*Ursprung*) e fundamento (*Boden*) das ciências objetivas. Se o mundo da vida, por um lado, era a origem das ciências objetivas, por outro, era-lhe claro que tinham esquecido essa origem” (ZILLIES, 2003, p. 44).

A ciência do mundo da vida é a ciência da subjetividade, é o mundo concreto, que se reflete nos usos e costumes, nos saberes e nos valores. Para Husserl, o *Lebenswelt* é o lugar original da formação de sentidos, do qual nascem as ciências. O autor acusa o positivismo de desvalorizar a subjetividade. Para a corrente positivista, o importante são os fatos, principalmente quando são assumidos pelas ciências físicas. O positivismo defendeu a soberania do objeto e a anulação de qualquer subjetividade.

As teorias lógico-matemáticas substituíram o mundo da vida pela natureza idealizada na linguagem dos símbolos. Cabe à fenomenologia recuperá-lo, tirá-lo do anonimato, pois o humano pertence, sem dúvida, ao universo dos fatos objetivos, mas, enquanto pessoas, enquanto *eu*, os homens têm fins, perseguem metas, referem-se às normas da verdade; normas eternas. (HUSSERL, 1936, p. 20).

Para Husserl (1936), não existe a divisão sujeito-objeto, pois ambos encontram-se englobados pelo mundo e pela história. O *Lebenswelt* é o mundo subjetivo do qual nasce toda a atividade humana. A crise das ciências é a crise dos sentidos, pois, de acordo com o pensamento husseliano, a história do pensamento moderno é uma busca do sentido da vida humana. A separação do sujeito e do objeto provocou uma crise ético-política, pois o mundo das ciências foi separado do mundo da vida. Portanto, o filósofo defende o retorno à subjetividade transcendental, com o objetivo de recuperar o sentido humanista e superar o desvio objetivista, ou seja, é dar a oportunidade ao ser humano para que suas potencialidades a serviço da vida se desenvolvam ao máximo.

A professora Ângela Ales Bello (2006), em sua obra *Introdução à fenomenologia*, apresenta as reflexões husserlianas. A autora nos convida ao conhecimento do método fenomenológico, a perceber o que está à nossa volta e a própria existência interna.

Por que se chama fenomenologia? Esta palavra é formada de duas partes, ambas originadas de palavras gregas, como sabemos. “Fenômeno” significa aquilo que se mostra; não somente aquilo que aparece ou parece. Na linguagem religiosa, utilizamos também o termo *epifania* para falar de algo que se manifesta que se mostra. “logia” deriva da palavra *logos*, que para os gregos tinha muitos significados: palavra, pensamento. Vamos tomar *logos* como pensamento, como capacidade de refletir. (ALES BELLO, 2006, p. 17).

A fenomenologia, segundo Husserl, será o estudo dos fenômenos puros, ou seja, a significação das vivências da consciência. Nós buscamos o significado daquilo que se mostra, o seu sentido e como se mostra. Tudo aquilo que se mostra para nós tratamos como “coisas”. Nem todas as coisas estão no plano físico, mas também no sentido abstrato, por isso, é preciso ter a compreensão dos fenômenos que se mostram a nós, nos mais diversos campos: cultural, social, religioso e assim por diante.

Todas as coisas que se mostram a nós, tratamos como fenômenos, que conseguimos compreender o sentido. Entretanto o fato de se mostrarem não nos interessa tanto, mas, sim, compreender o que são, isto é, o seu sentido. O grande problema da filosofia é buscar o sentido das coisas, tanto de ordem física quanto de caráter cultural, religioso, etc. que se mostram a nós. (ALES BELLO, 2006, p. 19).

Para compreender esses fenômenos, Husserl propõe a construção de um caminho que, na acepção grega, é *métodos*. “Odos” significa estrada, e “meta”, por meio de, através. No ocidente, a filosofia sempre fez um caminho para se chegar à compreensão do sentido das coisas. Segundo Husserl, o caminho é formado de duas etapas. A primeira está ligada ao entendimento do sentido das coisas, pois, em algumas, captamos seu sentido imediatamente, em outras temos dificuldades. Nossa intuição nos ajuda a captar o sentido das coisas, ou seja, a *essência*. O filósofo Husserl usa também a palavra grega *eidos*, de onde vem a palavra ideia, que neste contexto não significa um produto da mente, mas sentido, aquilo que se capta, aquilo que se intui. Para Husserl, a compreensão do sentido das coisas é uma competência humana, não interessa o fato de existir, mas o sentido desse fato. De acordo com a corrente positivista, o importante são os fatos, principalmente quando assumidos pelas ciências físicas. O positivismo defendeu a soberania do objeto e a anulação de qualquer subjetividade. Segundo Husserl, a sede positivista pela objetividade afastou a ciência e o conhecimento do seu verdadeiro propósito: o

ser humano real, o mundo da vida. Os positivistas consideram o mundo dado e preexistente como objetivo e independente da consciência do sujeito, ou seja, os objetos são considerados independentes de seu observador. Em seu tempo, Edmund Husserl polemizou com os positivistas, pois sempre enfatizou que o objeto se constitui enquanto objeto a partir de sua relação com uma consciência. Dessa forma, o objeto não é independente do sujeito que o conhece e nem o sujeito é independente dos objetos que conhece. Na concepção de Husserl, as ciências humanas buscam mediação de seus objetos sem ao menos buscar explicar o que eles são.

A professora Ângela Alles Bello (2006) aponta que a intuição é o primeiro passo do caminho husserliano e revela ser possível captar o sentido. A segunda etapa está relacionada com a maneira de o sujeito buscar o sentido. O sujeito faz uma reflexão e se questiona dizendo “quem sou eu?”. Para Adriano Holanda (2006), é necessária uma preocupação especial com os “dados” do humano, apenas a observação naturalista não abarca a integralidade do fenômeno humano. A pesquisa social, desde sua origem, vem construindo alternativas nas investigações ligadas à humanidade com objetivo de poder alcançar cada vez mais a totalidade desse fenômeno.

Ao pesquisar Igrejas Evangélicas fundadas por mulheres, apresento um fenômeno com características peculiares.

Faz-se necessário o desenvolvimento de metodologias que privilegiem aspectos tais como intuição, imaginação, a busca de estruturas universais, para obter um quadro bem elaborado da dinâmica que subjaz à experiência. Acreditamos que o modelo fenomenológico de pesquisa pode vir a ser uma resposta a esta demanda. (HOLANDA, 2006, p. 372).

A análise do sujeito é o ponto de partida da investigação de Husserl. A fim de compreender como os seres humanos se apresentam, devemos compreender também como é sua estrutura geral. Portanto, os fatores históricos, econômicos e sociais foram levados em conta em minha pesquisa.

Não se faz ciência sem saber quem é o ser humano; no entanto, precisamos deixar de lado ou colocar entre parênteses todas as nossas suposições, nossos “pré-conceitos” acerca das coisas e da experiência, essa é a chamada atitude fenomenológica nomeada por Husserl de *epoché*. Um exercício necessário de suspender o juízo sobre objetos empíricos, sobre tudo o que não aparece como

imediatamente evidente ante nossa consciência. Através da atitude fenomenológica os objetos se revelam na sua *essência*. Como exemplo podemos colocar a existência das várias comunidades entre parênteses, não interessa, nesse momento, que exista essa comunidade ou outra, mas interessa compreender o que é a comunidade, o seu elemento essencial.

A questão mais importante é a de como vamos examinar o ser humano. Husserl vai ao interior dos atos, às vivências para conhecer as características do que está fora (não factualmente), mas conforme foi apreendido pelo sujeito, faz uma análise do ponto de vista do espírito". (ALES BELLO, 2006, p. 95).

A ciência não só emerge do mundo da vida, mas também repercute sobre ele, convertendo-o em um mundo impregnado cientificamente. O mundo expresso no modelo científico, interpretado por uma ideologia ou cosmovisão, permanece mundo, mas é um mundo incompleto. É um empobrecimento da realidade rica do mundo da vida da qual não deixa de ser um ato derivado. O mundo da vida representa a dimensão interior do sujeito e da história. Husserl propõe o resgate do mundo da vida, que é um mundo que tem o ser humano como centro, ou seja, é o retorno à subjetividade transcendental, que na antiguidade clássica foi muito mais profunda. A fenomenologia poderá recuperar o sentido humanista e superar o desvio objetivista.

Ao fazer uma pesquisa utilizando a fenomenologia, o mundo da vida das pastoras emerge, os seus dramas foram expostos, o protagonismo de cada uma delas foi tirado da invisibilidade apontando um novo cenário no campo religioso brasileiro.

O método qualitativo

A pesquisa qualitativa faz parte do processo científico e tem por objetivo a construção da realidade que não pode ser quantificada. O caminho construído pela fenomenologia abrange o universo de crenças, valores, significados e outros elementos da subjetividade, é tudo aquilo que o mundo da vida apresenta

Os métodos qualitativos enfatizam as especificidades de um fenômeno em termos de suas origens e de sua razão de ser (HAGUETTE, 2010). A pesquisa empírico-fenomenológica envolve um retorno à experiência para obter descrições

compreensivas que darão base para uma análise estrutural reflexiva, criando um retrato da essência da experiência. Por isso, a abordagem fenomenológica está inserida na pesquisa qualitativa.

Toda pesquisa científica deve conceber seu produto a partir de uma organização metódica e sistemática dos conhecimentos adquiridos no processo. Desse modo, ao longo da elaboração do trabalho, consideraremos as seguintes etapas: levantamento de Igrejas fundadas por mulheres na cidade de Contagem, Minas Gerais. Para a construção da primeira etapa, foram contatadas as comunidades onde esse fenômeno acontece, a fim de apresentar o contexto social, cultural e econômico da região onde estão inseridas. Ocorreu, então, a seleção de três delas, seguindo o critério de tempo de fundação (a mais antiga e as mais recentes). Para desenvolver esses pontos, contei com a participação das comunidades locais, indicações de pessoas e grupos.

Então utilizo a abordagem descritiva que parte da ideia de que o fenômeno fala por si mesmo, além de ser uma característica do método fenomenológico. A técnica de pesquisa que uso, além dos pressupostos fenomenológicos, é a observação assistemática e a entrevista despadronizada.

a) Observação assistemática ou não estruturada, que, de acordo com Lakatos (2003), é a técnica também denominada de espontânea, informal, ordinária, simples, livre ocasional e acidental. Consiste em recolher e registrar os fatos da realidade sem que o pesquisador utilize meios técnicos especiais ou precise fazer perguntas diretas. Para tanto, procurei observar a dinâmica interna da Igreja, a ação pastoral e eclesial desenvolvida pelas líderes fundadoras, desenvolvi a observação assistemática em momentos de cultos e ações ministeriais. Pretendo, com isso, identificar as dinâmicas internas de ritos dos cultos e atividades pastorais, fazendo anotações dos dados apresentados.

b) Entrevista despadronizada ou não estruturada. O entrevistador/a tem liberdade, segundo Lakatos (2003), para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada. É a forma de poder explorar mais amplamente uma questão. Em geral, as perguntas são abertas e podem ser respondidas dentro de uma conversação

informal. As entrevistas feitas com as pastoras fundadoras das igrejas foram gravadas e apresentadas em forma textual na dissertação.

Em termos estruturais a pesquisa foi desenvolvida da seguinte forma: no primeiro capítulo, apresento elementos constituintes da história do pentecostalismo desde seu nascedouro até chegar ao Brasil, objetivando apresentar o lugar da mulher no pentecostalismo brasileiro. Dentro desse contexto paradoxal que subjuga a figura feminina, as mulheres criam estratégias de emancipação e empoderamento. Provocam rupturas internas e constroem seus próprios ministérios.

No segundo capítulo, fiz um sintético histórico de Contagem, apresentando suas características políticas, sociais e religiosas onde estão inseridas as igrejas fundadas por mulheres. Apresento relatos de participação nos cultos, encontros e entrevistas com as pastoras fundadoras das Igrejas pesquisadas. Torna-se possível perceber as motivações que provocaram as rupturas que as mobilizaram para fundação de seus ministérios.

No terceiro capítulo, apresento o feminismo, sobretudo na América Latina com ênfase nas conquistas das mulheres brasileiras. Aponto de forma sucinta, a influência do feminismo na elaboração das teologias feministas latinas americanas. Dentro desse contexto faço uma análise sobre as igrejas fundadas por mulheres como um fenômeno religioso, como algo que se apresenta dentro campo religioso brasileiro contemporâneo.

“Igrejas evangélicas fundadas por mulheres na região industrial de Contagem, Minas Gerais” apresenta-se como uma pesquisa de relevância para a visibilidade e compreensão do papel das mulheres no campo religioso contemporâneo, no qual, como já foi citado anteriormente, a religião apresenta-se como um processo paradoxal, que representa, ao mesmo tempo, o poder sobre as mulheres e o poder das mulheres.

1 IGREJAS EVANGÉLICAS E O PROTAGONISMO FEMININO

Este capítulo tem como objetivo apresentar o lugar das mulheres na história do pentecostalismo brasileiro. Para tanto, buscamos elementos da constituição de sua história desde o nascedouro, até chegar ao Brasil, onde encontra terreno fértil para seu pleno desenvolvimento. Seu contingente é composto na grande maioria de mulheres, que recebem do campo pentecostal um alento diante dos dramas vividos no cotidiano. Dentro de um contexto paradoxal que subjuga a figura feminina, tornando-a invisível, as mulheres criam estratégias de emancipação e empoderamento. Além disso, provocam rupturas internas e constroem seus próprios ministérios.

1.1 Pentecostalismos protestantes brasileiros

O fenômeno do pentecostalismo tem se apresentado no Brasil a partir da década de 1910 do século passado, e foi crescendo em meio às mazelas deixadas pela ditadura militar instaurada no país com o Golpe de 1964. A grande maioria da população estava exposta a uma luta desigual e perversa pela sobrevivência. As estruturas dos poderes econômico, social e político levavam a grande maioria para as margens do sistema de um processo desumano. A mensagem pentecostal ecoa nesse momento de desalento, oferecendo sentidos para as pessoas que se encontravam desorientadas e sem esperança. O movimento pentecostal se expandirá por toda a América Latina, e em alguns países latinos com mais intensidade do que no Brasil.

O movimento pentecostal teve sua origem na Igreja Metodista, em 1906, na cidade de Chicago, nos Estados Unidos da América. Trata-se de uma corrente do protestantismo que resgata, de forma literal, o acontecimento bíblico do Pentecostes, narrado no livro dos Atos dos Apóstolos³, em que todos os que estavam reunidos receberam a efusão do Espírito Santo. Foram concedidos aos primeiros cristãos dons, tais como o dom da liderança, da profecia, da cura e o dom de falar a língua dos anjos (glossolalia).

³ *Atos dos Apóstolos* é um livro contido na Bíblia sagrada dos cristãos. “O vento sopra onde quer e ouves o seu ruído, mas não sabe de onde vem, nem para onde vai” (Atos 3,8).

Havia nesses grupos uma expectativa, atizada pela virada do século, de que o iminente fim do mundo fosse precedido por um grande avivamento marcado pelo fenômeno glossolálico da Igreja primitiva. Em meio a exemplos esporádicos de glossolalia, a síntese doutrinária que permitiu o surgimento do pentecostalismo como movimento distinto por volta de 1900 por um dono de escola bíblica chamado Charles Parham: as línguas eram a evidência do batismo com o Espírito Santo. (FRESTON, 1994, p. 74).

Segundo Paul Freston (1994), o precursor do pentecostalismo foi um negro chamado William Seymour, um garçom com deficiência em um dos olhos, nascido como escravo. Ele professava a fé batista. Em 1906, foi convidado a pregar em Los Angeles por uma pastora de uma igreja negra *Holiness*⁴. Ali conseguiu fazer muito sucesso com sua oração em línguas. Naquele mesmo ano, Seymour alugou um velho armazém na *Azusa Street* (rua Azusa) naquela cidade. Logo atraiu muitas pessoas, inclusive brancos.

O movimento pentecostal é marcado pela liderança de negros e mulheres no seu início, algo inusitado para aquele contexto marcado por uma forte segregação racial e de gênero. Outra característica do movimento era a preparação para a segunda vinda de Cristo à Terra. Como o advento não aconteceu, a glossolalia assumiu papel de destaque na teologia pentecostal. Houve uma rápida expansão mundial do pentecostalismo devido à presença de missionários americanos no exterior e um número expressivo de imigrantes nos Estados Unidos. O movimento, quando chegou ao Brasil, ainda estava no início e, devido à falta de recursos, não construiu uma relação de dependência como as missões históricas.

De acordo com o sociólogo Paul Freston (1994), o pentecostalismo protestante brasileiro pode ser classificado a partir da história de três ondas. A primeira onda é representada pelas igrejas pioneiras Congregação Cristã do Brasil, fundada em 1910, na cidade de São Paulo, e Assembleia de Deus, fundada em 1911, em Belém do Pará. As principais características dessas igrejas estão na ênfase da teologia da prosperidade, no dom de línguas, nas práticas sectárias e ascéticas de oposição ao mundo exterior. Francisco Cartaxo Rolim (1985) aponta para uma democratização desses dons:

O simples crente não era considerado religiosamente ignorante, simples pedreiros, carpinteiros, empregados na construção civil podiam falar a seus companheiros de trabalho e trazer-lhe sua mensagem bíblica. Se o crente

⁴ *Holiness*: movimento de santidade iniciado na segunda metade do século XIX nos países de língua inglesa.

letrado das igrejas protestantes tradicionais pregava com a Bíblia na mão, o pentecostal, pastor ou simples crente sem instrução de letrado, ia também proclamá-la, impelido pelo sopro do Espírito Santo e manejando sua cultura oral. (ROLIM, 1985, p. 65).

Na segunda onda, não há diferença significativa na concepção teológica, a evidência maior está no dom da cura divina. Essa crença foi trazida por missionários do pentecostalismo estadunidense e estabeleceu-se no Brasil no final da década de 1960. As principais representantes dessa linha são as seguintes denominações: Evangelho Quadrangular (1953), Brasil para Cristo (1955), Deus é Amor (1962), em São Paulo, capital, e a Casa da Bênção (1964), em Belo Horizonte, Minas Gerais. Segundo Rolim (1985), os templos-sede dessas denominações foram construídos em todo o território nacional. O pentecostalismo acolheu no seu interior trabalhadores de diversas categorias, que contribuíram para a construção das igrejas. A maioria era muito simples, pareciam moradias. Os recursos para construção e manutenção saíam dos bolsos dos crentes. Assim, ao longo dos anos, foram pontilhando o Brasil com seus templos e salões.

A terceira onda iniciou-se na década de 70: Universal do Reino de Deus (1977), Internacional da Graça (1980), Cristo Vive (1986), todas no Rio de Janeiro, capital; Igreja Comunidade Sara Nossa Terra (1976), em Goiânia, capital do estado de Goiás, Comunidade da Graça (1979), Renascer em Cristo (1986) e Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo (1994).

De acordo com Mariano (1999), a característica principal dessa onda, além dos dons espirituais, é a exacerbação da guerra espiritual contra o diabo e a legião de anjos decaídos. Nas pregações dos líderes, a batalha espiritual está atrelada ao sucesso; a ênfase na teologia da prosperidade é contundente. Outra marca dessa corrente é a liberalização dos estereotipados usos e costumes externos de santidade.

Segundo Birman (1996), o lugar social do crente mudou. Os contextos em que surgem essas novas identidades são plurais, por isso, não podem ser ignorados.

O surgimento do neopentecostalismo é marcado por uma pluralidade de formas identitárias associadas ao universo pentecostal. O sentido dessa mudança, portanto, não pode ser analisado seja tomado como imutável essa identidade – como se fosse substantivamente dada e, portanto inquestionável – seja tomando como única e, em consequência,

desconhecendo o contexto no qual essas se constroem. (BIRMAN, 1996, p. 204).

O crescimento do pentecostalismo no Brasil, segundo Rolim (1985), deve-se ao fato de atingirem diretamente as camadas empobrecidas da sociedade e à substituição do catolicismo devocional aos santos como mediadores à divindade, por uma religiosidade que anseia e vivencia dentro de si a presença do Espírito Santo através da unção. Para Pierucci & Prandi (1995), a ampla receptividade encontrada nas igrejas pentecostais colabora efetivamente para o aumento das fileiras evangélicas.

De acordo com Regina Novaes (2001), uma das características dos pentecostais é penetrar em áreas não exploradas por outros segmentos religiosos. Portanto, consolida-se em setores sociais e espaços geográficos que não foram atingidos por políticas públicas. As sociólogas Maria das Dores Machado e Cecília Loreto Mariz (2012) corroboram com a ideia de Novaes ao apontarem que:

a literatura sócio-antropológica tem frequentemente salientado que as camadas populares são no Brasil as mais sensíveis à mensagem pentecostal. Um levantamento estatístico de templos evangélicos realizados na Região Metropolitana do Rio de Janeiro revela uma grande concentração de templos pentecostais nos bairros e municípios pobres, fenômeno que certamente se repete em outras regiões do país e que indica serem áreas de pobreza os terrenos mais férteis para o crescimento das igrejas pentecostais. (MACHADO; MARIZ, 2012).

Na doutrina pentecostal, de acordo com Machado & Mariz (2012), fiéis encontram não só parâmetros morais para suas atitudes, mas também uma série de crenças que criam disposições para uma atitude conversionista junto aos demais. Sentindo-se um “ser especial”, escolhida por Deus, a fiel se vê como responsável pela espiritualidade e salvação dos demais membros da família. A crença de que atitudes negativas dos que relutam em aceitar as normas religiosas são fruto da intervenção das forças do diabo possibilita que a fiel estabeleça certa distância entre o comportamento e as ações das pessoas. Ainda de acordo com Machado & Mariz (2012), trata-se de artifícios ideológicos que resultam na diminuição da responsabilidade da pessoa sobre os seus atos.

A dinâmica pentecostal é frenética, sempre apresenta uma novidade, elemento relevante para o surgimento de novos grupos. O movimento se espalhou pelas camadas médias e populares da sociedade brasileira. Nos primórdios da

década de 90, segundo Mariz & Machado (2012) muitos pesquisadores tendiam a afirmar que os movimentos carismáticos concentravam-se nos segmentos médios da sociedade brasileira, enquanto os pentecostais tinham sua base social nas camadas mais empobrecidas. No limiar do século 21, esses movimentos religiosos mudaram muito. Os católicos carismáticos conseguiram penetrar no meio popular atingindo os católicos mais pobres e os pentecostais passaram a atingir os setores médios da sociedade.

Já no ano de 2010, o centenário do pentecostalismo brasileiro foi comemorado no Brasil em “grande estilo”, juntamente com a ala carismática da Igreja Católica Romana, quando demarcaram suas posições políticas, interferindo no debate nacional nas eleições para presidente do país. A polarização se deu em torno das questões da legalização do aborto e da união homoafetiva, pouco avançando na discussão das políticas públicas, tamanho foi o “barulho” em torno das mesmas. De acordo com o cientista da religião Daniel Rocha (2012), mesmo sendo centenário, o pentecostalismo só passou a figurar nos meios acadêmicos e chamar a atenção da opinião pública em geral a partir da década de 1980. A partir dessa década a imprensa e a comunidade científica voltaram o seu olhar para os pentecostais.

Tal segmento vem reconfigurando o campo religioso de várias maneiras. Uma delas é atestada quantitativamente no seu contínuo e excepcional crescimento. [...] Juntamente com o crescimento numérico, o impacto do pentecostalismo está sendo sentido em todo campo religioso brasileiro e também na esfera política nacional. (ROCHA, 2012, p. 73-74).

A história mostra que o pentecostalismo consolidou-se em solos brasileiros. Hoje não representa apenas números que crescem no campo religioso, mas que também influenciam a esfera política. O “sopro da rua Azusa” espalhou-se pelas Américas, atingiu todas as etnias e penetrou em vários segmentos sociais.

Os pentecostais, segundo Mariz (2012), buscam, nas novas formas eclesiais, uma vida com sentido e significado. Nessa busca, encontram líderes com sensibilidade e capacidade para catalisar desejos e aspirações. Retiram o diabo de suas vidas, mas ele sempre volta. Essa é a expressão máxima do barroco, a eterna luta entre a carne e o espírito.

1.2 Novo homem, nova mulher, novos modelos de ser e acontecer no pentecostalismo

A decisão de tornar-se pentecostal numa sociedade majoritariamente católica provoca mudanças no comportamento de homens e mulheres, afastando-os das definições de gêneros predominantes nas sociedades latino-americanas (MACHADO, 2005). O estímulo dado para que os fiéis se envolvam na dinâmica da igreja provoca um impacto maior na vida das mulheres. Os homens evangélicos passam por um processo de “domesticação”. De acordo com Maria das Dores Machado (2005), o pentecostalismo combate a identidade masculina predominante na sociedade brasileira, motivando, nos homens que aderem ao movimento, novas condutas. Por outro lado, a conquista de uma autoridade moral e o fortalecimento da autoestima ampliam as possibilidades de as mulheres desenvolverem atividades extradomésticas e redes de sociabilidade, favorecendo o protagonismo feminino. A figura da mulher diante dos filhos e do marido lhe confere o lugar da autoridade.

Segundo Cecília Mariz (1997), na igreja o fiel aprende um novo estilo de vida sem álcool ou droga, e é apoiado por toda a comunidade, formada por pessoas que vivenciaram a mesma realidade. Uma nova rede de amigos é constituída, o que ajuda a redefinir sua identidade; sua autoestima é recuperada; seu estado de consciência é modificado, sem necessitar do uso do álcool ou droga, apenas pelo êxtase e dons do Espírito Santo. A família é um objeto central nas igrejas pentecostais. Nesse contexto religioso, o homem passa a perceber que deve ter maior compromisso com sua família, mulher e filhos do que com seus colegas de trabalho, de bar e de lazer.

E quando a mulher consegue a conversão do esposo, ampliam-se as chances de uma revisão do arranjo familiar em termos mais igualitários. Porque os homens, ao se converterem, tendem a abandonar o modelo de masculinidade predominante na sociedade e a se aproximar de um modelo mais andrógino, que é favorável às mulheres e ao grupo doméstico como um todo. (MACHADO, 1996, p. 67).

De acordo com Maria das Dores Campos Machado (2005), as mulheres nas igrejas pentecostais aprendem a se ver como indivíduos responsáveis pela vida e buscam criar espaços próprios de sociabilidade, diminuindo a dependência emocional com relação aos familiares. Mais seguras e autoconfiantes, elas criam

novas estratégias de lidar com o marido. Muitas não “mudam” seus parceiros no primeiro momento, mas, ao mudar seu próprio comportamento, acabam dando outro tom para a relação entre eles. Muitas abandonam as constantes cobranças e vão à luta em busca da realização de seus desejos. Deixam as cobranças de lado e logo ingressam no mercado de trabalho. Segundo Mariz (2014),

o pentecostalismo moderniza subjetividades, apesar de todo seu discurso encantado aparentemente antimoderno. Tal como o pietismo analisado por Weber, vejo o pentecostalismo como fornecendo um carisma racionalizante. [...] Possui uma afinidade eletiva ao mundo moderno, embora seja crítico do estilo de vida dominante nesse mundo. Outra novidade pentecostal seria a popularização de um conceito talvez presente nas igrejas protestantes brasileiras, mas pouco difundido, de que ter uma religião é praticar essa religião.

A doutrina pentecostal oferece aos fiéis parâmetros morais para fortalecer suas atitudes. A crença cria nas pessoas convertidas sentido de pertença ao grupo das escolhidas do Senhor, cria o senso de responsabilidade de salvação dos demais membros da família. Quando existe resistência em aceitar os dogmas religiosos, fiéis creem que são frutos da intervenção de forças sobrenaturais do mal. Isso possibilita que a ação do sujeito seja amenizada e as mulheres acabam desenvolvendo uma tolerância maior com seus parceiros. De acordo com Maria das Dores Machado (2005), aquilo que seria intolerável para muitas mulheres, como o alcoolismo e a traição masculina, pode ser interpretado como a luta do bem e do mal. Portanto, cabe à mulher pentecostal não só a tolerância, mas a batalha para ganhar a alma de seu companheiro para o Senhor. Para a socióloga, esse tipo de visão é muito atraente para aquelas pessoas que dispõem de poucos recursos cognitivos e sem muitas chances de interação com movimentos sociais ou instituições que possuem outras visões de mundo.

Para a socióloga Cecília Mariz (2014), quando são analisadas as histórias de vidas dos convertidos, o que se observa não é que o problema tenha chegado ao fim, mas sim uma mudança na forma de percebê-los. Esses passam a ser vistos não mais como causas de sofrimentos e dores, mas como etapas de progresso, desafios a serem superados. As dificuldades enfrentadas passam a ser vistas como passageiras e reveladoras da força de Deus. As diferentes religiões oferecem estratégias para dar plausibilidade ao sentido que atribuem aos problemas. A efusão do Espírito pode gerar experiências de um estado modificado de consciência que

tornem plausíveis os sentidos que atribuem à vida, especialmente para aqueles que foram criados em um universo encantado da cultura popular brasileira.

1.3 O protagonismo das mulheres evangélicas pentecostais: vestígios apagados na história

A reforma protestante do século 16 possibilitou o protagonismo das mulheres evangélicas ao dar acesso à leitura a partir da bíblia. No século 21, assistimos aos desdobramentos do movimento reformista que, segundo Michelle Perrot (2005), permitiu às mulheres, uma possibilidade de subversão dos símbolos, dos ritos e das mensagens.

A história é escrita a partir de fontes, documentos e vestígios. De acordo com Michelle Perrot (2007), quando se trata de algo relacionado à história das mulheres é uma dificuldade imensa. Sua presença é frequentemente apagada, seus vestígios, desfeitos, seus arquivos destruídos. Na gramática há mistura de gêneros, usa-se masculino plural: “eles” dissimula “elas”. Nos grandes movimentos da história, sempre se ignorou o número de mulheres. No campo religioso a situação não se difere.

A intensidade dos vínculos entre a as mulheres e a religião, segundo Perrot (2005), confere uma reação aos acontecimentos de cunho religioso, principalmente as rupturas no campo protestante. Ao analisar suas razões, Perrot (2005) cita o também historiador e sociólogo das religiões, Jean Baubérot, que apresenta o pietismo alemão como movimento que favoreceu a expressão das mulheres. Os movimentos de renascimentos protestantes ocorridos no século 18 foram espaços de protagonismo feminino em todos os segmentos sociais. Na Nova Inglaterra, os exemplos são de Esther Bure e Sarah Prince, mulheres cultas cuja correspondência revela amizade e fervor; Sarah Osbone e Suzane Anthony, mulheres do povo que lideravam grupos com práticas religiosas e sociais muito radicais. A migrante Ann Lee que nasceu em uma família pobre na Inglaterra, sofreu na pele toda degradação imposta pela revolução industrial à classe trabalhadora. Segundo Shirley Gomes Carreira (2012), Ann Lee começou a trabalhar nas usinas aos oito anos de idade, como a maioria das crianças da época. Não havia a menor possibilidade de virem a frequentar a escola e Ann nunca aprendeu a ler e escrever. No entanto, tinha uma

memória privilegiada, da qual iria valer-se muitos anos mais tarde. Rompeu com a igreja Anglicana por influência de uma “profetisa” que conheceu na juventude.

Em 20 de julho de 1773, o jornal *The Manchester Mercury* publicou que Ann, sua irmã Betty e dois homens entraram na igreja anglicana em Manchester e perturbaram o ofício matinal da congregação. Sua ação começou a ser vista como fanatismo e heresia. Logo começaram a surgir rumores de que seus atos eram fruto de bruxaria. (CARREIRA, 2012, p. 91).

Ann Lee e seu grupo sofreram várias perseguições. Em 1774, Ann e seu marido, juntamente com outros familiares e oito seguidores, partiram para o Novo Mundo, para fundar uma comunidade livre dos pecados da sociedade inglesa. Em solo americano fundaram a “Sociedade dos Crentes na Segunda Aparição de Cristo”, o shakerismo.

Na Grã-Bretanha, de acordo com Perrot (2005), a renovação religiosa, principalmente a metodista, leva as mulheres à resistência. Algumas delas aderem a um racionalismo em que o social toma o lugar do sagrado. Outras canalizam suas energias para um socialismo milenarista impregnado de crença na salvação pelas mulheres. No final do século 18, Joanna Southcott, mulher do povo, empregada doméstica, que teve uma rígida educação anglicana, na juventude começou a frequentar os estudos bíblicos com os metodistas. Passou a ouvir vozes que anunciava que ela era “a mulher vestida de sol”⁵. Joanna começou então a pregar, chegando a ter mais de cem mil seguidores, dos quais 60% eram mulheres, na época de sua morte.

No Brasil, especificamente no Estado de Minas Gerais, conhecido pela sua rigorosa tradição católica, alguns fatos nos chamam a atenção, como o caso da comunidade rural Noivas do Cordeiro (ROESE, 2010), situada na cidade Belo Vale, a 100 km de Belo Horizonte. A comunidade é liderada por mulheres que romperam no primeiro momento com os dogmas católicos em 1890. Esse rompimento se deu com o sacramento do matrimônio, que, segundo a concepção da Igreja Católica Apostólica Romana, é indissolúvel. A protagonista é Maria Senhorinha, que, casada, foge de casa com seu amante Francisco Fernandes, fato que resultou na excomunhão do casal (sua descendência carregará o peso da exclusão por quatro

⁵ Figura bíblica do livro do *Apocalipse* – “um grandioso sinal apareceu no céu: uma mulher vestida com o sol, tendo a lua sob os pés e sobre a cabeça uma coroa de doze estrelas” (cf. Ap 12,1).

gerações). No segundo momento, a neta de dona Senhorinha, Delina, com 16 anos casa-se com o Pastor Anísio, de 43 anos, oriundo de uma Igreja Batista. Por volta de 1940, ele funda uma nova Igreja, com o nome Noiva do Cordeiro, que tinha regras muito rigorosas, longos jejuns, várias proibições, como ouvir músicas, dançar, mulheres cortarem os cabelos. Com o enfraquecimento da liderança do pastor, devido à fragilidade própria da idade, e com sua morte em 1995, Delina, ainda no vigor da idade, lidera mais uma ruptura, dessa vez com a tradição Evangélica, e se torna a matriarca da comunidade. O primeiro sinal de sua ruptura foi a permissão de que na cerimônia de casamento de sua filha tivesse música: “Neste dia muitos jovens dançaram pela primeira vez. Era o começo de um novo tempo” (ROESE; SCHULTZ, 2010). A comunidade abandonou definitivamente os dogmas religiosos, mas mantém os fundamentos morais e espirituais e a comunidade se mantém coesa.

Há uma organização, uma orientação baseada em valores humanos e espirituais que guardam a essência do que de mais caro produziu e preservou o ser humano ao longo de sua história. São valores e tradições sustentados por mulheres que rompem com modelos patriarcais ao longo do século. (ROESE, 2014, p. 1).

As experiências citadas, de acordo com Perrot (2005), possuem uma arqueologia comum, foram experiências de tomada da palavra e de responsabilidade, cujo legado irá regar o século.

1.4 As pioneiras na fundação de Igrejas

Na visão de Michelle Perrot (2005), os laços entre a mulher e a religião são muito complexos, pois perpassam a disciplina e o dever, a sociabilidade e o direito, as práticas e as linguagens. As religiões pesaram como chumbo sobre os ombros das mulheres; ao mesmo tempo foram canais de conforto, auxílio e abrigo de suas mazelas. Para Perrot (2005), as religiões, no século 19, sofreram um processo de feminização, que pode ser interpretado em dois sentidos: como uma arregimentação e como uma tomada de influência. Não de poder! Este continuava masculino, assim como o político. Nesse contexto, mulheres, à frente de seu tempo, aproveitaram as brechas deixadas pela reforma religiosa do século 16 e ousaram construir suas ideias concebendo novas formas de pensar o protestantismo.

Tentei buscar, na história, precursoras de eventos parecidos nos séculos passados. A escassez de registros é assustadora, os arquivos públicos calaram as mulheres (PERROT, 2005). Apresento aqui algumas raras exceções em momentos históricos diferentes. As fontes usadas foram os sítios oficiais das denominações fundadas por elas. Ao buscar outros registros não oficiais, percebi um grande número de escritos com objetivo de atingir a dignidade e a moral dessas mulheres. As acusações vão de “hereges” a “prostitutas”, perpassando por fundadoras de seitas, prostíbulos e ministérios de Jezebel⁶. Alguns assumem o papel de juízes divinos e já garantem a condenação delas ao inferno.

A) Mary Baker Eddy (1821-1910)

Nasceu em New Hampshire, Estados Unidos. Foi criada em uma família protestante, adepta da Igreja Congregacional. Em 1866, após um acidente que colocara sua vida em risco, foi curada ao ler a Bíblia, principalmente a narrativa de como Jesus havia curado um homem paralítico. Em 1875, publicou o livro *Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras*. O livro foi reeditado 382 vezes durante a sua vida.

Fundou a primeira “Igreja da Ciência Cristã”, em Boston, em 1879, com sua reorganização ocorrida em 1894. Recentemente foi tombada como marco histórico da cidade. Atualmente está presente em 135 países, além dos EUA, incluindo o Brasil.

Na concepção da fundadora, a Igreja é simplesmente o local onde as pessoas se reúnem para orar, cantar, ouvir leituras e compartilhar ideias que ajudam uns aos outros a crescer espiritualmente. Todos são iguais perante Deus, por isso não existe um clero, um pastor pessoal. A Bíblia e o livro *Ciência e Saúde* são estudados juntos. Entre os membros e frequentadores encontram-se pessoas de todas as etnias e classes sociais. Os rituais de culto são muito simples, incluem hinos cantados por toda a congregação ao som do órgão ou piano, oração silenciosa feita em conjunto, oração em voz alta do Pai Nosso e a leitura bíblica semanal com trecho da Bíblia e do livro *Ciência e Saúde*.

⁶ Jezebel ou Jezabel: esposa de Acab, rei de Israel, famosa por ser a mulher mais perversa da Bíblia (cf. 1 Reis 21,1-16).

Em 1881, ela fundou a Faculdade de Metafísica de Massachusetts. Em 1908, Mary Backer Eddy fundou o *Cristian Science Monitor*, um periódico que continua em circulação nos Estados Unidos até os dias de hoje.

B) Aimee Semple McPherson (1890-1944)

Nasceu em Ontário, Canadá, em 1890. Seus pais eram metodistas e atuavam como missionários no Exército de Salvação. Durante sua adolescência, Aimee ficou fascinada pela teoria da evolução de Darwin, que a levou a questionar sua crença religiosa. Seu pai, tomado de grande preocupação, a convidou para uma reunião de avivamento com o evangelista irlandês Robert Semple, que mais tarde tornou-se seu marido. Ambos passaram a viajar para países distantes no intuito de pregar o evangelho. Em uma dessas viagens, o missionário Robert Semple veio a falecer vítima de malária. Viúva aos 19 anos, grávida da filha Roberta Star Semple, voltou aos Estados Unidos e começou, juntamente com sua mãe, a atuar no Exército de Salvação.

Em 1921, em Nova York, Aimee conheceu o contador Harold Stewart McPherson e uniu-se a ele em matrimônio. Tiveram um filho, Rolf Kennedy McPherson. Aimee não deixou o ministério, continuava ajudando a mãe nas reuniões de avivamento, promovidas pelo Exército de Salvação, realizadas por todo o território dos Estados Unidos. O marido, incomodado pela situação, pediu o divórcio. A missionária enfrentou todas as agruras, viuvez, abandono, dificuldades financeiras, fatos esses que não a impediram de continuar sua missão. Em uma pregação na Califórnia, em 1922, foi inspirada a denominar seu ministério de Quadrangular. No dia 1º de janeiro de 1923, foi inaugurado o templo, em Los Angeles, denominado de *Ângelus Temple* (Templo dos Anjos). Um mês depois, foi inaugurado o Instituto Evangelístico e Missionário para formação dos líderes. Em 1924, ela fundou a primeira rádio evangélica dos Estados Unidos. Aimee não parou com as viagens evangelísticas. Durante sua ausência, sua mãe, Mildred Ona Pearde, cuidava da administração do templo.

Ela enfrentou sérios problemas de saúde na maior parte da década de 1930. Um desastroso terceiro casamento durou menos de dois anos. Sua realização pública mais notável nos anos 30 foi um programa social no Templo Ângelus que distribuiu alimentos, roupas e outros donativos a muitas famílias carentes. Durante a Depressão, o refeitório ofereceu 80.000 refeições só nos dois primeiros meses. Sua contribuição mais importante e

duradoura foi a criação da Igreja Internacional do Evangelho Quadrangular, cujo nome aponta para Cristo como aquele que salva, cura, batiza com o Espírito Santo e virá outra vez. Donald Dayton argumenta que essas quatro ênfases em conjunto caracterizam e distinguem o movimento pentecostal como um todo. É aquilo que se denomina o 'evangelho pleno'. (MATOS, 2014).

A Igreja do Evangelho Quadrangular Internacional está presente em 146 países pelo mundo. No Brasil, a denominação já conta com diversos missionários espalhados por vários países. De acordo com Freston (1994), a Igreja do Evangelho Quadrangular, em 1992, tinha mais de 3.000 igrejas e 4.000 congregações em 1991, servidas por mais de 10.000 pastores. Uma característica que se destaca nessa denominação é o fato que 35% do pastorado serem mulheres, das quais 22% são titulares. Há inclusive casos em que a pastora titular é a esposa e o marido pastor auxiliar. O instituto Bíblico quadrangular em São Paulo, em toda a história de sua existência sempre contou com mulheres em sua diretoria.

C) Valnice Milhomens Coelho (1944-)

Nascida em 1944, em Carolina, estado do Maranhão, converteu-se aos 15 anos, lendo a Bíblia sozinha. Aos 23 anos foi nomeada a primeira missionária enviada à África, pela junta de Missões Mundiais da Convenção Batista Brasileira. Morou em Moçambique por 13 anos. Depois foi para África do Sul, onde se aprofundou no avivamento.

Foi por ocasião de sua ida à África do Sul, onde ficou por dois anos, que ela entrou em contato com os ensinamentos da confissão positiva através da Escola Bíblica Rhema, ligada ao ministério de Kenneth Hagin. Valnice afirma que já havia recebido esse tipo de doutrina por revelação mesmo antes de ter qualquer contato com os ensinamentos de Hagin. (ROMEIRO, 1998, p. 20).

Em 1985, durante uma Escola de Ministérios, em Pretória (África do Sul), Valnice recebeu um chamado sobrenatural de Deus. No mesmo ano, retornou ao Brasil e deu início ao seu ministério, com base em Recife, sendo reconhecido juridicamente como utilidade pública municipal e estadual. Adquiriu sede própria em 1989, que se tornou o centro de treinamento dos "Guerreiros de Oração" pela nação. Depois entrou para a Rede Bandeirantes de Televisão, com um programa chamado "A Palavra da Fé".

Poucos meses depois, Valnice, deu início a outro programa, de segunda a sexta, denominado "Escola bíblica na TV". Ela ficou por 23 anos consecutivos

ministrando pela televisão. Em 28 de março de 1994, na sede do Ministério Palavra da Fé, no estado de São Paulo, nasceu oficialmente a Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo – INSEJEC. Atualmente a igreja possui mais de sessenta congregações em todo Brasil, além de filiais em outros países, como Portugal, Moçambique, Suíça e Japão.

D) Lanna Holder (1973-) e Rosania Rocha (1975-)

Lanna Holder nasceu no estado de Pernambuco e se converteu ao protestantismo em 1995. Tornou-se missionária com pouco tempo de conversão. Foi a primeira mulher a pregar no congresso de Gideões Missionários da Última Hora, realizado anualmente em Santa Catarina. Lanna tentou fugir de sua orientação sexual por vários anos e passou por todos os processos de cura ministrados por sua denominação.

Por mais que no fundo a igreja saiba que a homossexualidade não é abominável, ela se recusa a corrigir um erro. É difícil voltar atrás e reconhecer que errou depois de milênios condenando os homossexuais. É mais fácil manter como está. (HOLDER, 2013).

Em 2002, nos Estados Unidos, conheceu a pastora Rosania Rocha, nascida no estado de Minas Gerais. Ela era pastora e uma das cantoras gospel mais conhecida pela comunidade brasileira de lá. As duas conheceram a teologia inclusiva naquele país. Em 2008 retornaram ao Brasil com a relação homoafetiva assumida. Em 2011 fundaram, na capital de São Paulo, a Comunidade Cristã Cidade de Refúgio. Nesse mesmo ano Lanna Holder foi ungida pastora. A Igreja está presente também em Campinas, Londrina, Natal e Brasília. Segundo as fundadoras, a igreja não exclui ninguém, pela convicção de que Deus não faz acepção de pessoas. Para a socióloga Maria Goreth Santos (2002, p. 63),

essas novas igrejas não têm uma linha genealógica como as demais. Surgem quase sempre da necessidade de se adaptar às novas exigências dos fiéis. Quase sempre são a não rigidez de antigos costumes, dos valores morais e as não cobranças, os motivos pelas quais essas igrejas crescem tanto. Nessas igrejas o Espírito Santo é quem monitora o comportamento dos fiéis. O poder do Espírito nas vidas das pessoas as orienta para o que é considerado correto frente aos preceitos bíblicos. Não existe um líder máximo que controla os passos dos fiéis.

O pentecostalismo democratiza os dons do Espírito Santo, uma vez que ele pode manifestar, tanto em homens como mulheres. São a partir dessas brechas que as mulheres evangélicas têm avançado em suas estratégias de participação e intervenção no campo religioso evangélico do Brasil.

1.5 Das rupturas à fundação de igrejas

Segundo Michelle Perrot (2007), a reforma protestante é uma ruptura. Ao fazer da leitura da Bíblia um ato e uma obrigação de cada indivíduo, homem ou mulher, ela contribuiu para desenvolver a instrução das meninas. A reforma aconteceu também para a mulher, colocou-a na praça pública e hoje elas querem muito mais, anseiam pelo exercício de poder dentro das igrejas, não obstante provocam com isso muitas tensões. Quando é negada a elas a participação efetiva em cargos de liderança, elas rompem e procuram fundar o seu próprio ministério, realidades já vividas em várias partes do Brasil.

De acordo com as mudanças da sociedade contemporânea, percebe-se que a dominação masculina não se impõe como algo indiscutível e passivo de incorporação: as resistências estão presentes; ainda que de forma velada, as mulheres estão reagindo. (BANDINI, 2010, p. 145).

O campo religioso pentecostal é um espaço social de contradições: ao mesmo tempo em que subestima a capacidade feminina, pode oferecer elementos que funcionarão como forças mobilizadoras que levam as mulheres a construírem alternativas de emancipação.

Impulsionadas pela vontade de viver sua “fé” de um modo alternativo, sem estarem submissas a uma hierarquia que, na maioria das vezes, não delega cargos de liderança ao séquito feminino, estas mulheres rompem com as congregações pentecostais e neopentecostais das quais eram seguidoras e fundam igrejas em espaços adaptados. (SILVA, 2010, p. 156).

No âmbito de pesquisas feitas sobre a fundação de igrejas por mulheres, o tema ainda é tímido e pouco explorado. A pesquisa de Maria Goreth Santos (2002) foi pioneira ao apresentar Igrejas fundadas por mulheres, embora seu objetivo central não fosse esse. A mesma apresenta três pastoras que fundam suas próprias igrejas. Uma delas é a já conhecida pela mídia Valnice Milhomens, fundadora da

Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo, em Recife, capital de Pernambuco; as outras duas são a pastora Leni Librelon, da Igreja Cruzada Missionária, e a pastora Regina Nadir, da Igreja da Aliança com Deus, ambas igrejas na capital do Rio de Janeiro. Segundo Santos (2002), Leni converteu-se na adolescência, em 1965, na Igreja Brasil para Cristo, e, posteriormente, mudou-se para a igreja Casa da Bênção. Saiu dessa igreja para fundar a Igreja Cruzada Missionária em resposta a um chamado do próprio Deus. É casada com pastor da mesma congregação. Possui outras igrejas filiais e conta com pastoras auxiliares que lideram as igrejas locais. Já a bispa Regina Nadir foi obreira da Igreja Universal do Reino de Deus, tendo sido consagrada pastora pelo bispo Edir Macedo em 1984. Dez anos depois, saiu dessa denominação porque foi convidada a fundar um ministério com mulheres. Diz não ter sentido uma orientação específica de Deus para esse propósito. Fundou a Igreja da Aliança com Deus, em 1994. Conta com uma secretária e um pastor auxiliar, de acordo com a pesquisa de Santos (2002).

Em pesquisa de mestrado desenvolvida por Janine Targino da Silva (2010), a autora selecionou onze igrejas na região de Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, onde se concentra considerável parte da população com carência socioeconômica e uma grande ineficácia da aplicação de políticas públicas. O estudo de Silva concentrou-se na figura das fundadoras. Aplicando o conceito de carisma, em conjunto com a noção de empoderamento, a pesquisa apreendeu as elaborações cosmológicas e os discursos dos frequentadores sobre a sua adesão a estes grupos e das líderes sobre as suas expectativas em torno da formação de igrejas comandadas por mulheres. Houve um cruzamento de dados sobre o perfil do conjunto evangélico brasileiro e a maior participação das mulheres nas denominações evangélicas. A pesquisadora identificou o fato de que quando as mulheres exercem o pastorado elas inevitavelmente encontram novas configurações para vivenciarem a sua religiosidade, bem como as consequências da prática da liderança religiosa nas várias áreas de suas vidas. Citarei dois exemplos de mulheres que romperam com suas antigas denominações e fundaram as próprias igrejas de acordo com a pesquisa de Silva (2010).

O primeiro caso é o de Joyce. Seguidora da Igreja Pentecostal Nova vida, durante anos passou por extremas dificuldades financeiras. Apesar de exercer papel de destaque na congregação, fazendo revelações e orações de cura para os fiéis, não recebeu resposta positiva do pastor quando pediu sua ajuda. Em seus relatos,

revelou o temor do pastor com relação à sua influência dentro da Igreja, o que, segundo ela, foi o motivo da recusa em ajudá-la. Insatisfeita, migrou para a Igreja Deus é Amor, onde permaneceu por alguns meses. Saiu após receber uma revelação de que Deus lhe daria um “templo”. Após adaptar alguns cômodos de sua pequena casa, Joyce transformou-se em pastora após a fundação da Igreja da Pescadora de Almas.

A história de Joana é semelhante à anterior (SILVA, 2010). Durante muitos anos ela seguiu uma igreja pentecostal cujo pastor, segundo ela, não aceitava a participação de mulheres nas decisões da igreja. A atuação de Joana era na distribuição de revelações e oração de cura de enfermos. Em uma dessas revelações, entregou uma mensagem para o pastor, dizendo-lhe que o filho que sua esposa esperava era do sexo feminino. O pastor demonstrou insatisfação com essa revelação, pois seu desejo era de que a criança fosse menino, e por isso promoveu uma campanha difamatória contra Joana para que os fiéis não dessem crédito a revelações distribuídas por ela. A situação se agravou após o nascimento da criança, que de fato era uma menina. O desfecho da história aconteceu com o afastamento de Joana daquela denominação e a fundação, por ela, do Templo Evangélico Pentecostal Deus Emanuel, sendo tratada por seus seguidores como Bispa (SILVA, 2010).

Segundo Patrick Camporez (2013), em Vila Velha, Espírito Santo, três mulheres de classe média fundaram a Igreja Viva Praia da Costa:

Simone Saiter, 39 anos, estudou faculdade de Geografia; Brunela Diório, 38, fez Direito; e Sabrina Matias, 39, cursou Administração de Empresas. Elas poderiam ter seguido no mercado de trabalho formal, mas, mesmo depois de formadas, optaram pela dedicação exclusiva à vida religiosa.

Há um ano e meio, elas fundaram a Igreja Viva da Praia da Costa, onde atuam como líderes e pastoras. O templo funciona num galpão alugado, na Rua São Paulo, no bairro Praia da Costa, em Vila Velha, e atualmente reúne mais de 100 membros.

“Nós não viemos de uma denominação grande. Somos de uma igreja que nasceu dentro de casa, com estudo bíblico”, explica Simone, que é pastora sênior, uma espécie de líder do grupo.

Ela diz que a igreja criada pelas três pastoras se diferencia das demais – além do fato de ser comandada só por mulheres – por trabalhar a Bíblia de uma forma “contemporânea”. “Devemos entender que estamos vivendo no ano de 2013. Os papéis hoje são diferentes dos de dois mil anos atrás”, diz. Durante os cultos, exemplifica Brunela, a igreja utiliza luzes coloridas no teto e também usa redes sociais para articular encontros. “É um estilo de vida, pois estamos quebrando paradigmas. Jesus não está numa saia longa. Aqui o jovem encontra uma igreja aberta”.

Para promover a integração dos fiéis e atrair o público mais jovem, a igreja promove encontros em ambientes mais descontraídos, como as praias, para atrair principalmente os mais jovens.

Para Simone, a atenção da igreja deve estar voltada para os ensinamentos bíblicos. “Entendemos que recebemos um chamado de levar as pessoas para Cristo”. (CAMPOREZ, 2013).

A busca pela formação, em todos os âmbitos, tem dado às mulheres uma capacidade de novas chaves de leitura bíblica, levando-as a romper com as hermenêuticas fundadas no patriarcalismo. Segundo a pastora Simone Saiter, 40 anos, da Igreja Viva Praia da Costa,

uma passagem do apóstolo Paulo é frequentemente usada por lideranças evangélicas que excluem as mulheres de seus quadros: “As mulheres estejam caladas nas igrejas; porque lhes não é permitido falar; mas estejam submissas como também ordena a lei” (1Coríntios 14:34). O silêncio exigido naquela época, porém, fazia parte do contexto cultural. Os cristãos se reuniam em sinagogas, onde as mulheres não podiam se manifestar. Para evitar atrito com os judeus, eram orientadas a apresentar seus questionamentos em casa, juntos dos maridos. Hoje a realidade é outra. (SAITER apud CARDOSO, 2013).

Segundo Ivone Gebara (1998), o desafio posto na atualidade é de tentar romper com as formas tradicionais hierárquicas que comandam nossa cultura, que são reproduzidas pelo cristianismo por meio de suas instituições.

1.6 Lideranças das mulheres evangélicas pentecostais

As igrejas protestantes históricas e pentecostais tendem, em geral, a serem mais abertas do que a Igreja Católica quanto à aceitação da liderança feminina. De acordo com Mariz (2012), no catolicismo, apenas homens celibatários podem ser sacerdotes, ou seja, além de rejeitar a mulher como líder, impede o sacerdote de compartilhar a vida com ela. Os dados do IBGE 2010 apresentados no quadro abaixo ratificam a afirmativa da socióloga Cecília Mariz (2014), de que as mulheres são maioria na participação na vida das igrejas cristãs. Portanto, a abertura para cargos de liderança permanece no campo protestante, principalmente nos segmentos pentecostal e neopentecostal.

Quadro 1 – Mulheres e homens nas Igrejas Cristãs

Igreja Católica Apostólica Romana	Igrejas evangélicas pentecostais (*)
62.099.856 mulheres	14.097.289 mulheres
61.180.316 homens	11.273.195 homens
	*Assembleia de Deus, Congregação Cristã do Brasil, Evangelho Quadrangular e outras.
Evangélicas de Missão (**)	Evangélica não determinada (***)
4.227.745 9 mulheres	5.117.575 mulheres
3.409.082 homens	4.100.554 homens

Fonte: IBGE (2013)

Em uma reportagem da revista *Istoé* (2013), intitulada “A força das pastoras”, o jornalista Rodrigo Cardoso entrevista pastoras de várias denominações em diversos lugares do Brasil. Essa matéria deu visibilidade a um fenômeno que vem se apresentando no País. De acordo com cientista da religião entrevistada nessa reportagem, a professora Sandra Duarte de Souza, em muitas instituições religiosas as mulheres conseguem criar uma empatia muito mais sólida com a comunidade do que os homens. A Igreja Batista da Lagoinha, em Belo Horizonte (MG), foi citada por possuir corpo pastoral significativo do sexo feminino. Os batistas estão divididos em dois grupos que se organizam em convenções: a Convenção Batista Brasileira, que não aceita a ordenação de mulheres, e a Convenção Batista Nacional, que reúne as igrejas avivadas⁷ que aceita mulheres no pastorado. A primeira mulher a ser aceita na Ordem dos Pastores Batistas do Brasil (OPBB) foi a pastora Zenilda Cintra, da Igreja Batista Esperança, em Taguatinga (DF), e se tornou nacionalmente conhecida. Em uma entrevista cedida à revista “Cristianismo Hoje”, em 2014, a pastora afirma acreditar que seu papel tem sido o de porta-voz das pastoras entre os pastores e a estrutura denominacional, uma vez que hoje há cerca de 180 pastoras que não são filiadas à ordem.

[...] Muitos pastores me tratam com respeito e amor cristão, e faço o mesmo. Mas há uma parcela de pastores que, por não quererem me chamar de pastora, nem se aproximam e agem com indiferença a meu respeito. Às vezes, isso dói, mas estou há tanto tempo enfrentando essas dificuldades que supero, recebendo o consolo de Deus. As igrejas Batistas, de modo geral, por causa da historicidade, são consideradas sérias na questão de ensino e obediência aos princípios bíblicos. Portanto, acredito que o fato de os batistas aceitarem pastoras influenciará positivamente outras denominações especialmente as históricas. (CRISTIANISMO HOJE, 2014, p. 29-30).

⁷ Avivamento: movimento do século XVIII, que introduziu o conceito de uma segunda obra de graça, distinta da salvação.

O movimento missionário do século XIX trouxe o protestantismo para o Brasil e para a América Latina em geral e as mulheres protestantes passaram a abrir espaços para seus trabalhos missionários. Sem a opção do convento, como as mulheres católicas, as mulheres protestantes teriam que buscar outras modalidades de ministérios (ARAÚJO; SILVA, 2012, p. 88). Portanto, o pioneirismo das mulheres evangélicas no campo religioso brasileiro passa pelo protestantismo histórico. A pioneira no Brasil, segundo Araújo & Silva (2012), foi Sarah Kalley.

A partir de 1855, após o casamento de Sarah com o missionário Robert Reid Kalley, o casal assume um novo campo missionário, o Brasil. Ela inaugura a metodologia de evangelização através da escola dominical, ou seja, traz para o país a sua experiência, uma vez que fora líder do movimento de Escola Dominical em Torquay, Inglaterra. Isso, por si só, bastaria, mas também trabalhava com missões, fundou uma oficina de costuras para senhoras que, além de servir para ensinar a costura às mulheres, com a produção obtida supria necessidades dos campos das missões. Sarah era pianista, musicista, pintora, poetisa e poliglota, possuía muita habilidade para ensinar (CARDOSO, 2013). Aqui no Brasil, ela foi além da fundação da escola dominical, seu ministério foi abrangente. Assumiu o ministério de colportagem, preparava sermões para serem lidos no púlpito pelos presbíteros, até mesmo para seu marido. O mais antigo hinário evangélico tem traduções e composições dela. “Salmos e Hinos” permaneceu o mais popular hinário utilizado por todas as denominações no Brasil até a metade do século 20 (HAHN, 2011, p. 158), ainda hoje presente em muitas igrejas evangélicas.

Na atualidade, para o sociólogo Ricardo Mariano (2013), em entrevista à Revista *Istoé*, um dos motivos para o aumento do número de mulheres no corpo pastoral é o crescente sucesso do movimento gospel, onde as estrelas são as cantoras. A pastora Ana Paula Valadão, da Igreja Batista da Lagoinha, em Belo Horizonte, de acordo com a reportagem (ISTOÉ, 2013), é uma das maiores expoentes da categoria no País. Ana Paula estudou em um seminário para poder ser consagrada, porém, ela acredita que não é um diploma que faz uma pastora. Para a pastora-cantora, o título se ganha na prática, com a comprovação dos dons espirituais. A presença de fiéis do sexo feminino em seminários evangélicos é crescente já há duas décadas (ISTOÉ, 2013). O protestantismo histórico abriu o caminho para o exercício do sacerdócio feminino no Brasil, seguido pelos

pentecostais. O Quadro 2 aponta as Igrejas protestantes históricas e pentecostais pioneiras na abertura ao sacerdócio de mulheres em terras brasileiras.

Quadro 2 – Primeiras igrejas com pastorado feminino no Brasil

Exército da Salvação	Pentecostal
Igreja do Evangelho Quadrangular	Neopentecostal
Igreja Episcopal Anglicana do Brasil	Histórica
Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil	Histórica
Igreja Metodista	Histórica
Igreja Presbiteriana Unida	Histórica

Fonte: Maria Goreth dos Santos (2002)

Segundo Machado (2014), esses dados corroboram com os estudos qualitativos que indicam mudanças no interior das próprias hierarquias religiosas, com a consagração de mulheres para o pastorado e a tendência ainda tímida de lideranças femininas criarem novas igrejas pentecostais. De acordo com Cecília Loreto Mariz (2014),

Embora a aceitabilidade da liderança feminina nas igrejas protestantes históricas e nas pentecostais também varie muito, podemos encontrar várias igrejas pentecostais fundadas por mulheres. A crença na efusão cotidiana do Espírito Santo igualmente em homens e mulheres, permite que multipliquem lideranças femininas muitas vezes não oficiais e que muitas dessas possam fundar novas igrejas quando se sentem inspiradas a isso. O discurso pentecostal oferece toda a legitimidade para esse fenômeno.

Uma pesquisa quantitativa apresentada por Maria das Dores Campos Machado (2007), intitulada *Spirit and Power* (Espírito e poder), realizada em dez países do mundo, demonstra que, embora 61% dos pentecostais brasileiros concordem com a afirmação de que a mulher deve obedecer ao marido, em outras circunstâncias sociais – como no mercado de trabalho, na hierarquia religiosa e no mundo da política – a maioria expressa visão mais igualitária da participação dos homens e das mulheres. Assim, 64% dos pentecostais aceitam a ideia de que mulheres inseridas no mercado de trabalho podem atuar como pastoras ou sacerdotes e 69% acreditam que as mulheres inseridas no mercado de trabalho podem manter uma relação apropriada e terna com os maridos e filhos. Quando a questão é a participação dos homens e mulheres na política institucional, menos da metade dos pentecostais (36%) compartilha a opinião de que a liderança masculina é melhor do que a feminina.

A historiadora Michelle Perrot (2005) expõe a relação das mulheres com a religião enquanto um processo paradoxal, ao passo que as religiões representam, ao mesmo tempo, o poder sobre as mulheres e o poder das mulheres. As grandes religiões monoteístas como a cristã, fundadas no patriarcalismo, fazem a diferenciação dos sexos colocando a mulher em posição inferior; no entanto, elas se tornam instrumentos de poder quando conseguem transformar a posição de submissão que a religião lhes reserva.

1.7 Da invisibilidade ao empoderamento das mulheres pentecostais

Nas últimas décadas do século 20, assistimos ao surgimento de lideranças femininas no campo pentecostal. Porém, mesmo nas igrejas que permitem o pastorado feminino, a hierarquia é composta pela maioria do sexo masculino. O ministério feminino, para ganhar corpo e deixar de ser apenas rosto, passa por processos exaustivos de disputa de poder. Muitas delas ficam na invisibilidade, ou “tornam-se mulheres sem nome, esposas de pastores” (BANDINI, 2014, p. 40).

A missionária Sarah Kalley, apesar do seu amplo trabalho missionário desenvolvido nas igrejas congregacionais brasileiras, é geralmente lembrada como a esposa do pastor Robert Kalley. Atualmente, na AIECB (Aliança das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil⁸), existe um número significativo de missionárias casadas com pastores. Ainda que sejam atuantes, são lembradas como esposas de pastores, com raras exceções (ARAÚJO; SILVA, 2012).

No campo pentecostal, não há como não mencionar a participação das mulheres da Igreja Assembleia de Deus. Quando os missionários suecos Daniel Berg e Adolf Vingren foram expulsos da Igreja Batista de Belém do Pará em 1910, por motivos de diferenças doutrinárias, foram acompanhados por um grupo de vinte batistas em que mais da metade eram mulheres, segundo registros do próprio Daniel Berg. O pastor também registrou que o primeiro membro a receber o batismo com o Espírito Santo foi Celina Martins Albuquerque (FONSECA; FARIAS, 2010).

[...] A primeira movimentação de uma mulher transpor os limites que demarcavam a atuação feminina na igreja gerou grande polêmica entre pastores e missionários. [...] seu nome, Frida Strandberg Vingren,

⁸ A AIECB é um dos ramos do congregacionalismo brasileiro. É uma das denominações oriundas do protestantismo histórico, que, na década de 1960, se pentecostalizou.

recomendava respeito e cautela, o que, no entanto, não a livrou de inúmeras críticas que apontavam a exagerada liberdade de atuação que dispunha. [...] era de conhecimento de todos que ela dirigia cultos quando seu marido não estava presente, realizava pregações em praças públicas. (FONSECA; FARIAS, 2010, p. 23).

A prática pastoral de Frida provocou tantos incômodos entre os líderes do norte e nordeste que a temática sobre o ministério feminino foi introduzida na primeira convenção da denominação em 1930. Do evento saiu uma resolução que derrotou qualquer intento de legitimar o ministério feminino (BANDINI, 2010, p. 185). A missionária foi a única mulher a participar das atividades da convenção geral.

As irmãs têm todo o direito de participar na obra evangélica, testificando de Jesus e a sua salvação, e também ensinando quando for necessário. Mas, não se considera justo que uma irmã tenha função de pastor de uma igreja ou ensinadora, salvo em caso excepcionais como citado em Mateus 12.3-8. Isso acontece somente quando não existam na Igreja irmãos capacitados para pastorear e ensinar. (Apud Convenção Geral de 1930. Resolução sobre o Ministério Feminino. IN: Daniel et al, 2004, p. 40).

Nas convenções que se seguiram após a primeira, foi permitida somente aos homens a participação efetiva, ficando reservada às mulheres a participação apenas nos cultos públicos durante a noite. Frida, a protagonista de tantos eventos na Assembleia de Deus, morreu desconhecida, sendo enterrada como indigente. Após a convenção de 1930, o trabalho feminino da Igreja Assembleia de Deus enfraqueceu, embora ainda existam mulheres ordenadas ao diaconato e ao trabalho de missão.

A pluralidade de identidades femininas está presente nesta Igreja porque as mulheres assembleianas apresentam diferentes realidades e comportamentos que lhes permitem desenvolver um novo olhar para o mundo ao seu redor. O empoderamento psicológico é um processo recente que está em andamento no interior das maiores Congregações. O exercício do ministério feminino é leigo para a maioria das mulheres enquanto o ministério ordenado continua restrito às esposas de pastores – presidentes e líderes regionais. A carreira do ministério feminino (cooperadora > diaconisa > missionária) não apresenta regras claras de seleção, porque está envolvida numa névoa de resistência masculina, em virtude do ranço de sua origem cultural e histórica. (BANDINI, 2010, p. 187).

Em sua pesquisa de doutorado, Claudirene Bandini (2010) apresenta as trajetórias sociais de dezesseis mulheres, distribuídas nas Igrejas Assembleia de Deus, Igreja do Evangelho Quadrangular e Universal do Reino de Deus. Usarei aqui três exemplos de mulheres que ratificam as reflexões que as sociólogas e cientistas

da religião vêm fazendo sobre o pentecostalismo como canal de participação efetiva e emancipação das mulheres. Bandini (2010) utilizou o conceito de empoderamento como instrumento de intervenção da realidade, ou seja, práticas sociais que permitiram e estimularam a participação e a inserção de mulheres no espaço religioso. Esse conceito auxiliou a interpretação de práticas nas quais as mulheres líderes criam oportunidades para as seguidoras desenvolverem primeiramente o empoderamento psicológico (autoestima, autoconfiança, autorrespeito), para em seguida ampliarem o empoderamento social, isto é, a luta pelo capital cultural, pela equidade de poder e pela legitimidade no espaço religioso.

O primeiro exemplo é da missionária Mariana⁹, da Assembleia de Deus. Ela já nasceu em lar assembleiano e iniciou seu ministério aos 13 anos na escola bíblica. Aos 18 anos, casou-se com o obreiro e filho do pastor presidente nacional da congregação. Ela foi ordenada em 1998, juntamente com outras esposas de pastores. Ela não aceitou “a marca esposa de pastor”. Traçou a sua história, buscou formação fora do espaço eclesial, fez direito. Nos cultos que ministra para as mulheres de sua igreja, utiliza as figuras bíblicas, como Rute e Ester, como modelos a serem imitados por todas. Procura sempre estabelecer relações com o cotidiano. Ela pretende escrever um livro relatando sobre mulheres missionárias e esposas de pastores que se apropriaram do poder sobre si mesmas: voltaram a estudar, conquistaram nome próprio e autonomia em relação ao marido e aos pais (BANDINI, 2010).

Marina, o segundo exemplo citado por Bandini (2010), também nasceu em lar evangélico. Seus pais eram membros da Igreja do Evangelho Quadrangular. Suas primeiras socializações começaram dentro dessa denominação. Começou a trabalhar aos 13 anos de idade como recepcionista em um escritório de imobiliária e aposentou-se como analista de sistema. Na igreja, conheceu um bancário que se tornou seu marido. Os dois fizeram curso de teologia e alguns anos mais tarde foram ordenados pastores. Marina desenvolveu a função de pastora auxiliar de seu marido, porém, com o passar do tempo, vieram os conflitos conjugais e pastorais que resultaram no divórcio. Ela passou a carregar a “marca da mulher divorciada”. Buscou mais formação, tornou-se psicanalista e hoje, em suas pregações e reuniões, principalmente com mulheres de pastores, ela aconselha que todas

⁹ Os nomes aqui apresentados são fictícios (BANDINI, 2010).

estudem. Em seus relatos, diz que tem amigas que estudaram em função de seus incentivos. Ela estabelece limites para a comunidade, reserva seu tempo de descanso, vivência com os filhos e estudo. É considerada a pastora feminista da Igreja do Evangelho Quadrangular, é muito respeitada em seu meio.

O terceiro exemplo é o de Mara, da Igreja Universal do Reino de Deus. Segundo Bandini (2010), foi a instância mais complicada para fazer seu trabalho de pesquisa devido ao controle que a igreja exerce sobre seus membros. O número de entrevistadas foi muito reduzido. A trajetória de Mara é surpreendente. Seus pais vieram do interior da Bahia. Começou a trabalhar aos 13 anos de idade, aos 16 já era sócia de um escritório de contabilidade, aos 18 anos conheceu seu marido. Aos 19 anos, ela já havia comprado um terreno e construído nele quatro pequenas casas. Para seus pais, ela construiu um sobrado com moradia na parte de cima e um comércio na parte de baixo para ambos trabalharem. Ainda com 19 anos se tornou mãe e continuava a realizar seus projetos. Foi cursar Direito na Universidade de São Paulo (USP). Enquanto Mara seguia sua carreira profissional, o marido continuava estático, ela continuava a trabalhar muito e chegou a adoecer. Foi nesse período que conheceu a Igreja Universal do Reino de Deus a convite de uma amiga. Conheceu Edir Macedo e passou a fazer parte do departamento jurídico da IURD, assessorou todo o processo de defesa do Bispo Macedo na época em que foi preso e tornou-se seu braço direito. Mara era a única mulher entre 40 homens na administração inclusive da TV Record. Ela aceitou o convite para se tornar uma representante da igreja no poder legislativo em São Paulo. Sua campanha foi toda bancada pela Igreja. Assumiu o cargo de deputada em 2003 e envolveu-se nas discussões de políticas públicas para mulheres.

Ainda sobre essa temática, a pesquisa de mestrado em Ciências Sociais de Maria Goreth dos Santos (2002) sobre o pastorado feminino, teve como objetivo perceber como as mulheres que ocupam cargos de pastoras lidavam com as tensões entre os papéis de gênero, dentro do contexto mais amplo das transformações da modernidade. Santos entrevistou quinze pastoras de igrejas históricas, pentecostais e neopentecostais, onde ela pode perceber as principais motivações que levaram as mulheres a reivindicar o pastorado e as estratégias utilizadas para que alcançassem o intento. Destaquei o protagonismo de duas pastoras da Igreja Internacional da Graça, Néia e Neusa, de locais diferentes. A primeira dirige com o marido uma filial da igreja. Filha de um pai alcoólatra, que

usava de violência para impedi-la de ir à igreja, batia muito nela e a prendia dentro de casa. Não aceitava que ela tivesse mudado de religião, pois anteriormente pertencia a uma família católica. Até que chegou a um ponto que o pai aceitou. A sua vida mudou quando se casou com um rapaz da igreja. Hoje ele é pastor da igreja e ela pastora auxiliar. Como auxiliar tem funções específicas, prega, coordena os obreiros, cuida da parte administrativa e da secretaria da igreja. Segundo seus relatos, existe uma comunhão ministerial com seu marido.

No caso da pastora Neusa, o marido não era evangélico e não permitia que ela desenvolvesse o trabalho na Igreja. O caminho foi a separação, que, segundo ela, foi um “livramento de Deus.” Hoje é professora aposentada e para chegar ao pastorado passou por um seminário intensivo, dedicando-se hoje à igreja em tempo integral.

Para a historiadora Michele Perrot (2005) a palavra “pública” é recusada às mulheres. Sobre elas pesam a dupla proibição, cidadã e religiosa.

[...] “Não permitais que uma mulher funde seita ou culto. Uma mulher em público está sempre deslocada”, diz Pitágoras. As mulheres, no entanto, são como coro da cidade; requisitadas elas clamam os heróis, lamentam nos cortejos fúnebres; mas sempre em grupo anônimo e não como uma pessoa singular. O cristianismo vai mudar as coisas? Parece que há inicialmente certa efervescência. (PERROT, 2005, p. 318).

As mulheres estabelecem uma relação com o poder primeiramente no jogo de palavras. No singular “poder”, como muitos outros, é um termo polissêmico. No singular, ele tem um sentido político, que tem como centralidade a figura do Estado, que normalmente se supõe masculina. No plural, ele é fragmentado, difuso e periférico, onde as mulheres detêm grande parte (PERROT, 1988). Elas rasgam a capa da invisibilidade e assumem seus poderes. Como coloca Michelle Perrot (2005), no ocidente contemporâneo elas investem no privado, no familiar e mesmo no social, na sociedade civil.

1.8 Considerações finais

A Reforma protestante do século 16 é uma ruptura que atingiu também as mulheres. Ao fazer da leitura bíblica um ato e uma obrigação de cada pessoa, a Reforma contribuiu para desenvolver o processo de alfabetização das meninas. Na

Europa protestante foram criadas escolas para ambos os sexos. Nesse ângulo, segundo Michelle Perrot (2007), o protestantismo é muito mais igualitário.

O reformador Martinho Lutero divulgou a ideia de que cada crente é um sacerdote. Esse pensamento legitima o desejo das mulheres de exercer o sacerdócio. Segundo Pierre Bourdieu (1999), a Igreja é marcada por um antifeminismo profundo presente em um clero pronto para condenar todas as faltas femininas. Para o sociólogo francês, a ordem do cosmo é masculina, inscrita nos corpos de ambos os sexos, não havendo possibilidade de escapar da natureza cósmica, ou seja, o poder é masculino.

Na visão de Michel Foucault (1999), o poder deve ser analisado como algo que circula: ele não está na pessoa ou no Estado, ele está entre as pessoas, é periférico e molecular. Ao longo da história podemos conferir o exercício de poder das mulheres, pois estas sempre criam estratégias de sobrevivência de si mesmas, de sua prole ou mesmo de seus projetos. No livro sagrado dos judeus e cristãos, as mulheres dão movimento às narrativas. Não há como negar a força das lideranças como Sara, Rebeca, Miriam, Ester, Judite e Débora; mesmo Dalila e Jezebel, em movimento contrário, apresentam força, poder e determinação.

As mulheres evangélicas pentecostais irrompem, criam suas estratégias de participação, tornam-se protagonistas de seus próprios ministérios. Segundo a historiadora Michelle Perrot (2005), desde sempre foi exigido o silêncio às mulheres, seja no espaço público ou no privado. Porém, elas não respeitaram suas injunções, frequentemente fazem do silêncio uma arma, que dispara sem ao menos avisar. A historiadora Carla Bassanezi Pinsky (2005), na apresentação da obra *Minha história das mulheres*, de Perrot, faz um apelo para que a história das mulheres saia das universidades e ganhe as ruas. Sugere que a história das mulheres seja discutida nos salões de beleza, nos almoços de família, nas mesas de bar, nos ambientes de trabalho; deve estar presente nas escolas, nas TVs e rádios brasileiras, no judiciário e no legislativo, assim como na elaboração de políticas públicas. E por que não na esfera religiosa? Quem são essas mulheres que, no século XXI, seguem construindo as rupturas iniciadas pela Reforma do século 16? Por que elas rompem?

Para responder a essas questões, no próximo capítulo serão apresentadas, por meio de resultados da pesquisa empírica, as respostas das autoras, como Cecília Loreto Mariz, Maria das Dores Machado, Elizabete Fiorenza e Ivone Gebara a esse processo de rupturas, bem como as pastoras que fundam suas próprias

igrejas e as interpretações em relação a essas rupturas por meio da investigação empírica.

2 IGREJAS EVANGÉLICAS FUNDADAS POR MULHERES NA REGIÃO INDUSTRIAL DE CONTAGEM

Neste segundo capítulo, apresento fragmentos da história de Contagem na sua constituição industrial, seus aspectos políticos, sociais e religiosos onde estão inseridas as igrejas fundadas por mulheres. Serão apresentados relatos recolhidos do *mundo da vida* de mulheres que ousaram romper com suas antigas denominações e fundar seus próprios ministérios, onde os ritos foram ressignificados, sem abandonar os fundamentos pentecostais.

2.1 Contagem são muitas

O escritor mineiro Guimarães Rosa escreveu várias obras onde retrata a diversidade do estado de Minas Gerais. Ele poetizou que “Minas são muitas”. Porém, poucos são aqueles que conhecem as mil faces das Gerais. Parafraseando o escritor, podemos dizer que “Contagem são muitas”. Segundo as historiadoras Adalgisa Arantes Campos e Carla Junho Anastasia (1991), houve a existência de três Contagens. A primeira foi decorrente de uma imposição metropolitana e se limitou a ser um Registro Fiscal, contando com casas e currais, suficientes apenas para a contagem do gado. Simultaneamente ao Registro Fiscal e nas proximidades dele, surgiu a povoação de São Gonçalo da Contagem, resultado da livre determinação dos povos que escolheram um lugar mais adequado à vida urbana e, portanto, um pouco distante do Registro. Dessa São Gonçalo, permanecem parte da primitiva arborização, algumas edificações e objetos de arte sacra. Ela é a Contagem Sede. Por último, temos a Contagem Industrial.

O processo de industrialização de Contagem se deu na década de 40 do século XX. Seguindo a tendência mundial, os representantes dos setores produtivos mineiros reivindicam o investimento e a concentração de atividades industriais no estado e no País. Após a implementação da Cidade Industrial “Parque Industrial Juventino Dias”, a cidade passou por duas fases de desenvolvimento, segundo o *Atlas histórico, geográfico e cultural de Contagem*. Na primeira fase, a atividade concentrou-se nas imediações do Distrito, verificando-se ramos tradicionais da indústria, como metalurgia, indústria mecânica e exploração de minerais não metálicos. A partir de 1968, com a criação do CINCO - Centro Industrial de

Contagem, ocorreu a diversificação da estrutura industrial, instalando-se indústrias de bens de capitais e de consumo duráveis. Contagem abriga atualmente o maior complexo industrial do estado de Minas Gerais. No limiar do século XXI, verificou-se um grande crescimento nas atividades de serviço e comércio, esse crescimento foi fomentado pela construção do primeiro shopping da cidade no início dos anos de 2000.

A localização privilegiada e a grande concentração industrial e comercial fazem da cidade um espaço urbano-industrial que, ao longo das últimas décadas agregou outras identidades individuais e coletivas especialmente do operariado. Ao contrário de outras cidades, cresceu de fora para dentro e constitui um tecido urbano disperso espacialmente e recortado e fragmentado por linhas férreas, rodovias e grandes avenidas. Como cidade da região metropolitana de Belo Horizonte, tem seus limites geográficos confundidos com a capital e outros municípios da grande BH. (SANTOS; ANDRADE, 2009, p. 9).

O complexo industrial de Contagem foi um grande atrativo para muitas famílias que vieram do campo em busca de uma vida melhor. A fomentação industrial em Contagem se deu no período da ditadura militar no Brasil, implantada em 1964. Aqueles eram também os anos do chamado Milagre Econômico. O governo e os empresários estavam eufóricos com os altos índices de crescimento apresentados pela economia brasileira. Na realidade, o crescimento da economia nada tinha de milagroso. Esse período apenas representou a consolidação da expansão capitalista que já vinha se desenhando em nível mundial. Aqui no Brasil, ficou famosa a teoria do bolo criada pelo então ministro da economia Delfim Neto, que consistia em fazer o bolo crescer para depois ser dividido. O bolo cresceu, porém a classe trabalhadora não comeu nem as migalhas. O arrocho salarial e a intensa exploração do trabalho foram fundamentais para a acumulação de capitais. O governo militar manipulava as informações e anunciava índices irreais da inflação e os reajustes salariais eram baixíssimos. No esforço para garantir a sobrevivência, os trabalhadores foram obrigados a multiplicar as horas extras, as mulheres passaram a acumular a dupla jornada de trabalho. No emprego, elas se defrontam com discriminação em todos os níveis, salários menores, demissão de gestantes, as casadas passam a ter mais dificuldades de arrumar empregos, os filhos ainda menores são obrigados a abandonar os estudos e ir cedo para o trabalho ou para as ruas, caindo na marginalidade.

Esse era o desenho da classe trabalhadora do Brasil nos “anos de chumbo”. A realidade de Contagem não era diferente da do restante do País. O clima era de muita tensão, havia uma repressão ostensiva sobre qualquer forma de organização e manifestação de insatisfação por parte dos operários. A jornada de trabalho era exaustiva, incluídas as horas passadas na condução, que eram geralmente precárias, a jornada ficava entre 14 e 15 horas. As lutas por melhorias no trabalho eram pequenas, como recusa em fazer hora extra, pequenas paralisações, jornais, boletins que eram distribuídos clandestinamente dentro das fábricas. Todas as iniciativas atravessaram muitas dificuldades, pois, quando descobertas, resultavam em prisões e mortes.

O primeiro grande movimento de resistência dos operários à política econômica do regime eclodiu na cidade mineira de Contagem. No início dos anos 1960, esta já era um dos principais centros industriais de Minas Gerais. A cidade possuía aproximadamente 28 mil habitantes e destes mais de 18 mil eram operários, que moravam e trabalhavam no seu cinturão industrial. (BUONICORE, 2014).

Nos primeiros anos da década de 70, o morador dos bairros empobrecidos das grandes cidades do Brasil e, também, de Contagem estava dentro desse contexto. Ele, então, começa a se organizar, em busca de soluções para os problemas básicos, como asfalto, água, luz, transportes. Iniciativas que começaram a dar origem às associações de bairro, clubes de mães, movimentos contra o custo de vida. A Igreja Católica Romana teve uma participação destacada nesse processo, pois respirava os novos ares das reformas advindas do Concílio Vaticano II. Em 1968 aconteceu, em Medellín, Colômbia, a segunda Conferência Episcopal Latino-americana, cujas orientações estavam voltadas para um posicionamento crítico frente às misérias que assolavam as vidas no continente latino-americano.

O projeto pastoral desenvolvido na região industrial, portanto, deu maior atenção à historicidade e às necessidades sociais daquele momento. Os depoimentos de agentes pastoral daquele período revelam que a onda de renovação da Igreja não foi acolhida nem feita da mesma forma. Não houve homogeneidade, pois o ritmo variava nas diversas comunidades, oscilando entre o tradicional e o novo em andamento. O substrato do catolicismo popular que muitos católicos traziam de suas cidades de origem foi sendo incorporado pelas CEB's. (PASSOS, 2010, p. 198-199).

Na região industrial de Contagem, foi um momento de efervescência da Teologia da Libertação: nessa nova epistemologia o pobre passa a ocupar um lugar

teológico, a fé passa a ser um instrumento de reflexão e libertação das estruturas ideológicas impostas pela espoliação do capitalismo. Surgem as Comunidades Eclesiais de Base, Círculos Bíblicos, Pastoral Operária, Pastoral de Juventude dentre outras pastorais, que dinamizavam seus encontros a partir do método Ver-Julgar-Agir, desenvolvido pela Ação Católica Brasileira, fundada em 1935 e caçada pelos militares após o golpe de 1964. Uma nova concepção de evangelização foi se desenhando, a vivência em comunidade além do espaço da celebração da fé era o espaço da afetividade; laços de amizades que se faziam cada vez mais fortes. Era também o espaço de formação de lideranças católicas. O diretório pastoral da Arquidiocese de 1978 incentivava o trabalho. O arcebispo apoiava as manifestações populares de fé, com o objetivo de pôr em prática as mudanças trazidas pelo Concílio Vaticano II. Ele conseguia alcançar o equilíbrio, além de ter grande capacidade de tocar o coração das pessoas e ser um grande homilista. Embora não estivesse presente em todas as assembleias da região, sabia apoiar e incentivar (PASSOS, 2010, p. 199).

Os relatos até agora feitos não significam ausência de outros credos religiosos na região. Segundo Mauro Passos (2010), o catolicismo era majoritário. O campo religioso apresentava um movimento diferente com a presença de outras religiões. Já existia o trânsito religioso, como também a pertença religiosa ao candomblé, à umbanda e ao kardecismo. A igreja eletrônica estava presente em boa parte dos lares brasileiros. Estavam à frente de programas evangelísticos, o pastor Rex Humbard, que ministrava o culto televisivo com sua esposa, filhos e netos, e o pastor Jimmy Swaggart, que pregava, cantava, e “fazia milagres.”

Os dados do IBGE de 2010 confirmam o crescimento dos evangélicos no Brasil. De acordo com dados deste mesmo Censo, a cidade de Contagem possui 603.442 habitantes. Sendo 51,48% de mulheres e 48,52% de homens. 1/3 da população feminina é evangélica, ou seja, 107.662 mulheres distribuídas entre evangélicas pentecostais, de Missão e não determinadas, de acordo com a Tabela 1, a seguir.

**Tabela 1 – Número de mulheres participantes de Igrejas Evangélicas
Contagem - 2010**

Igrejas Evangélicas	Nº de mulheres
Igrejas Pentecostais	58.033
Evangélicas de Missão	21.421
Evangélicas não determinadas	28.168

Fonte: www.cidades.IBGE.gov.br

De acordo com Maria das Dores Campos Machado (2004), o pentecostalismo tem um rosto feminino em várias denominações, como na Igreja Universal do Reino de Deus, na Igreja do Evangelho Quadrangular, na Igreja Deus é Amor, dentre outras, pois a desproporção entre os homens e as mulheres mostra-se maior do que aquela encontrada no conjunto de evangélicos.

A cidade de Contagem é palco onde o rosto feminino do pentecostalismo também se apresenta, não apenas como um dado a mais na estatística. Mulheres evangélicas pentecostais têm protagonizado rupturas no interior de suas denominações e fundado seus próprios ministérios. Ao romperem elas dão um corpo para a mais nova expressão religiosa do cristianismo evangélico brasileiro no século XXI.

2.2 As Igrejas fundadas por elas

Segundo Ivone Gebara (1996), é matéria prima do feminismo recolher narrações, sair do silêncio em que as mulheres permanecem nas análises científicas e permitir que elas falem de seus sentimentos, suas dores, suas esperanças, seus sonhos. A observação semiparticipante permitiu-me que adentrasse no mundo da vida dessas mulheres. Os nomes para elas escolhidos (Rebeca, Ester, Rute e Débora) são figuras bíblicas femininas do primeiro testamento do livro sagrado para judeus e cristãos. Tudo foi em comum acordo: deixei claro que os nomes fictícios iriam preservá-las¹⁰. Durante o percurso, tive que mudar o nome de uma delas, que fez uma nova sugestão.

¹⁰ As entrevistas foram autorizadas pelo CEP (Comitê de Ética em pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais) - nº do registro 3827651420000.5137.

Todas as pastoras estão ligadas indiretamente à minha trajetória, seja pela minha militância política e religiosa, seja pelo fato de ter crescido na região. Sempre que conversávamos, deixava claro que queria colaborar para que a história delas fosse conhecida. Na medida do possível, a partir de uma linguagem simples, eu falava da Reforma Protestante, da história das igrejas que nasceram a partir desse evento histórico e que nada se sabia sobre as mulheres, que elas tinham um papel muito importante na história, pois demonstraram coragem de romper com suas antigas denominações e construir um novo ministério. Em alguns momentos percebia entusiasmo; em outros, muita desconfiança. Foram muitos encontros informais que traziam elementos, sempre fragmentados de suas histórias. As conversas rápidas após os cultos eram sempre recheadas de carinho, apesar do cansaço de todas elas. Criamos laços, construímos uma relação de respeito e companheirismo e, aos poucos, fui percebendo que tudo isso faz parte do mundo da vida, portanto, da minha pesquisa.

Na transcrição procurei ser fiel, porém, como Gebara (2000) relata em sua obra *A mobilidade da senzala feminina*, algo sempre escapa devido ao jeito que imprimimos na nossa forma de escrever. O encontro formal para fazermos as entrevistas foi permeado por imprevistos. Cada entrevista durou em média uma hora e meia, porém as conversas rompiam as tardes ou mesmo as noites, tornando-se diálogos recheados de cumplicidades. Para Husserl (2008), não se faz ciência sem saber quem é o ser humano; no entanto, precisamos deixar de lado ou colocar entre parênteses todas as nossas suposições, nossos “pré-conceitos” acerca das coisas e da experiência, essa é a chamada atitude fenomenológica nomeada por Husserl de *epoché*. Ou seja, um exercício necessário de suspender o juízo sobre objetos empíricos, sobre tudo o que não aparece como imediatamente evidente ante nossa consciência. Através da atitude fenomenológica, os objetos se revelam na sua essência.

Levei para cada uma delas uma caixa de madeira enfeitada no estilo porta-joias, fotografias etc. A intenção era provocar a conversa sobre a história de cada uma. Eu explicava que a caixinha é também uma fonte histórica e que simbolicamente temos que tirar a história das mulheres da caixinha para torná-la visível. Segundo Perrot (2005), as mulheres têm paixão pelos estojos, pelas caixinhas e medalhões em que elas guardam seus tesouros, mechas de cabelo, flores secas, cartas, fotografias. Essa prática é a reunião do capital simbólico do

tempo. As mulheres são responsáveis pela memória da vida privada, por isso, a simbologia da caixinha teve como objetivo resgatar e registrar essas memórias.

2.2.1 A igreja da pastora Rebeca

A pastora Rebeca é bem conhecida na região industrial de Contagem. Sempre ouvia falar sobre ela, seus cultos de cura e libertação. Através da irmã de uma amiga de infância, cheguei até sua igreja em junho de 2013, quando estava acontecendo um culto festivo preparado em homenagem à pastora, que iria viajar para Israel. Havia muitas músicas de louvor e apresentação de dança. A igreja estava muito cheia, os membros das outras congregações filiais estavam prestigiando o evento. O espaço estava ornamentado com flores de papel feitas pelas irmãs da Igreja. No púlpito, havia muitos brindes doados pelos membros, os mesmos tinham aparência de confecção própria como uma cesta de frutas e legumes, e pães tipo francês, bíblias e outros objetos.

Havia um pregador convidado, além do marido da pastora Rebeca e, entre uma pregação e outra, uma obreira fazia o sorteio a partir dos números que as pessoas haviam recebido daqueles que faziam a acolhida de quem chegasse. Eles já sabiam da minha presença, que fora avisada previamente. O marido da pastora Rebeca me anunciou como uma jornalista que iria fazer a biografia da pastora e passou-me o microfone. Um tanto constrangida, tentei explicar o meu projeto sem desmentir o pastor.

O culto seguiu com a pregação da pastora, foi um momento de cura e libertação, as pessoas ficaram de pé sob o seu comando e de olhos fechados, algumas pessoas caíam, outras choravam, todos e todas eram acolhidas pelos obreiros da igreja. Um manto era estendido sobre as pessoas que caíam. Após esse rito, veio o momento das ofertas. No altar havia uma mesa com uma túnica branca estendida com nomes escritos à caneta. Foi feita uma oração especial em cima daquela túnica – pois lá estavam os nomes das pessoas que contribuíam para financiar a viagem da pastora a Israel –, que seria a veste com que ela entraria no rio Jordão para relembrar a sua passagem pelas águas (batismo). Formou-se a fila para as ofertas, cada pessoa que participava recebia uma pequena pedra. Depois de quase três horas de duração, o culto chega ao fim.

Fiquei aguardando para falar com a pastora Rebeca durante quase uma hora. Conversei com seu marido, que me contou parte de sua história. Quando me aproximei dela, estava exausta. Assentou-se, colocou os pés para cima e falou um pouco de sua história. Falei do meu projeto de pesquisa, pedi permissão para participar de alguns cultos. Na medida em que fui participando dos cultos de maneira engajada, envolvendo-me em todos os ritos, a comunidade acolheu-me com muito carinho. A grande maioria é de pessoas de baixo poder aquisitivo. Sempre ao final do culto vinham me acolher e contar as novidades e sempre me indicavam igrejas fundadas por mulheres, pois muitas eram oriundas delas.

Em determinados cultos a pastora acolhia as pessoas na porta, em algumas ocasiões especiais usava o manto judaico (talit). Tentamos marcar a entrevista por várias vezes, mas foram desmarcadas devido à agenda de visita pastoral. Certa vez, ela marcou para um sábado, porém, a missionária Miriam me ligou dizendo que ela não poderia me atender, pois, no dia seguinte, haveria Santa Ceia na igreja. Rebeca tem o hábito de se recolher e passar o dia em oração e jejum, preparando-se para aquele rito. Em uma determinada noite, nas habituais conversas no final do culto, ela me disse que não que não me daria a entrevista, pois sentia que não era para ela, não era vontade de Deus. Indaguei sobre o meu trabalho, “se não era também vontade de Deus”. Ela respondeu que sim, mas a participação dela não. Porém, nomeou a missionária Miriam, para falar em seu nome, pois ela é seu “braço direito”. O nome para identificar a missionária está baseado em uma figura bíblica do primeiro testamento: a primeira mulher a ser chamada de profetisa, irmã de Moisés e Aarão. A entrevista com a missionária foi apenas para complementar a pesquisa, pois consegui colher muitos dados em conversas informais após os cultos da pastora Rebeca.

O nome escolhido para denominar a pastora que fundou a primeira igreja em Contagem, Rebeca, é também de uma personagem bíblica do livro do Gênesis. Ela é neta de Nacor, irmã de Abraão. Era uma jovem bela, virgem e hospitaleira. Foi escolhida para ser esposa de Isaque, filho de Sara e Abraão. Sem titubear, aceitou o convite para ir a uma terra estrangeira e casar-se com seu primo Isaque. Ela foi considerada uma das matriarcas do povo de Israel, pois se denominou assim por ser uma mulher de grandes iniciativas.

A pastora Rebeca tem 63 anos, um casal de filhos adultos e dois netos. Passou a congregar na Igreja Assembleia de Deus ainda na adolescência, e ali

cresceu. Após anos liderando as vigílias ocorridas dentro da Igreja, foi impedida pelo pastor titular de sua congregação de continuar na liderança de qualquer atividade dentro da igreja, pelo simples fato de ser mulher, pois, segundo o mesmo, havia um impedimento bíblico para que uma mulher fosse uma liderança ordenada.

Em 1987, ela resolveu enfrentar a situação e fundar o seu próprio ministério. Foram anos de muita angústia, pois estava sozinha nessa empreitada. O marido não era convertido e não aceitava a sua religião; “era um ótimo trabalhador, porém bebia muito”, segundo ela. Na época, foi trabalhar como mecânico no Iraque, deixando-a à própria sorte. Rebeca sofreu todos os tipos de perseguição por parte do conselho de pastores da Assembleia de Deus e mesmo de outras denominações. Quando seu marido voltou, converteu-se e tornou-se seu pastor auxiliar. Hoje estão juntos à frente do ministério. Houve um crescimento da Igreja, que tem cinco congregações espalhadas por Belo Horizonte e Contagem, comandadas por pastores e pastoras consagradas pela pastora Rebeca. Segundo seus relatos, a Igreja, juntamente com as congregações, conta hoje com cerca de quase quinhentos membros, porém é muito difícil o controle.

Eu não fico obrigando os irmãos a dizimar, não controlo a vida de ninguém. Vim de uma denominação muito rígida, no princípio quando eu fundei meu ministério também era assim, depois fui deixando o Espírito Santo agir. Hoje cada um veste como o Espírito toca, deixo as pessoas livres. Aqui não fico pregando prosperidade, prego bênça que é ver a família unida, prego cura e libertação. Já sofri muito, fui muito caluniada e Deus me deu a vitória, minha família toda se rendeu aos pés de Jesus, meu marido é pastor, meus filhos também. Meu esposo é uma bênça, hoje ele me ajuda muito, eu ganhei ele pra Jesus. Hoje nós fazemos tudo junto, eu consagrei ele pastor. (Trecho de conversa com a pastora após o culto).

Durante minha passagem pela Igreja, presenciei apenas uma crise institucional. O filho da pastora resolveu sair e abrir seu próprio ministério. A filha continua à frente de uma das congregações. A entrevista foi delegada para a missionária, que juntamente com seu marido desempenha um importante papel no templo, fazendo toda administração financeira.

Cheguei à sua casa no horário marcado, 19 horas, onde mora a missionária e seu marido. O casal não tem filhos, o sobrinho de seu marido, que mora com eles, permaneceu na sala em absoluto silêncio, porém conectado ao computador que estava em cima da mesa. Antes da entrevista conversamos bastante. Quando a iniciamos, seu marido chegou do trabalho. Interrompemos para os cumprimentos.

Ele foi para o banho, depois foi para a cozinha esquentar o seu jantar. Fez seu prato, ofereceu e foi para frente da televisão em outro cômodo da casa. Por lá permaneceu até terminarmos a entrevista. Deixou-nos à vontade, ficamos conversando enquanto ela lavava todas as vasilhas que ele havia sujado. Ao final, quando fui me despedir dele, estava descascando alho para fazer tempero para ser usado durante a semana. Segundo Maria das Dores Machado (2006), o pentecostalismo ajuda a mulher a se ver como indivíduo, e, no caso dos homens, os torna mais domésticos e familiares.

A missionária Miriam está no ministério da pastora Rebeca desde a sua fundação, é comerciária e seu marido é auxiliar de mecânico. A experiência dela em lidar com os números a levou a um cargo de mais alta confiança dentro do Ministério, ela é “gerente da Igreja”, segundo as palavras da pastora. Possui o ensino fundamental completo (concluiu o antigo primeiro grau), está no ministério desde os seus primórdios. Ajudou a pastora a catar latinhas para sustentar a obra. É uma mulher muito tímida, de pouca fala, porém, de muitas atitudes dentro do ministério.

Na entrevista com a missionária Miriam, ela relatou sua história. Antes congregava na Igreja Universal do Reino de Deus. Foi lá que aconteceu sua conversão. Uma amiga a convidou para uma tarde de oração na nova igreja do bairro, onde ela conheceu a pastora Rebeca.

A pastora Rebeca rompeu com a Assembleia de Deus, porque é o chamado de Deus, e quando Deus chama ninguém pode parar a obra. Ela tinha um vínculo no círculo de oração, ela é uma mulher de oração. Ela queria pregar, os pastores não deixavam porque ela era mulher, e na assembleia onde ela congregava era o homem que pregava, e ela saiu. Ela mesma abriu outra igreja, com a cara e a coragem. Ela sempre dá esse testemunho, mas eu lembro quando eu cheguei, nós passamos muita batalha, muita luta. Ela tinha uma Brasília, uma Brasília velha, e sempre ela vinha para o monte, Deus falava para ela: “Pastora, a senhora vai ter um carro novo. A senhora não vai precisar mais desse carro”, e ali ela naquela luta. Dinheiro de oferta quase não entrava, foi uma batalha, e foi batalhando, batalhando, batalhando até que Deus honrou ela. Nós catava latinha para sustentar a igreja e comprar o carro dela. Foi através da latinha que ela começou a crescer. Ela foi muito humilhada por muitos pastores, que não aceitava ela como mulher pastora na própria Igreja dela. E de todos esses pastores, todos largaram a congregação, nenhum congrega mais com ela. Está só ela, e as outras mulheres que ficam lá no altar; os homens, pouco fica. A diferença é que nós mulheres, a gente consegue batalhar e levar a obra de Deus, e muitas vezes o homem para. E a diferença que eu vejo de onde eu congreguei, por eu estar nessa de agora, é você ter liberdade para operar e fazer aquilo que Deus manda. (Trecho da entrevista com a missionária Miriam).

Segundo Janine Targino da Silva (2010), os anseios femininos pelo exercício de funções de liderança dentro das igrejas evangélicas provocam tensões. Mesmo nas denominações que permitem o pastorado feminino, a hierarquia é fortemente marcada pela liderança masculina. A insatisfação vivida pelas mulheres dentro de suas denominações as leva a romper e fundar seus próprios ministérios, trazendo para o campo religioso brasileiro novas configurações de lideranças no meio pentecostal. Com o poder de liderança em suas mãos, as líderes adotam formas alternativas para vivenciarem a religiosidade pentecostal.

Lá todo mundo trabalha igual, tanto o homem como a mulher, tanto o homem como a mulher têm a liberdade de fazer. É trabalho de revelação, e todos os trabalhos são iguais, tanto para o homem como para a mulher. E há muitos que vão ali poder ganhar oportunidade porque têm liberdade para fazer o trabalho. Às vezes tem homem que entra, e quer parar a obra da mulher, nós não deixamos porque o trabalho tem que ser igual. O senhor não fez acepção do homem, então, todo o trabalho na terra, na face da terra é por igual, é libertar mesmo os cativos, porque nós estamos vivendo a última hora e nessa última hora está tendo muita opressão de satanás sobre as pessoas. E muitas vezes, o homem impede da mulher fazer o trabalho. E lá na igreja todo mundo lá trabalha por igual, até as criança trabalham por igual, todos eles têm oportunidade por igual, só não trabalha quem não quer, porque a pastora dá toda oportunidade. Então, a gente tem que ter sabedoria para poder fazer a obra de Deus. (Trecho da entrevista com a missionária Miriam).

Nessas igrejas fundadas por mulheres que rompem com suas antigas congregações, elas ocupam o lugar central, tomam decisões, delegam funções. Não contrariando as pesquisas do IBGE 2010 sobre a quantidade de mulheres evangélicas no município de Contagem, o número de mulheres participantes dessas igrejas específicas da pesquisa é significativo, o rosto dessas denominações é totalmente feminino.

Na igreja muitos foram consagrados pastores. Eu não vou te falar a quantidade porque foram muitos mesmo. Até pouco tempo agora, ela já consagrou missionária e pastora na igreja. Quando Deus manda, ela vai e unge e consagra a pessoa. Se a pastora tiver que partir a obra vai passar de mãe para filho. Os filhos é que vão tomar conta, porque a filha dela, uma mulher maravilhosa na presença de Deus, o filho também é um grande pastor, então, então vamos deixar Deus agir conforme a vontade dele, porque vai levantar gerações e mais gerações de mulheres na face da terra. O homem, ele está com medo, medo de enfrentar aquilo que Deus manda, e muitas vezes, ele para sendo que Deus não mandou parar; e nós mulheres, nós não, aonde Deus mandou, a gente está indo. É tanto que você vai em qualquer igreja, o que você mais vê é mulher e pouco homem, ele tem medo de realizar a obra, então se tem uma mulher na obra, aí piorou, aí que ele se 'aqueta', se acolhe, porque ele sabe que hoje em dia, a mulher está tendo mais coragem do que o próprio homem, é tanto para

pregar, tanto para revelar, para tudo. Ela está pronta para qualquer ato da palavra de Deus, e não tem como parar a obra, se tiver de ir para o norte, sul, para o leste, oeste, estamos lá. (Trecho da entrevista da missionária Miriam).

Os cultos ministrados na igreja da pastora Rebeca são divididos em cura e libertação, adoração e louvor, e cultos proféticos. Ela delega funções para todos os membros da hierarquia de sua igreja, pois está sempre visitando as congregações de sua igreja e outras denominações pentecostais.

De acordo com Janine Targino da Silva (2010), o rompimento com o modelo de hierarquia que, em várias igrejas, exclui as mulheres do exercício de funções de liderança transformou-se em uma situação propícia para a elaboração de outro modelo de hierarquia religiosa onde o elemento fundamental de toda a estrutura religiosa é a mulher.

Como de costume, a pastora recebeu os fiéis na porta da igreja, e eu também fui recebida com um abraço. Fiquei conversando com a missionária Miriam, de repente, a pastora diz para Miriam que ela iria abrir o culto. Ela se retirou e disse que iria se preparar.

Figura 1 – Igreja da pastora Rebeca



Fonte: arquivo pessoal da pastora Rebeca

Enquanto isso, um grupo formado por homens e mulheres faz o louvor com muitas músicas de vários ritmos, sempre alegres e dançantes. Terminado o louvor (muito demorado, pois a igreja toda dança e canta muito, as crianças andam pela

igreja livremente; quando há bebês, circulam de mão em mão), a missionária Miriam abre o culto com a leitura do salmo 28 e uma oração espontânea. Após a oração, a pastora Rebeca chama o diácono José até o púlpito para pregar (um senhor bem simples, vestido de roupa social com gravata sem terno, via-se que ele estava preparado para aquele momento). Ele faz a saudação à assembleia e pede a todos para abrirem a Bíblia em 1 Coríntios 11, verso 6: “Portanto, se a mulher não se cobre com véu, tosquie-se também”. Mas, se para a mulher é coisa indecente tosquiar-se ou rapar-se, que ponha o véu.

Após a leitura prosseguiu dizendo:

irmãos, as prostitutas daquele tempo rapava a cabeça, porque elas era prostituta de luxo, muito cara, cara mesmo. Lá em Corinto existia uma igreja igual essa aqui, quando as prostituta queria ir ao culto as irmãs colocava o véu nelas. Aposto que tinha aquelas fofoqueiras que ficava condenando elas... A palavra de Deus hoje é para falar que não podemos ficar apontando os defeitos dos outros... (Trecho da pregação do diácono José).

A pastora pede a palavra e completa:

isso também está ligado aos usos e costumes que os pastores colocam, eu também já fui assim, eles coloca um peso nas costas das pessoas, eu também já coloquei muito peso nas costas das pessoas, condenando e julgando por causa de roupas, maneira da pessoa ser...hoje eu não faço mais, porque tudo isso é doutrina, a nossa doutrina é a palavra de Deus... Os pastores é que faz as doutrinas, eu como pastora dessa igreja poderia fazer doutrina que eu quisesse, mas não faço a nossa doutrina é palavra de Deus... (Trecho da intervenção na pregação feita pastora Rebeca).

Várias pessoas da Igreja manifestam-se com glórias e aleluias, glossolalias. A palavra volta, então, para o diácono, que diz que o apóstolo Paulo era funcionário de César, tinha carteira assinada, ganhava milhões. Ele preferiu abandonar tudo, “tudininho mesmo”, a boa vida para cumprir a palavra de Deus. A pastora fala de novo: “ele era tão ruim, que quando ele via uma igreja assim [aponta para a assembleia], ele mandava matar. Ele deixou tudo, ele deixou César e foi se tornar tecelão, ele era baixinho e valente, tinha o zóio assim [une os dois indicadores de forma que ficaram tortos]”. As pessoas começam a rir... O pastor José (marido dela) interrompe, cita exemplos da vida cotidiana. O diácono finaliza dizendo: “Jesus não abriu mão de Paulo, ele não vai abrir mão de você”. (A palavra continuou descentralizada; na medida em que sentiam necessidade, iam revezando a fala).

Em meio a tudo isso, a pastora fazia revelações para membros da Igreja. Logo depois chamou uma “irmã” para falar. Antes de pregar, ela revelou que antes tinha muita vergonha de falar em público, que hoje não tem mais, agora quando vai ao interior, na casa dos parentes, já prega e fala de Jesus para todo mundo. Ela pediu para abrir a bíblia em Provérbios 1,23 (“Convertei-vos pela minha repressão: eis que abundantemente derramarei sobre vós o meu espírito e vos farei saber minhas palavras”). A sua pregação foi toda voltada para exemplos de sua vida e seus vizinhos e parentes (tive dificuldades de entender, não consegui anotar). O marido dela também revezava com ela nos exemplos e no final ele leu o salmo 24. Após a leitura do salmo, a pastora foi até perto de uma jovem e fez uma revelação para ela. A mesma chama outra irmã da igreja para fazer uma oração, preparando o coração das pessoas para a oferta.

É trazido uma espécie de baú, cada pessoa que leva a oferta é tocada pela pastora. Ela não olha para a oferta, olha diretamente para a pessoa. Depois, outra pessoa unge as mãos do ofertante com óleo (participei da oferta). O grupo de louvor canta algumas músicas, as pessoas se dispersam, a pastora chama a atenção para os avisos a respeito dos eventos da Igreja.

No final do culto, todos queriam falar com ela, receber uma benção especial, falar de problemas e vitórias. Ela estava exausta, os poucos membros que ficaram ajudaram organizar a igreja, ela se despediu, entrou no carro junto com o marido – ela é quem dirige. Assim se encerrou mais uma noite.

O aspecto que chamou a atenção no culto foi a ênfase dada ao cotidiano do apóstolo Paulo, trazendo-o para perto da realidade das pessoas ali presentes. Segundo a teóloga Elisabeth Fiorenza (1992), “os escritos de Paulo, bem compreendidos e interpretados, defenderiam a igualdade e dignidade das mulheres. Não a mensagem paulina, mas a sua deturpação patriarcal ou feminista é que pregaria a subjugação das mulheres” (FIORENZA, 1992, p. 32).

Durante séculos, as cartas de Paulo são usadas para silenciar as mulheres quanto a sua participação nas igrejas cristãs e no seu jeito de vestir. A Bíblia não é um livro neutro, vários modelos teóricos de interpretação da mesma foram desenvolvidos. A teologia feminista reivindica uma nova hermenêutica para interpretar a realidade histórica humana e cristã.

A Igreja da pastora Rebeca segue o modelo apresentado por Mariz & Machado (1996) sobre a domesticação que o pentecostalismo exerce sobre as

famílias. Ao se converter, a mulher tem acesso a uma construção discursiva que associa o comportamento dos maridos agressivos, alcoolistas e adúlteros ao demônio. Dessa forma, são vistos como presas das ações de satanás, favorecendo uma postura de tolerância por parte da mulher que tenta enfrentar a situação de forma mais amena. O divórcio é visto pelas propostas feministas como solução deste conflito, porém muitas mulheres não desejam e não podem adotar essa postura tão radical, pois o fato da separação pode significar problemas no campo da sobrevivência econômica.

A pertença a um grupo religioso traz mais segurança à mulher. Segundo Linda Woodhead (2004), a religião é capaz de oferecer às mulheres mais opções do que aquelas disponíveis nas esferas seculares.

2.2.2 A igreja da pastora Rute

Conheci a pastora Rute no final de 2011, em uma solenidade onde ela recebia o “Prêmio Milton Freitas de Direitos Humanos”, homenagem da Secretaria de Direitos Humanos do governo petista de Contagem, em reconhecimento às pessoas, entidades e organizações sociais que fazem um mundo melhor para se viver. Na ocasião, levou uma orquestra composta por meninos e meninas que eram acolhidos em uma organização não governamental criada por ela. Visitei o projeto em diversas ocasiões, estabelecemos uma relação de respeito mútuo e participei de alguns cultos em sua igreja.

Em 2012 tivemos outros encontros em solenidades, ela ficou em segundo lugar na votação do Prêmio Betinho realizado no município. Promovido pelo COEP (Comitê de entidades no combate à fome e pela vida). O comitê foi criado em 1993, com objetivo de mobilizar governos e a sociedade civil para combater a miséria no Brasil. Voltamos a conversar novamente, agora sobre sua vida amorosa – fui convidada para seu casamento. Compareci à singela celebração de seu segundo matrimônio. No princípio de 2013, liguei para ela para retomarmos nossas conversas e participação nos cultos, pois havia começado o mestrado em Ciências da Religião. A sua organização não governamental (ONG) passava por momentos difíceis: com a mudança de gestão municipal, não houve a renovação dos convênios. Ela me pediu ajuda e o que pude fazer foi mobilizar a imprensa local e recorrer a alguns líderes

locais, ou seja, envolvi-me na questão. Foi um ano muito difícil para a comunidade da pastora Rute.

Retomei o contato em 2014, para dar andamento à minha pesquisa. Consegui uma brecha em sua agenda, pois, nos últimos tempos, a pastora tem viajado muito para pregar em encontros, seminários e congressos de outras denominações pelo Brasil. Em um final de manhã ela me ligou dizendo que poderia me atender naquele dia no princípio da tarde, pois teria um pequeno intervalo. Foi um encontro caloroso, conversamos muito antes da entrevista, falei do projeto de pesquisa, o nome fictício que ela receberia, conversamos sobre a historiadora Michele Perrot. Recebeu a caixa com alegria. Quando eu perguntei por que mulheres gostavam tanto de caixa, ela respondeu imediatamente: “Porque nela guardamos os nossos segredos...”.

Figura 2 - Pastora Rute e a caixinha



Fonte: arquivo da pesquisadora

A segunda Igreja pesquisada teve seu início em 2004, fundada pela pastora Rute. A inspiração do nome fictício da pastora entrevistada passa, também, por uma figura bíblica, cujo livro remete à personagem do primeiro testamento. Rute era estrangeira, nora de Noemi, ambas ficaram viúvas. Ela faz opção por cuidar da sogra e converte-se ao Deus de Israel.

A pastora Rute era empresária do ramo de modas no sul do país, mãe de duas filhas jovens. Congregava na Comunidade Evangélica Zona Sul, na Savassi, região de classe média-alta da capital de Minas Gerais. Em 1999, começou um trabalho de evangelização em um aglomerado próximo à região. Deparou-se com uma vulnerabilidade social profunda e percebeu que muitas mulheres que moravam

na rua ou nos aglomerados não apresentavam condições de ingressar no mundo do trabalho, pois não tinham formação e nem havia um lugar onde deixar as crianças. Rute vendeu todos os seus bens e distribuiu aos empobrecidos, chegou a passar dificuldades devido à radicalidade de seu gesto. Os membros da Igreja e o conselho pastoral aconselharam-na a retomar a “normalidade de sua vida”. Rute não aceitou a proposta, saiu em paz com a igreja em que congregava.

Em 2004, ela adquiriu uma casa na periferia de Contagem, onde fundou uma ONG, uma instituição de amparo a mulheres vítimas de abandono e violência, casa que acolhe as mulheres com seus filhos, não rompendo assim os laços familiares. Concomitantemente, a igreja foi fundada e aberta à comunidade. Porém, é uma “igreja sem placas”, que acolhe a todos que se achegarem por lá. Sua inspiração foi a personagem bíblica Raabe, que é considerada prostituta por alguns grupos de exegetas. Raabe passou a fazer parte da genealogia de Jesus, pois foi uma facilitadora que ajudou o povo de Israel a conquistar Canaã.

Enquanto, às vezes, a gente está discutindo por uma placa, vidas estão morrendo. Então, eu creio que Deus, ele escolheu esse lugar para atrair pessoas, assim, que querem adorá-lo em espírito e em verdade. Não tem placa e não tem porta para rua, ela é fechada. E é tão interessante que a gente recebe ônibus e, às vezes, quatro ônibus para um culto. E sempre o que eu falo é: “Não venha congregar aqui, mas vá e leva essa visão para a sua igreja”, para poder expandir esse amor, para poder, amparar vidas, para poder socorrer vidas porque esse é o evangelho. (Trecho da entrevista com a pastora Rute).

Segundo Linda Woodhead (2004), a participação da mulher na religião é fundamentalmente influenciada pelos espaços sociais disponíveis para a parcela feminina em uma sociedade em particular. Para Woodhead (2004), tais espaços existem em função da natureza de diferenciação estrutural dentro de uma sociedade, é para tal diferenciação que, segundo ela, devemos olhar para que possamos entender a participação da mulher na religião dessa sociedade ou tipo de sociedade.

Eu venho da Comunidade Cristã da Zona Sul, a igreja, e ali foi onde eu comecei os meus primeiros passos dentro do evangelho, mas eu sentia a necessidade de colocar em prática aquilo que eu ouvia: cuidar do órfão, da viúva, dar de comer, dar de vestir, visitar. E só aquele culto para mim me deixava de... A desejar, para mim era insuficiente, porque eu falava assim: “Eu estou recebendo, mas o que eu estou fazendo? Aonde que eu estou aplicando? Onde que está sendo a minha prática disso que eu estou ouvindo?”. E ali eu comecei a ir para favelas, a fazer um trabalho de rua

com as crianças, e me envolvi demais com moradores de rua. E eu ia para comunidade, eu ia com 20, 15 mulheres, crianças, tudo ex-moradores de rua, ou numa situação de fragilidade. E a partir daquilo, eu vi que eu tinha que ter a necessidade de estar abandonando o meu trabalho, abandonando minhas atividades normais. E ali dentro da igreja, eu fui ajudar em outros lugares, mas eu não me encaixava com as atividades dentro da igreja. Existia algo muito maior dentro de mim, Eu queria ir para fora, era um rompimento dentro do meu coração com a minha vida, com as minhas coisas, que eu não conseguia me controlar. E, dentro da igreja, houve uma... Um momento em que me procuraram e falaram assim, quando eu abandonei tudo, quando eu já tinha dado o meu carro, dado o meu serviço, o que eu tinha minhas roupas, meus sapatos, então ficou aquela coisa fragilizada ali dentro da igreja. Uma história inversa do que muitas vezes a gente vive, aquele evangelho da prosperidade. Eu estava vivendo o inverso, eu estava sem nada, e com duas meninas pequenas para criar. Estava sendo difícil, porque além de eu estar tendo um rompimento com a sociedade, um rompimento comigo, com as minhas atividades, com a minha independência. (Trecho da entrevista com a pastora Rute).

De acordo Linda Woodhead (2004), as mulheres podem procurar mudar ou reinventar a religião de maneira a encontrar espaços mais adequados do que os fornecidos pela religião tradicional, com seus valores tradicionais e, na maioria das vezes com a liderança masculina.

Eu só tinha dois vestidos na época e um chinelo, Já não era mais aquela mulher, aquela aparência toda. O pastor disse assim para mim, há um tempo na minha cidade, dois jovens, eles subiram no monte e foram orar e nessa... E eles sentiram a visitação do Espírito Santo, e desceram do monte dizendo que ia abandonar tudo, ia abandonar a faculdade, ia abandonar serviço, porque eles queriam servir a Deus, ajudar os pobres e tal, e depois passou todo mundo viu que aquilo foi uma empolgação, e o que você está vivendo é uma empolgação”, ele quis dizer isso. Então ali, eles falaram que para eu poder continuar ali dentro da igreja, eu teria que voltar a atuar, no meu trabalho, nas minhas coisas todas, e foi aonde que eu pedi para ser abençoada, que eu precisava sair, porque tinha um pastor supremo, maior, que eu tinha que obedecer, que não dava para eu desobedecer, e eu tinha convicção daquilo que eu estava fazendo, não era uma emoção, era uma convicção. (Trecho da entrevista com a pastora Rute).

Novas formas de vivenciar a religião e a espiritualidade são criadas pelas mulheres com a intenção explícita de criar espaços de articulação e realização de seus desejos, esperanças e convicções morais (WOODHEAD, 2004).

Eu creio que perante a igreja não existia uma aprovação, não pelo meu pastor, porque o pastor, ele nunca me abandonou, ele sempre continuou me ajudando e andando comigo, acreditando naquilo que Deus estava falando comigo, mas a membresia toda, eu acho que, se assustou um pouco com as minhas atitudes, com o meu rompimento, como mulher, como mãe, como dona de casa, como tudo aquilo, porque Deus, ele falava assim comigo: “Eu procuro mulheres que estejam dispostas a se santificar para poder ver a minha glória”, porque ele dizia assim: “Onde estão os meus pastores, os meus evangelistas, os meus profetas? Eles estão mortos? Por causa de

uma mulher muitas vezes, havia um atrito muito grande ali. Mas eu vejo que quando eu saí da comunidade, o que houve foi ruptura com a igreja local. (Trecho da entrevista com a pastora Rute).

A de igreja da pastora Rute, mesmo sem ter intenção, segue a máxima da Teologia da Libertação, que faz do empobrecido um lugar teológico. Seu rompimento foi com um modelo da igreja em que congregava cujo pastor-líder teve que fazer uma opção: ou ficava com sua membresia ou comprava os conflitos criados pela pastora Rute. Ele prefere então abençoá-la e consagrá-la pastora e deixá-la partir, mesmo sabendo que suas propostas não feriam os princípios evangélicos. Novas formas de espiritualidade baseadas na radicalidade oferecem para as mulheres uma nova forma de empoderamento (WOODHEAD, 2004).

Em visita à igreja da pastora Rute, as pessoas iam chegando, outras atravessando a rua e entrando para uma loja de dois andares. A porta é estreita, não há placas. Muitas mulheres e crianças, rostos com marca de sofrimento, porém alegres, arrumadas e disciplinadas. A pastora Rute chega acompanhada de um grupo de crianças e adolescentes. Aos poucos a Igreja enche, por volta de cento e cinquenta pessoas. À frente um púlpito, flores, uma caixa de madeira tamanho médio. Um grupo de jovens, na maioria mulheres, entoando cânticos de louvor, intercalados por orações espontâneas, sem alteração de voz. Ao fundo alguém opera o PowerPoint, que projeta a letra da música.

A pastora Rute assume o comando saudando e acolhendo as pessoas presentes no culto e faz uma oração de abertura. Ao introduzir o culto, diz que vai falar de uma mulher que traz desconforto para os evangélicos, pois foi criado um tabu sobre ela. “Estou falando de Maria, a mãe de Jesus. Às vezes temos medo de dizer esse nome por causa da adoração que se levantou sobre ela, mas Maria, como José, Pedro, João, Paulo, são pessoas que foram usadas por Deus. Sabemos que só Jesus salva, porém Deus usa homens e mulheres. Ele quer te usar”. No PowerPoint estava projetado com letras bem grandes Lucas: 1-26, 38 e Mateus 1-18,21. A pastora diz: “a pregação de hoje está baseada nos evangelhos de Lucas e Mateus”. Os participantes são convidados a abrir a Bíblia e a lerem juntos as passagens. E segue um trecho da reflexão:

o destino do mundo repousou sobre a reação de dois camponeses jovens. Quanta vez Maria lembrou as palavras do anjo, quando sentia o filho de

Deus chutar contra as paredes do seu útero? Quantas vezes você mãe sentiu o seu bebê chutar a parede de seu útero? A Joana¹¹ está grávida né, filha? Você sente o seu bebê aí chutando! Ele vai ser muito amado, ele já é bem-vindo no meio de nós... Quanta vez José examinou o seu encontro com o anjo. Apenas um sonho? Vocês já imaginaram o quanto José suportou a vergonha de viver entre os habitantes da vila que podiam ver claramente as mudanças na aparência de sua noiva? Ele ajuda sua noiva a aceitar sua missão. Maria se submeteu plenamente à vontade de Deus, aceitou alegremente a honra e ao mesmo tempo a extrema vergonha de ser mãe da divina criança. Maria e José nos ensinam sobre o amor a Deus e a fidelidade a sua palavra... Abra sua bíblia em Lucas, 1,47, leiamos juntos... Maria diz: “Deus meu salvador”. Nestas palavras Maria reconhece sua própria necessidade de salvação, Maria como pecadora necessita de Cristo como Salvador. Abram em Romanos 3,23 [todos leem juntos], todos nós pecamos e carecemos da glória de Deus, eu também sou pecadora, eu também tenho minhas fraquezas, eu também necessito da glória de Deus. (Trecho da pregação da pastora Rute).

A pastora Rute, ao pronunciar o nome de uma das adolescentes – grávida e moradora do abrigo –, permite o sentimento de pertença e de acolhida a essa jovem. Segundo Ivone Gebara (1998), a palavra humana se torna divina quando toca o núcleo, o coração, a essência do ser humano, o que há de mais profundo no ser. E este mais profundo refere-se à história pessoal e coletiva do ser humano. Refere-se àquilo que de fato permite a todos os seres o direito à vida e o respeito por ela.

Os sofrimentos não podem nos fazer duvidar de que Deus cuida de nós, precisamos acreditar que Deus está conosco, curando nossas feridas. Abram em Mateus 28:20. Viram? Aí está a promessa, ele está conosco todos os dias de nossa vida, você crê nisso? Feche seus olhos, ponha a mão no seu coração e vai dizendo bem baixinho, só você e Deus: “Eu creio que o Senhor está cuidando de mim” [nesse momento o grupo canta uma música bem suave. Os versículos bíblicos são projetados no PowerPoint] (Trecho da pregação da pastora Rute).

Para Ivone Gebara (1988), o humano não se esconde por baixo do divino, como se esse ora o sufocasse ou acalantasse, ora o atendesse ou rejeitasse. O divino acontece no humano, na sua carne inteira, na sua precária integridade.

A pastora retoma a palavra:

Maria estava grávida, quem acreditaria nela? Só ela poderia gerar aquela gravidez? São poucas as pessoas que vão acreditar no sonho de Deus em sua vida. Você tem que estar grávida de Deus. Nem tudo pode fazer uma grávida. Exige mais cuidados. Você tem que abrir mão de algumas coisas, renunciar... Quanto mais você se esvaziar, quanto mais você ficar longe dos desejos do mundo... Quanto mais você obedecer a Deus, mais espaço é criado para o sonho de Deus em sua vida, você é que determina o tamanho

¹¹ Nome fictício.

do seu bebê. Todos nós temos algo a cumprir em Deus, é necessário saber qual é o sonho de Deus para a sua vida. Sabe por que Deus concebeu à Maria o título de mãe do filho de Deus, ou por que ele concebeu a uma mulher a gravidez do seu filho? Porque Deus quer dizer: “eu confio em você!” Porque Deus fez o homem a sua imagem e semelhança, está em Gênesis 1:26. Deus quis ter intimidade com o homem, se relacionar, Deus provou sua confiança em nós ao colocar o destino do mundo nas mãos de Maria e José. Poucos vão acreditar no sonho de Deus para a sua vida, Deus confia em você. Ele quer que você gere frutos do Espírito. Deus confia em nós. Se não for nós será quem? Quem pode ajudar o órfão? A viúva? O faminto? O nu? Quem senão você para continuar a salvar vidas? A ajudar a Deus? Deus confia em você. E você confia em Deus? Qual é o caminho que estamos seguindo? Que frutos tem dado as nossas vidas? O chamado de Deus sempre envolve a benção e o sofrimento, alegria e tristeza, sucesso e desilusão. Se Maria desejasse viver em uma zona de conforto, jamais seria escolhida. Saia de sua zona de conforto, precisamos ser destemidos, deixe Deus te usar! As coisas não se move para você, é você que se move para as coisas. Tem pessoas que são folgadas, acham que tudo tem ser do seu jeito, ou as coisas se movem conforme as suas necessidades, sempre procurando benefício próprio, sem se preocupar com os outros. (Trecho da pregação da pastora Rute).

A figura de Maria é usada pela pastora Rute como elemento detonador de uma reflexão que parte do individual para o coletivo. Para Leonardo Boff (1974), Maria de Nazaré entrou em diferentes culturas humanas, encontrou-se com suas divindades, as influenciou e recebeu delas influência. O rosto de Maria tornou-se múltiplo. De acordo com Gebara (1988), pode-se falar de diferentes leituras do rosto de Maria. Ela saiu do rol dos indivíduos com uma história só. Ela tem muitas histórias compostas com a história, entrelaçando-se à vida de indivíduos e multidões. O culto a Maria aparece mais claramente no catolicismo popular. Essa expressão religiosa não se move pelas normas canônicas, mas pela fé do povo.

Para Ivone Gebara (1997), a força de Maria pode ocultar com uma máscara patriarcal o feminino autêntico. A imagem feminina apresentada através de Maria é inatingível para a maioria das mulheres, portanto é um ideal falso. No meio evangélico, as mulheres não têm Maria como a grande referência feminina, porém se apegam às figuras bíblicas femininas do primeiro testamento, que se colocam à frente para a resolução dos conflitos de seu povo, como a juíza Débora e a rainha Ester. Essas mulheres tornam-se fonte de inspiração para que elas possam ousar reivindicar participação na hierarquia de suas igrejas, romper quando necessário e seguir a caminhada de novas construções.

A pastora segue pregando com um tom de voz suave e, com serenidade, conduz o culto sem alteração de voz:

Quem se move somos nós, nós temos que estar disponíveis para ajudar. A disposição é nossa, somos nós que temos que ir, somos nós que temos que servir, somos nós que temos que doar. Arranque o orgulho, a soberba do seu coração, Maria mostrou que ninguém é melhor do que ninguém. Você precisa se render, você precisa se doar você precisa sair da sua zona de conforto, você precisa amar. (Trecho da pregação da pastora Rute).

Mais uma música é entoada e as pessoas vão fazendo suas orações, o clima é de tranquilidade. Nesse momento a pastora Rute prepara as pessoas para o ofertório, abre a pequena caixa de madeira e diz para as pessoas se ofertarem, irem até o altar e entregarem seus sentimentos a Deus, como a dificuldade de perdoar, de amar, a ansiedade etc. A maioria entra na fila ao som de uma música. O culto vai chegando ao fim com orações de agradecimento, a pastora agradece a presença de todos e faz uma oração final. As pessoas se despedem uma das outras e cada grupo segue para seu destino.

2.2.3 A igreja da pastora Ester

Meu encontro com a pastora Ester se deu de forma inusitada. Várias pessoas do PROREC¹² (Projeto de Reconciliação Cristã) de uma paróquia Católica Romana de Contagem, ao saber da minha pesquisa, já haviam me indicado a igreja dela. Eu já havia iniciado o trabalho com três igrejas, dentre elas a igreja da pastora Débora, que, por questões que relatarei mais adiante, saiu do processo de pesquisa. O nosso encontro se deu em um culto ecumênico, por ocasião da celebração de Natal da ASMAC¹³ (Associação Autônoma dos Catadores de Material Reciclável de Contagem) e TRAMAR (Trabalhadores e Trabalhadoras com Material Reciclável) em dezembro de 2014.

¹² PROREC (Projeto de Reconciliação Cristã) é um grupo pertencente a uma paróquia católica responsável em promover o diálogo entre a comunidade local e as demais Igrejas evangélicas da localidade; fazem visitas, promovem encontros e, quando possível, cultos na semana da unidade cristã promovida pelas igrejas protestantes históricas e a Igreja Católica Romana.

¹³ A coleta seletiva é realizada pela Prefeitura de Contagem através de parceria com a Associação dos Catadores Autônomos de Materiais Recicláveis de Contagem - ASMAC, organização beneficiária. A coleta é realizada com caminhão em empresas e instituições doadoras, incluindo as repartições públicas e porta a porta com carrinho, realizada por catadores em algumas localidades. O programa Municipal de Coleta Seletiva contempla seis projetos: Escolas, Repartições Públicas, Grandes Geradores Comerciais, Corredores Comerciais, Conjuntos Habitacionais, Porta a Porta. A implantação dos projetos de coleta seletiva está sendo gradativa tendo em vista alcançar o atendimento mais amplo no município.

Eu já havia participado do processo de organização das celebrações anteriores, porém, dessa vez, o padre responsável pelo evento convidou-me para pregar junto com a pastora Ester. No dia da reunião para a preparação do culto, a mesma não pode comparecer. Nós nos conhecemos horas antes de o culto começar. Um período curto de conversa, porém intenso na acolhida. Continuamos nosso diálogo após a celebração, pois era um dia de festa com almoço e brincadeiras preparadas para as crianças pela comunidade local.

Ao saber da minha pesquisa, mostrou-se interessada em colaborar, pois sentia necessidade de registrar sua história. Segundo a mesma, seu sofrimento é muito grande, desde o momento em que rompeu com sua antiga congregação para fundar seu próprio ministério, além de carregar a marca de mulher negra e divorciada. Ela atualmente trabalha como auxiliar administrativa na Coordenadoria de Promoção da Igualdade Racial da Secretaria de Direitos Humanos de Contagem. Marcamos de nos encontrar, porém, ela se envolveu em um acidente, quando viajava para uma missão no interior de Minas. Após sua recuperação, nos encontramos em sua casa e passamos seis horas juntas.

A pastora Ester é mãe de um casal, fruto do primeiro casamento, e de um menino filho do segundo. Hoje é divorciada, tem quarenta e dois anos, e completou a primeira fase do ensino fundamental, antiga quarta série do primeiro grau. Nosso encontro foi um momento de relatos. Cresceu em um lar evangélico, mas via sua mãe apanhar do pai. Seu primeiro casamento foi marcado por traições, o marido não era evangélico. O segundo foi marcado por violência psicológica e traições, hoje se encontra no serviço de proteção à vítima, pois denunciou o segundo ex-marido por prática de pedofilia com o único filho do casal, que, como ela, é portador de anemia falciforme.

Quando telefonei para a pastora Ester para marcarmos nosso encontro, falei da entrevista. Ela demonstrou preocupação com o filho, que estaria em casa, e possivelmente teríamos dificuldades. Respondi que não teria problemas, que poderia adaptar-me à situação. Para Husserl (1936), não existe divisão sujeito-objeto, pois ambos encontram-se englobados pelo mundo e pela história. O *Lebenswelt* (mundo da vida) é o mundo subjetivo do qual nasce toda a atividade humana. Sua filha adolescente de catorze anos nos ajudou no processo de entrevista cuidando do irmão, porém, em determinado momento, não conseguiu mais. O recurso foi levá-lo até a casa de uma vizinha que possui um filho da mesma

idade, além de ser missionária de sua Igreja. Na ausência do filho, Ester aproveitou para falar do drama que está vivendo. Segundo Gebara (2000), as mulheres vivem em uma prisão móvel, levam seus filhos nos braços, no ventre e no pensamento. Elas vivem em uma “senzala”, é a forma metafórica usada pela teóloga a fim de lembrar a situação de muitas mulheres que vivem escravizadas e oprimidas, sem alforria duradoura. “É uma dinâmica instável, incansável e cheia de sequelas perigosas. As marcas ficam para a vida toda. Invadem a memória mesmo quando já não doem como doíam no passado. A dor lembrada, a dor contada é parte fundamental de suas histórias” (GEBARA, 2000, p.19).

A terceira Igreja da pesquisa foi fundada em 2006. O nome da pastora também foi inspirado em uma personagem bíblica do primeiro testamento do livro da tradição judaico-cristã. Ester era órfã pobre que se torna rainha para salvar o seu povo. Além de órfã, ela é uma mulher judia, exilada no coração do império persa.

A pastora Ester faz questão de mencionar sua negritude em sua casa, ela mostrou-me vários materiais do governo federal sobre a situação da comunidade negra no Brasil. Ester morava em Belo Horizonte com sua família e congregava em uma comunidade batista onde foi consagrada missionária. Após seu segundo casamento, passou a morar em Contagem. Foi morar em bairro muito ermo, onde não havia igrejas por perto para congregar, caminhavam longas distâncias para pegar um ônibus até a igreja mais próxima.

Com a vinda do terceiro filho, a situação piorou, foi ficando cada vez mais difícil frequentar a congregação e aos poucos foi deixando de ir à Igreja. Sentia muita falta de estar em comunhão com Deus e resolveu então reunir os vizinhos em sua casa. O segundo marido, que também era evangélico, apoiou a iniciativa. A casa foi ficando cada dia mais cheia. Segundo a pastora, muitas pessoas foram “libertas” dos vícios, muitas curas aconteceram ali. Resolveram então alugar uma loja, onde funcionava um antigo sacolão. Foi consagrada por um pastor que estava frequentando suas reuniões, que vinha da Igreja do Nazareno, congregação que não aceita mulheres no pastorado. Assim, iniciava a primeira fase de seu ministério.

Com o ministérios vieram os problemas conjugais, as traições do segundo marido. Passou novamente pelo processo de separação, voltou para Belo Horizonte, para morar na casa de sua mãe, passou a congregação para um pastor, que assumiu o comando da igreja em Contagem. Encontrou seus parentes desviados da igreja e resolveu, junto com a mãe, fundar um ministério no bairro em que seus

familiares moravam. A mesma consagrou a própria mãe e iniciaram o ministério, que cresceu muito, a ponto de alugarem uma grande loja, comprarem mobílias e equipamento de som. Com o progresso veio a necessidade de se filiar a um ministério maior e assim fizeram. A partir daí vieram as dificuldades, a descoberta da doença dela e do filho caçula, que a levou a militar na Dreminas - Associação de Pessoas com Doença Falciforme e Talassemia de Belo Horizonte e Região Metropolitana, fundada em 1991 por pais e pessoas com doença falciforme. Ester ingressou no Grupo Nacional de Mulheres com doença falciforme, participou de um encontro em Recife. Passou também a fazer parte do conselho de saúde do Hospital João Paulo II, de Belo Horizonte.

O seu ministério cresceu muito. O fato de ela ser divorciada começou a incomodar a direção central, que achou que ela deveria se casar – algo que não estava nos planos da pastora Ester. Ela passou a ser assediada por um dos pastores da direção central; quando ela foi denunciar para o pastor presidente, foi desacreditada como se ela fosse a culpada. A partir desse episódio, ela rompeu com a congregação e voltou para Contagem para reaver seu antigo ministério. Após alguns conflitos, retomou a direção de sua igreja. Hoje já tem uma congregação na zona rural de Contagem.

A pastora Ester, além de sentir a desvalorização na hierarquia da sua antiga denominação, passou por situações constrangedoras de assédio, realidade vivida por muitas mulheres no Brasil, que acelerou o rompimento com a igreja.

Eu chamei o pastor, para uma reunião, porque ele tinha um pastor que estava me auxiliando que era nascido na Batista Ágape, assim, no berço da Ágape. Ele tinha a visão do pastor João, ele era a pessoa de confiança do pastor João¹⁴ dentro da minha congregação, e eu percebia que o pastor João tinha muita confiança nesse pastor. Eu acreditava que talvez a confiança que ele tinha nesse pastor, ele não teria em mim. Então, eu chamei para uma reunião para a gente conversar sobre o meu desligamento, e no momento que ele veio, eu chamei os meus liderados daqui, a minha tesoureira, a minha secretária, os meus missionários também para reunião. Quando o pastor João chegou, ele assustou com o que eu tinha a falar, ele falou assim: “Mas você quer realmente? É isso que você quer?”. E eu havia passado por uma situação na Ágape, antes desse rompimento, havia passado por uma situação que um pastor que estava dentro do ministério me assediou, e eu fui tentar passar isso para o pastor João, ele me ouviu, mas ele chamou esse tal pastor para conversar em particular, sem a minha presença, eu não sei como ficou isso, eu fiquei muito insegura em relação a essa história, muito insegura. Apesar de o

¹⁴ Nome fictício.

pastor João falar: “Não, nós já conversamos, resolvemos, está tudo bem. Mas a senhora precisa se casar, a senhora não pode continuar sozinha na obra”. Na visão dele, eu tinha que casar imediatamente para eu continuar pastoreando. Eu disse para ele que eu não tinha em vista um marido. Não era esse o meu interesse agora, e que eu não acreditava que eu precisava me casar para continuar pastoreando. Ele: “Mas senão a senhora vai sempre esbarrar nisso, em alguém que vai aparecer, tentar assediar e tal”, e esse pastor que fez esse assédio, ele era casado. Quando eu falei disso, as pessoas se fecharam para mim dentro do ministério, os líderes se fecharam, eu vi uma barreira, eles me viam como a ré, a culpada. (Trecho da entrevista com a pastora Ester).

Para Janine Targino da Silva (2010), a viuvez e o divórcio podem significar, para estas novas líderes, um momento no qual se conquista maior liberdade para se dedicar integralmente às práticas religiosas através do exercício do pastorado, sem o empecilho de terem que obrigatoriamente dividirem-se entre as atividades domésticas e a igreja. Na pesquisa realizada por Silva (2010), com pastoras fundadoras de igrejas em Nova Iguaçu, a maioria das líderes são viúvas e divorciadas e muitas delas ocupam a função de “chefes de família”.

Então quando eu o chamei para essa reunião, ele já veio armado, assim, ele veio com o seu tesoureiro, ele veio com um outro membro do conselho de pastores, parece que ele já veio preparado, e, diante dos meus liderados, eu também não tinha o que esconder, eles já sabiam tudo que acontecia comigo, eu falei: “Ô pastor, eu chamei o senhor aqui porque eu queria me desligar do ministério”. O conselho de pastores estava lá, ele orou por mim com a mão na minha cabeça me abençoando, pedindo para Deus enviar tesoureiros, advogados que me ajudem, que me auxiliem no registro de todo ministério, ele pediu a Deus que me abençoasse, então, eu saí dali muito tranquila, foi um dia de paz. Eu saí numa alegria, numa paz no espírito, minha mãe também, minha mãe foi comigo, que é agora pastora, e eu saí feliz porque eu tinha feito aquilo que Deus tinha me mandado fazer. (Trecho da entrevista com a pastora Ester)

O movimento de ruptura protagonizado pela pastora Ester pode ser considerado uma mobilidade. Segundo Gebara (2000), sair do lugar, mudar de cidade, mudar de casa, mudar de bairro, de emprego, de companheiro, fugir porque não aguenta mais é o comportamento de um número significativo de mulheres. Esta parece ser uma das marcas daquelas que carregam a senzala colada ao próprio corpo. Senzala reproduzida e deixada como herança.

Figura 3 – Igreja da pastora Ester



Fonte: arquivo da pesquisadora

Tive a oportunidade de registrar um culto ecumênico realizado pela pastora Ester. A escolha por registrar apenas o rito do culto ecumênico¹⁵ foi devido à abertura da pastora para o diálogo com outras tradições religiosas. A fórmula dos ritos litúrgicos foi resignificada, corroborando com Perrot (1995), quando coloca que as mulheres subvertem os símbolos e os ritos. O culto aconteceu em uma paróquia católica, por ocasião da celebração de Natal dos catadores e catadoras de material reciclável do município de Contagem. É um evento que está na sua terceira edição, e mobiliza a comunidade local para receber esses trabalhadores e trabalhadoras advindos de vários bairros da cidade. Conta, também, com a presença das autoridades políticas da cidade. Por ser elaborado por vários grupos, torna-se longo e ao mesmo tempo dinâmico.

Na medida em que as pessoas vão chegando, já vão sendo acolhidas espontaneamente pelas pessoas que já estão presentes, sem formalidades. A celebração se inicia com a acolhida da animadora do culto. Ela apresenta as pessoas que irão presidir a celebração; no caso, o padre, a pastora Ester e eu. Subimos até o altar sob o aplauso da assembleia. Logo após vem o canto de abertura, seguido da procissão das quatro velas do advento, que são acesas ao som de um hino entoado pelas pessoas presentes na celebração: “Nossos olhos ganharão nova luz com sua presença, Jesus”. Também são acesas as velas de uma

¹⁵ A pastora Ester desconhece o movimento ecumênico no Brasil e a teologia feminista, porém vive na sua prática diária uma postura próxima a esses segmentos.

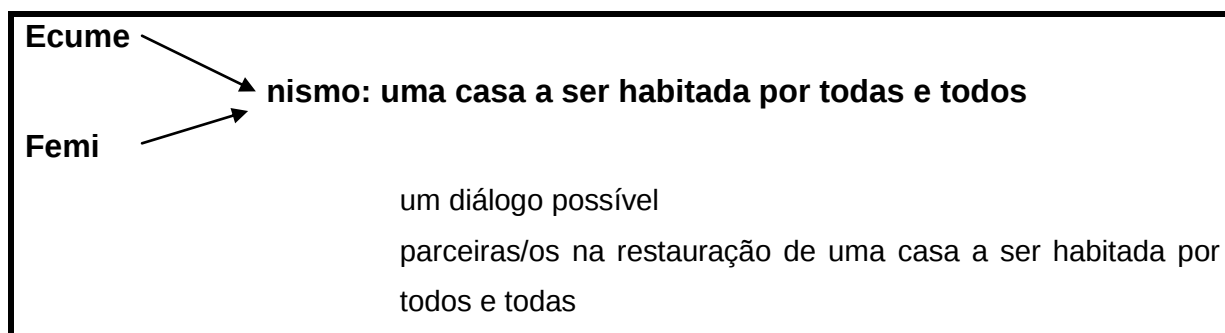
grande menorá (candelabro judaico). Após esse rito, foi feita uma saudação pelas pessoas que presidiram o culto. A animadora convida representantes das associações para relatar situações vividas durante o ano. Os relatos foram precedidos por um momento chamado de purificação, motivados pelo padre Pedro¹⁶. Crianças e jovens entraram em cortejo com jarros com água, cestas com pétalas de rosas que foram depositadas em uma bacia que estava em cima de uma mesa, preparada em frente ao altar. Ao lado da bacia, duas jovens ficaram com uma toalha para as pessoas enxugarem as mãos após a ablução. Após uma reflexão sobre suas falhas, as pessoas foram convidadas a mergulhar as mãos na água. Uma fila imensa foi formada ao som de músicas que remetiam ao batismo cristão. Ao terminar esse momento, uma mulher evangélica subiu ao altar e cantou hinos de louvor, com letras de estilo gospel.

A animadora anunciou o momento de partilha da Palavra, começando por mim, com a leitura do capítulo 65,17-25 do livro de Isaías. Proferi algumas palavras e logo em seguida a pastora Ester leu o evangelho de Lucas, capítulo 2, vers.1-20 e fez a pregação. Em seguida, as pessoas apresentaram suas preces, algumas formuladas, outras espontâneas. Partiu-se, então, para a apresentação dos trabalhos realizados pelas oficinas de artesanato com o material que foi reciclado. Em procissão os materiais foram expostos na escada que levam ao altar. A pastora Ester abençoou o material e logo após foi cantando a oração do Pai Nosso. Ao final foi dada a benção de Aarão (contida no livro de *Números* no primeiro testamento) repetida por todos presentes no culto. Ao final, foi motivado o encerramento com o abraço da paz.

Na Secretaria de Direitos Humanos e Cidadania, o qual eu conheci pessoas maravilhosas, compartilham de coisas muito boas, eu era uma pessoa muito religiosa, digo, eu era como um fariseu do Antigo Testamento, eu cuidava muito da letra do que estava escrito, mas eu não praticava tanto. Eu acredito que eu passei a praticar mais e deixar de ser um pouco de fariseu no momento em que eu conheci pessoas do candomblé, pessoas do espiritismo, e do catolicismo. Os meus Irmãos católicos, então, foi a melhor experiência que eu tive porque eles me permitiram participar de momentos deles, de busca a Deus. E o que eu vi ali, eu falei assim: “Meu Deus, quando o Senhor voltar para arrebatá-la igreja, muitos católicos vão subir e muitos crentes vão ficar”. (Trecho da entrevista com a pastora Ester).

¹⁶ Nome fictício.

Quadro 3 – Ecumenismo e Feminismo



Fonte: BENCKE; MOTA (2012)

O culto primou-se pela descentralização da palavra e a ressignificação dos ritos, tronando-se uma celebração inclusiva. As mensagens proferidas por mim e pela pastora Ester seguiram o modelo da interpretação hermenêutica dialógica, que, segundo Fiorenza (1992), permite a interação entre o texto e a comunidade, trazendo respostas teológicas para a situação prática da comunidade (quadro 3).

O culto na Igreja da pastora Ester segue a mesma lógica dos cultos da Igreja da pastora Rebeca, há um revezamento da palavra entre os membros da Igreja. Vou relatar apenas o que me chamou a atenção. Participei de um culto dedicado à Santa Ceia, onde observei uma subversão dos ritos. A mesa estava ornamentada com flores, um arranjo com uvas artificiais, uma rosca, uma bandeja com pães pequeninos redondos e torrados, uma bandeja com pequenos cálices com suco de uva, uma bandeja maior com três taças com suco de uva, outros três com leite.

Figura 4 – Santa Ceia na igreja da pastora Ester



Fonte: arquivo da pesquisadora

No momento da preparação do rito para a ceia, a pastora disse que teve uma inspiração ao ler Isaías 55, versos 1-2:

Ah! Todos que tendes sede, vinde às águas cristalinas. E vós, os que não tendes dinheiro nem recursos, vinde agora, comprai e comei! Vinde, adquiere vinho e leite sem pagamento e sem custo! ²Por que investir dinheiro naquilo que não é alimento, e o seu trabalho árduo naquilo que não consegue produzir satisfação? (Is, 1-2).

Pastora Ester explicou que o leite significava as necessidades espirituais do ser humano, que o mundo tem sede espiritual. Que há muitos países pobres no mundo, muitas pessoas passando fome, porque Deus necessita da misericórdia do ser humano. Segundo ela, sentiu em seu coração que algumas pessoas deveriam receber aquele leite. Chamou nominalmente as pessoas, uma por vez, para chegar até a mesa. As mesmas se ajoelhavam e recebiam uma oração da pastora, depois beberam o leite. O mesmo foi feito com as taças maiores de vinho. Depois ela convidou toda a assembleia para a santa ceia, dizendo que todos que quisessem poderiam participar, desde que examinassem a consciência, pois aquela ceia não pertencia àquela Igreja, a ceia pertencia ao Senhor Jesus. Os participantes pegaram primeiro o cálice e, a partir dos comandos da pastora, andaram pela igreja trocando os cálices de maneira muito festiva. Passada a euforia, as pessoas voltaram para o lugar, receberam o pão. Juntamente com o pastor auxiliar, o rito do memorial da santa ceia foi lido na própria bíblia.

Porque eu recebi do Senhor o que também vos ensinei: que o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão; e, tendo dado graças, o partiu e disse: "Tomai, comei; isto é o meu corpo que é partido por vós; fazei isto em memória de mim". Semelhantemente também, depois de cear, tomou o cálice, dizendo: "Este cálice é o novo testamento no meu sangue; fazei isto, todas as vezes que beberdes, em memória de mim. Porque todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice anunciais a morte do Senhor, até que venha. Portanto, qualquer que comer este pão, ou beber o cálice do Senhor indignamente, será culpado do corpo e do sangue do Senhor" (1 Coríntios 11,23-27).

Ao término da santa ceia, veio o momento das ofertas, seguido das orações finais em alguns momentos, ela e outras pessoas oravam em línguas (glossolalia). As pessoas se despediram uma das outras. Um pequeno grupo ficou para conversar com a pastora.

2.2.4 Encontro com Débora, a pastora que saiu do processo

No princípio do ano de 2013, fui a um dos cultos da Igreja da pastora Débora, cheguei mais cedo. Fui recebida por um dos obreiros, ele foi muito gentil e acolhedor respondeu a todas as minhas perguntas, contou-me sobre o seu ministério. Ele e outros dois jovens estavam preparando uma mesa de chá com biscoitos, que seria servido após o culto. Nesse intervalo a pastora Débora chegou, o obreiro me apresentou a ela e nós começamos a conversar. Falei do meu objetivo em estar ali. Ela então começou a me contar a sua história, tinha determinados momentos em que ela deitava no meu ombro, em busca de consolo.

Eu estava ali diante de uma mulher que nunca havia visto em minha vida, que depositou em mim tamanha confiança, que eu retribuía com afagos. Passei então a frequentar esporadicamente seus cultos. Marcar uma entrevista não foi tarefa fácil, por diversas vezes não consegui entrevistá-la. Quando marcávamos após o culto, sempre acontecia algum imprevisto, ou ela estava com visitas, ou os membros da igreja solicitavam alguma intervenção, como bênçãos, expulsão de demônios etc. Por duas vezes passou mal, na última teve uma queda na escada de sua casa, passou por um período difícil de observação e exames. Quando por fim marcamos uma determinada noite em sua casa, cheguei às 19 horas em ponto. Minutos antes ela havia me ligado dizendo que não poderia me atender, pois tinha uma visita pastoral para fazer. Eu já estava na rua da sua casa, então ela me convidou para entrar para remarcarmos a reunião. Não obstante, acabamos conversando por quase duas horas. Estavam na casa seu filho mais velho, seus sobrinhos e sua irmã (também pastora consagrada por ela), que participou da conversa. Falamos sobre o projeto de pesquisa e os desafios que as mulheres têm hoje na sociedade.

Contaram-me várias histórias do cotidiano familiar, dos dons de revelação que ambas têm. Na conversa, a pastora revelou-me os dramas familiares que vivencia. Um deles é que a filha caçula se casou grávida e o casal era responsável pela juventude da Igreja, foram consagrados levitas (ministros de louvor), e que o filho vive um casamento moderno, tem uma filha, se relaciona com sua esposa, porém moram em casas separadas. O que me chamou a atenção na casa da pastora foram os simbolismos. No seu jardim, cuidado por ela mesma, tem doze pequenas árvores formando uma borda, que representam as doze tribos de Israel; ao centro três cicas médias lembrando a trindade e, por fim, uma grande rocha, lembrando Jesus, a

pedra angular. Dentro da casa uma faixa escrita com letras douradas em hebraico. Depois um aparador com um quadro acima com uma pintura de natureza morta (uvas, maçãs etc.), em cima do aparador coberto por uma toalha branca e por cima um talit (manto judaico). Havia, também, sete taças transparentes com óleos com essências distintas, duas menorás (candelabro judaico), uma pequena réplica da arca da aliança, pedras pintadas de dourado, um jarro com óleo, uma pequena tigela de vidro com pedras semipreciosas com óleo. Segundo a pastora, ela montou aquele lugar seguindo a inspiração do Espírito Santo; ali ela ora e sente a presença de Deus. É um lugar muito agradável, a essência dos óleos se exala pela casa. Marcamos a reunião para a semana seguinte. A pastora não compareceu, mandou-me avisar que se encontrava no hospital acompanhando sua filha que havia dado à luz.

A Igreja foi fundada no ano de 2000, pela pastora Débora, nome também escolhido entre as mulheres que figuram no primeiro testamento do livro sagrado judaico-cristão. O nome escolhido para denominar a pastora que fundou a igreja em Contagem, Débora, é de uma personagem bíblica do livro dos Juízes. Ela foi considerada a mãe de Israel, pois se denominou assim, segundo o livro sagrado para judeus e cristãos. Esposa de Lapidot, foi a única mulher a tornar-se juíza do povo de Israel. Resolvia todos os litígios do povo debaixo de uma palmeira.

A pastora Débora, 50 anos, divorciada, um casal de filhos, duas netas, parou de estudar na antiga quarta série do primeiro grau. Pertencia à Igreja do Evangelho Quadrangular, onde foi consagrada pastora, porém por várias vezes foi impedida de desenvolver seus dons de revelação. O pastor titular ficava incomodado pela grande procura dos fiéis por ela. Alertou várias vezes que ela não poderia desenvolver a revelação na Igreja. Além disso, se sentia discriminada por ser separada, já havia vivenciado dois casamentos. Ela procurou aprofundar sobre a vida da fundadora de sua denominação e achou muitas semelhanças com Aimee Semple McPherson, fundadora da Igreja Quadrangular. Inclusive, acha que no curso que fez antes de sua consagração, os formadores escondiam a verdadeira vida da fundadora. Após uma revelação do próprio Deus, segundo ela, resolveu seguir os passos da mulher que tanto admirava, rompeu com sua congregação e foi em busca de realizar os desígnios do Senhor: fundar seu próprio Ministério.

Figura 5 – Igreja da pastora Débora



Fonte: arquivo da pesquisadora

Quando cheguei à Igreja, o culto já havia começado. Estava terminando o momento de louvor e, lá de cima do altar, a pastora Débora acenou para mim e mandou-me um beijo, ao qual eu correspondi. Começou o culto fazendo revelações (ao som da música *Conquest of Paradise*, do Vangelis). Pediu para as pessoas colocarem fotos, chaves e outros objetos que estavam em cima de uma mesa ornamentada com uma menorá, um cálice e uma estrela de Davi.

Pediu para abrir a bíblia em Hebreus 11, verso 6: “Ora sem fé é impossível agradar-lhe: porque é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe, e que é galardoador dos que o buscam”.

Deus tem os princípios dele. Eu tenho intimidade com Deus. Ele fala comigo o tempo todo, eu vou ao banheiro Ele fala comigo, eu ando pela casa Ele fala [solta um grito] Ele fala com você: “vaso”! [Fala em línguas, grita, ora...]. Eu não sou santa, eu caio também. Teve uma época que todo morador do bairro falava de mim, fiquei igual osso na boca de cachorro... mas Deus me honrou, teve a inauguração da praça [ela aponta em direção à praça, que fica no limite das duas cidades]. Estava lá a prefeita de Betim e a de Contagem. Eu fui chamada para um culto ecumênico (“oh, glória!”), cheguei lá era o padre Fernando¹⁷, preto que nem eu. Eu já o conhecia, abracei ele e falei: “Padre, fica calmo”, pois senti que ele tava nervoso, ele é tímido, abracei ele e disse “o senhor parece com meus irmãos, o senhor é meu irmão” [ela grita: “eu fui honrada, vaso!”]. Mulher de Deus tem que ter coragem, homem de Deus tem que ter coragem! [grita mais alto] Sua bênção está chegando! Ela vai nascer é que nem parto, faz força que o bebê vem... [os instrumentos rufam] Meu pai me chamava de prostituta sem eu ter feito nada, ele era um endemoniado sem crack e sem cachaça. Eu sofri muito... a minha ligação é direta com Deus [cita um trecho da bíblia – não consegui anotar, foi muito rápido, as pessoas que estavam ao meu lado

¹⁷ Nome fictício.

também não conseguiram entender]. (Trecho da pregação da pastora Débora).

Ela continua: “A ligação com Deus é direta, se você é fofoqueiro, tem que deixar de fofocar, parar de reclamar, tem que bendizer quem te mal diz...” Citou muitos exemplos do cotidiano (não consegui anotar, falava muito rápido e sempre emendava um assunto no outro, sem nenhuma reflexão). Pediu para abrir a bíblia em II Timóteo, 3,1-2:

¹Sabe, porém, isto : que nos últimos dias sobreviverão tempos trabalhosos.

²Porque haverá homens amantes de si mesmos, avarentos, presunçosos, soberbos, blasfemos, desobedientes a pais e mães, ignorantes, profanos (Tm, 3,1-2) [grita glórias, aleluias, fala em línguas e prossegue...]. Somos pedras brutas, que têm que ser lapidadas. Muitos vêm para a igreja por causa da moda, agora a moda é gospel, a pessoa vai atrás do hino. Ninguém quer saber a verdade, tem que ser muito macha e macho também, pra falar a verdade. Satanás não gosta da verdade...Todo dizimista prospera, eu conheço muitos católicos que estão prosperando, eles são dizimista. É preciso ter santidade, vale a pena ser cristão, não que eu seja perfeita, temos que aprender... [chama para orar sobre os objetos]. Venham aqui para frente todos que estão na igreja – usando os títulos de pastoras, pastores e profetas. Já estou profetizando todos pode ser pastor, pastoras, profetas, qualquer um aqui pode ser, estou profetizando a pessoa inteligente recebe. (Trecho da pregação da pastora Débora).

De repente ela para e chama uma jovem para subir ao altar. A jovem estava com uma blusa de malha com um ombro coberto e o outro descoberto. Ela fica visivelmente desconcertada cruzando os braços sobre os peitos. A pastora diz: “não preocupe com isso não, menina”. Descruza os braços dela, ajeita a blusa de maneira que os ombros ficam à mostra (a assembleia ri... porque ficou mais decotado que antes... dois ombros à mostra). Colocou a mão no coração dela, deu umas batidinhas e disse: “Ele está preocupado com isso...” Abaixou o microfone e falou algumas palavras com ela (inaudíveis) e a abraçou demoradamente. Continuou o culto. Chamou todos os presentes para levantar as mãos em direção aos objetos em cima da mesa. Sob o comando dela, abençoou-a e cada pessoa pegou o seu, inclusive eu, e voltou para o lugar. Pediu para abrir a bíblia em Daniel 2, 20-21 a 22. Pediu para todos lerem com ela: “E ele muda os tempos e as horas, ele remove os reis e estabelece os reis: ele dá sabedoria aos sábios e ciência aos entendidos. Ele revela o profundo e o escondido: conhece o que está nas trevas, e com ele mora a luz”. E prega:

Deus é um Deus revelador. Deus me mostra muita coisa, eu não sei o que é isso [grita]. Minha filha quando era adolescente ficava com raiva, dizia que Jesus era um X9, ele fica falando as coisas das pessoas com você. Eu sou como vocês, comedora de arroz com feijão. É só buscar... [aponta para uma senhora no meio da Igreja]. Você lembra, irmã, quando eu olhei para senhora e vi um caminhão perdendo o freio e na semana seguinte o caminhão do marido da irmã perdeu o freio na estrada? Nós oramos por ele... Sofreu poucos ferimentos... [aponta para outro] Você lembra do tiroteio que eu vi, aqui atrás perto do parque [aponta na direção do parque]? O primo de João* que estava envolvido nas drogas morreu, você lembra, José*, o que eu falei naquela época? Você escapou para honra e glória de Jesus [grita aleluias e glórias, fala em línguas... Chama as pessoas para frente do altar e prega]. Para de ficar buscando prosperidade material, o material acaba, você tem é que deixar de ser orgulhoso e fofoqueiro, tem que parar de falar mal das pessoas, tem tratar bem as pessoas, os inimigos também... Chegou a hora das ofertas todos serão ungidos independentes se trouxeram ofertas ou não. (Trecho da pregação da pastora Débora).

Forma-se uma fila e os obreiros ungem as pessoas. Quem tem oferta deposita na urna, enquanto isso a pastora está de joelhos no altar orando no microfone. Estabelece uma conversa mansa e serena que termina em leves sussurros. Começou assim: “Senhor quantas vezes eu queria ofertar e não podia, abençoa a visita de cada irmão, cada irmã...” Foi diminuindo a voz cada vez mais e ficou ali durante o tempo todo em que as pessoas ofertavam, era com se sussurrasse aos ouvidos de Deus. Terminou o culto ali. Ela desceu do altar e as pessoas se juntaram a ela, abraçando-a, pedindo bênçãos, contando bênçãos, apresentando filhos, netos etc. Enquanto isso, um chá com biscoitos na porta da Igreja estava posto, as pessoas se serviam e conversavam. Quando todos saíram, ela me deu um caloroso abraço, conversamos um pouco e fomos embora, pois já era um pouco mais de onze horas da noite.

Depois de muitos desencontros, a pastora saiu do processo de pesquisa. Alegou que estava insegura, pois muitas pessoas, principalmente homens, já haviam tentado tomar o ministério dela. Além disso, a filha havia dado à luz e estava com sério problema de saúde; ela precisava dar assistência à filha e a suas “ovelhas” que estavam passando por dificuldades, principalmente uma senhora a qual ela chama de “vó”, que estava em fase terminal de câncer. Ela queria estar ao lado dela, quando o “Senhor a levasse”. Portanto, não teria mais tempo, nenhum dia e nem horário para mim. Eu disse que compreendia a situação, expliquei que precisava fazer apenas duas perguntas, ela marcou o dia e o horário em sua casa, porém, quando cheguei lá, ela não estava e nem atendeu ao telefone. Não insisti mais, pois entendi sua situação, seus conflitos e sua desconfiança. O que mais me chamou

atenção na pastora Débora foram seus traços de paranormalidade. Presenciei vários fatos em sua Igreja aos quais ela chamava de “revelação”.

Na obra de Adriano Holanda, *Psicologia, religiosidade e fenomenologia* (2004), o autor relata experiências vividas por Rosa Maria, possuidora de características paranormais. Para Holanda (2004), a paranormalidade é um tema do senso comum, quase sempre ignorado no âmbito acadêmico. O fenômeno paranormal está “além do normal” e por isso é considerado como praticamente impossível de ser avaliado. “O indivíduo paranormal, na maioria das vezes, tenta esconder sua ‘anormalidade’ e procura meios de neutralizá-la”. A colaboradora da pesquisa, Rosa Maria, vinha realizando, como proposta de vida, um trabalho intensivo sobre paranormalidade, com palestras de esclarecimento público e cursos para instruir e orientar paranormais. Rosa vê (imagens interiores e exteriores) e sabe aquilo que acontece no passado, no presente e no futuro e sua vidência tem uma utilidade prática: Rosa alerta e aconselha pessoas sobre os acontecimentos que vê, tendo já ajudado a solucionar casos de desaparecimentos de pessoas.

O fato dos “dons de revelação” da pastora é um paradoxo: ao mesmo tempo em que atrai fiéis para sua igreja, eles também se afastam, pois nem sempre gostam do que lhes é revelado. Sua Igreja vive de altos e baixos. Durante muitos anos teve uma frequência média de trezentas pessoas, segundo relatos da própria pastora e de outros membros. Já foi palco de atração da cantora gospel Mara Maravilha. Nas vésperas de debutar, a Igreja encontra-se em uma grande crise financeira, pois sempre teve muitos membros, mas nem todos eram dizimistas.

Resolvi não procurar mais a pastora Débora por entender o delicado processo em que ela se encontra (crise familiar e crise na sua instituição). Entretanto, achei pertinente registrar os contatos que tivemos.

2.3 Igrejas fundadas por pastoras

Embora muito diferentes entre si, essas pastoras possuem um ponto de convergência: o rompimento com suas instituições no momento em que suas relações ou desejos de ir além ficaram insustentáveis. Janine Targino da Silva (2010), em sua pesquisa sobre Igrejas fundadas por mulheres em Nova Iguaçu, percebe que

o rompimento com a instituição insurge como marco cronológico que assinala o início de uma trajetória que culmina com a fundação de uma nova igreja. Todos os desentendimentos entre essas mulheres e seus antigos pastores – desentendimentos estes permeados pelas inerências de um relacionamento amplamente hierarquizado – são propulsores que as levam a abandonar a instituição sem, no entanto, deixarem de persistir no projeto de vivenciar a religiosidade pentecostal. (SILVA, 2010, p. 44).

Na Igreja da pastora Rebeca é notória a interdependência entre ela e seu esposo. A palavra circula entre os membros de sua igreja, cada segmento tem o seu papel. Nas Igrejas das pastoras Rute e Ester, há uma subversão dos ritos. Todos são convidados a participar da santa ceia, ritual comum em todas as igrejas cristãs. Na maioria das igrejas, como Batistas, Assembleia de Deus, Quadrangular, entre outras, é exigido que os membros tenham passado por um processo de doutrinação. Já na igreja delas, a participação é livre, depende apenas da consciência da pessoa.

As Igrejas da pastora Rebeca e Ester apresentam traços pentecostais. Prevaecem elementos do pentecostalismo, a oração em línguas, a busca pela revelação vinda direta de Deus, a cura de doenças físicas, a libertação dos vícios, além de encararem todos os problemas como uma batalha entre o bem e o mal. Porém, a pastora Ester é engajada no Conselho Municipal de Saúde e na associação das vítimas da anemia falciforme. Na igreja da pastora Rute, existe uma preocupação com os estudos bíblicos e a sua relação direta com o mundo prático da vida. Prevaecem as mensagens positivas de autoajuda; o encantamento e o maravilhoso são elementos secundários.

Ao contrário do relato expresso na obra *O fenômeno religioso*, do cientista da religião Ivo Pedro Oro (2013), sobre o culto pentecostal, em que ele descreve como em muitas igrejas o espaço sagrado não é tão expressivo e que o culto é centralizado na figura do pregador. As três Igrejas pesquisadas são ricas em simbologia e devidamente ornamentadas. Na Igreja da pastora Rebeca, prevaecem os símbolos judaicos, como a menorá e a estrela de Davi.

Nas três Igrejas há sempre flores e toalhas de mesa em várias tonalidades, o branco prevalece. Na igreja da pastora Rebeca, prevalece o crochê. Na Igreja da pastora Ester, prevaecem as toalhas bordadas por uma irmã, cujos motivos lembram as toalhas dos altares católicos. A palavra circula, não é centralizada apenas na líder; a hierarquia não é tão rígida como nas outras denominações cristãs. São Igrejas mais festivas, sempre há um pretexto para se reunirem em torno da mesa. São igrejas sem poder econômico, e há certo escrúpulo no que se refere

ao dinheiro. Existe ali um micro poder, que dá sentido às vidas das líderes e de seus/suas liderados/as. Segundo Foucault (2002), os poderes periféricos não foram absorvidos pelo Estado, são moleculares e podem ser exercidos em níveis variados por pessoas ou grupos. O poder molecular não parte do centro para a periferia e nem do macro para o micro, ele é algo que circula, que se exerce em rede. Para Perrot (2005), os vínculos entre mulheres e religião são antigos, poderosos e ambivalentes. Opressão e poder estão ali imbricados de maneira quase indissolúvel.

Ao romperem com suas antigas denominações, essas mulheres rompem também com o modelo hierárquico ao qual estavam submetidas e tornam-se as principais líderes de suas igrejas (SILVA, 2010). Elas protagonizam um importante papel enquanto geradoras de novas simbologias em suas igrejas, como Freston (1994) nos apresentou através de seus estudos sobre o pentecostalismo até a terceira onda pentecostal.

São relevantes para o campo religioso brasileiro estudos que focalizam igrejas fundadas por mulheres no universo pentecostal. São mulheres que emergem do mundo da vida e se apresentam. Elas têm o poder da mobilização, o carisma próprio de líderes, porém, não têm o poder financeiro e ainda são estigmatizadas pelas ideologias patriarcais vigentes. No entanto creio, sem pretensões, que podemos estar diante de uma quarta onda do pentecostalismo, dentro do contexto ocidental e, sobretudo, latino americano no que se refere à luta das mulheres pelo fim da discriminação e subordinação aos homens e às estruturas que legitimam esse fato.

As mulheres evangélicas que hoje ocupam a hierarquias das igrejas, ou que até mesmo fundam suas denominações; fazem parte da mesma arqueologia das mulheres que foram apresentadas no primeiro capítulo. A profetisa Joanna Southcott, empregada doméstica, que no século 18 na Grã-Bretanha atraía multidões, apesar de analfabeta era uma leitora assídua da bíblia. Rompeu com a Igreja Metodista, pois se tornou indesejável na sua comunidade de fé. A migrante Ann Lee, também analfabeta, que na Inglaterra do século 18 rompeu com sua paróquia anglicana, foi acusada de fanática e herética. Ela e seu grupo são perseguidos, partem para a Nova Inglaterra e fundam a Sociedade dos Crentes na segunda Aparição de Cristo, o Shakerismo. Segundo Perrot (2005), as experiências dessas mulheres de tomada de palavra e de responsabilidade deixaram um legado que iria regar o século seguinte.

O século 19 não nega o valor das mulheres, bem ao contrário; apela-se para suas qualidades específicas no interesse de todos. Na segunda metade do século, sobretudo, elas são exortadas a exercer seu poder fora de casa: a controlar os bons costumes e as desigualdades por meio da filantropia, gestão privada da “questão social”. Certos setores lhes são destinados: as crianças, os doentes, os pobres... elas serão pioneiras no trabalho social. (PERROT, 2005, p. 269).

O protestantismo, segundo Perrot (2005), ofereceu mais brechas para as mulheres, pois, em nome da Bíblia, favoreceu o acesso à leitura e à alfabetização para as meninas. Representam a arqueologia citada acima mulheres do século 19 como Mary Baker Eddy, fundadora da Igreja Ciência Cristã, em Boston, que se espalhou por 135 países além dos Estados Unidos, incluindo o Brasil, e Aimee Semple McPherson, que fundou a Igreja do Evangelho Quadrangular e a primeira rádio evangélica dos Estados Unidos. A Igreja do Evangelho Quadrangular é internacional e está presente em todos os continentes.

De acordo com Perrot (2005), em uma sociedade globalmente dominada pelo poder masculino, as mulheres exercem todas as formas de poder que lhes é possível. Para a historiadora, as mulheres do século 19 não foram somente vítimas ou sujeitos passivos. Elas utilizaram os espaços e as tarefas que lhe eram deixados ou confiados, elas elaboraram, aproveitaram as brechas para construir um contrapoder que possibilitava a subversão de papéis.

No Brasil do século 20, as protagonistas na fundação de seus próprios ministérios são Valnice Milhomens Coelho, fundadora da Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo, presente em todo o Brasil e países como Portugal, Moçambique, Suíça e Japão; as pastoras Lanna Holder e Rosania Rocha, fundadoras da Igreja Comunidade Cristã do Refúgio, presente em São Paulo capital, Campinas, Londrina, Natal e Brasília, e as mulheres que fundaram suas Igrejas em Nova Iguaçu, apresentadas pela socióloga Janine Targino da Silva (2010), e as Igrejas de Contagem, apresentadas neste trabalho, seguem construindo rupturas no início do século 21.

2.4 Considerações finais

Podemos considerar que essas mulheres colhem frutos das lutas das últimas décadas protagonizadas pelos movimentos feministas. As teóricas feministas têm

proporcionado inúmeras discussões na tentativa de analisar o tratamento que tem sido dado à mulher ao longo da história. No próximo capítulo, iremos abordar as contribuições do feminismo para a construção de novos paradigmas para a humanidade, inclusive no campo religioso.

3 FEMINISMO E RELIGIÃO

Para analisar as igrejas fundadas por mulheres como um fenômeno que se apresenta dentro do campo religioso brasileiro contemporâneo, que está em constante mudança, retomo a história do movimento feminista na América Latina, com ênfase nas conquistas das mulheres brasileiras. Aponto, de forma sucinta, a influência do feminismo nas teologias da libertação e feministas latino-americanas.

3.1 Feminismos e as teorias de gênero

A historiadora Michelle Perrot, em sua obra *Minha história das mulheres* (2007), retoma a história das mulheres a partir de uma visão pessoal, contemplando todos os segmentos sociais e suas representações, masculino e feminino, classes sociais, poder, família, crianças etc. Ao retomar a história do feminismo em suas origens, busca até mesmo a paternidade incerta da palavra “socialismo”, que é atribuída a Pierre Leroux. No campo da religião, ela afirma que o feminismo protestante foi mais ativamente sufragista do que seu homólogo católico e latino, muitas vezes em nome da diferença, em nome daquilo que as mulheres podiam trazer à gestão desse “grande lar” que é o Estado. Nos países da Europa do Norte, as mulheres votaram mais cedo e chegaram mais cedo ao poder. Esses países não hesitaram em adotar medidas incitativas. Nos países latinos, mais machistas, o movimento foi tardio, pois a figura da mãe foi sempre venerada como aquela que está “em casa”. A construção da teoria de gênero foi um elemento fundamental para o avanço das lutas feministas e no decorrer dos séculos, tem proporcionado inúmeras discussões entre teóricas e teóricos feministas (SANTOS, 2002).

Uma das marcas do desenvolvimento teórico do feminismo é o conceito de gênero. A teoria de gênero é uma chave de análise que propõe uma desconstrução de ideologias políticas que definem estruturas de poder com privilégios de classe, etnia, gênero e geração e se afirmam por meio de estruturas religiosas, econômicas, culturais e sociais. O conceito “gênero” tem sua origem etimológica na palavra inglesa *gender*. É um conceito hermenêutico introduzido pelo feminismo ocidental. A filósofa francesa Simone de Beauvoir (1945) afirma que “não se nasce mulher, torna-se”. Beauvoir parte da ideia de que o sexo é natural e o gênero é uma construção social. Para Joan Scott (1996), gênero é um elemento constitutivo de

relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e uma forma primeira de significar as relações de poder. Para Judith Butler (1987), não existe uma identidade de gênero por trás das expressões de gênero, uma vez que a identidade é constituída de maneira performática. Nessa perspectiva, o gênero é um fenômeno que depende de um contexto, de uma ligação entre conjuntos específicos de relações culturais e historicamente convergentes.

O feminismo nem sempre é bem aceito. Muitas mulheres do senso comum se defendem: “Eu não sou feminista”, dizem algumas, conscientes, apesar de tudo, do que elas devem ao movimento (PERROT, 2007). Por muito tempo o feminismo esteve longe da historiografia; nos últimos trinta anos é que tem sido objeto de pesquisas. De um movimento frágil em suas origens, passou a ser uma epistemologia que compreende que há estruturas e sistemas sociais, culturais e históricos desiguais que submetem e causam sofrimento. Sua essência está na postura de uma vida baseada numa ética inclusiva que reconhece como viável e justa uma pluralidade de experiências e condições humanas¹⁸.

Segundo Ivone Gebara (2000), o conceito “gênero” possui duas dimensões interligadas. O primeiro aspecto reflete que a dimensão biológica do ser humano não é suficiente para explicar o comportamento do homem e da mulher na sociedade, é algo mais amplo que sexo. A segunda dimensão está ligada à noção de poder. Nesse aspecto, a mulher ocupa posições secundárias, seja nas organizações políticas, sociais ou religiosas ocidentais. Os dois aspectos revelam que a noção de gênero inclui os homens e as mulheres em suas relações privadas e públicas mais amplas.

3.1.1 O feminismo

O movimento feminista surgiu no início do século XX em um contexto de efervescência de lutas dos mais variados matizes; as lutas e as denúncias contra as várias formas de opressão não se limitavam apenas às esferas econômicas. Negros, outras etnias, homossexuais ousaram empunhar suas bandeiras e ganharam as ruas de vários países europeus, como França e Inglaterra, e logo depois chegaram à América do Norte e depois à América Latina.

¹⁸ Aula ministrada pela professora Anete Roesse, em 12 mar. 2014, na PUC Minas.

A história de luta das mulheres pela emancipação é longa e perpassa vários períodos da história. De acordo com Saffioti (1997) e Perrot (2005), as mulheres foram apresentadas como transgressoras de leis e normas de comportamento que os homens criaram. O marco das lutas feministas que aconteceram nas décadas de 1920 e 1930 teve uma característica sufragista que garantiu o voto feminino e suscitou o debate contra o sistema que tornava as mulheres propriedades dos pais e dos maridos, os casamentos eram arranjos políticos e permuta de negócios. Esse momento histórico ficou conhecido como “primeira onda do feminismo”. As décadas de 1960 e 1970 deram início à “segunda onda”, os debates são ampliados, as lutas são não só por direitos políticos, mas também por direitos trabalhistas e liberdade sexual. Foi dentro desse contexto que gênero surgiu como categoria analítica no intuito de analisar e buscar a razão do processo de subordinação imposto às mulheres ao longo da história.

Os estudos feministas, até os anos 70, tinham como objeto central “a mulher no singular”. Os trabalhos produzidos neste período tinham uma preocupação em explicar as causas da opressão feminina, da subordinação da mulher na história do patriarcado. (CONCEIÇÃO, 2009, p. 740).

A utilização do conceito gênero alterou significativamente o debate feminista e agregou elementos históricos e culturais para melhor compreensão de sexo e gênero. Ainda nesse período, o campo feminista tentou fazer uma ampla discussão sobre relações de sexo e classe social. A “terceira onda” surge no fim da década de 1980, após a inserção das mulheres negras, que não se reconheciam no feminismo de mulheres brancas e de classe média-alta. A atuação do segmento de mulheres negras apontou que o feminismo não se tratava apenas de sexo e classe. Entrou em cena outro elemento: a etnia. A partir daí iniciou-se a articulação de gênero, etnia e classe social, idade e outros, ou seja, um novo desenho das situações de gênero surgiu. Para Joan Scott (1997), essas categorias tanto são promotoras de inclusão dos excluídos da história, como também possibilitam a compreensão do significado e da natureza da sua opressão e o entendimento da academia de que as desigualdades passam por estes três crivos: gênero, etnia e classe. Segundo Conceição (2009), o simples uso do termo “gênero”, sem uma mudança de paradigma teórico, faz com que se estudem as coisas relativas às mulheres, sem as indagações necessárias sobre a construção da relação entre homens e mulheres,

como são feitas, como estão, como funcionam, como se desenvolvem e como se transformam.

Com a chegada do terceiro milênio, a agenda do feminismo se ampliou. Alguns segmentos já falam de uma “quarta onda”, que incluiria uma visão holística, ou seja, uma visão centrada na sustentabilidade do planeta. Segundo Ivone Gebara (1997), a concepção ecofeminista se abre para um referencial mais amplo e inclusivo do que a protagonizada pela cultura ocidental.

3.1.2 O feminismo na América Latina

Os feminismos na América Latina têm se ampliado de modo substancial, desbancando a ideia antes predominante no imaginário das feministas da América do Norte de que as latino-americanas não se consideravam feministas, ou que o feminismo não serve à América Latina. Esses pressupostos foram construídos baseados na ideia de que o feminismo era fruto das contradições existentes em países altamente desenvolvidos, mas não nas sociedades subdesenvolvidas; outro argumento era de que só se poderia conquistar a libertação através do socialismo, e este, uma vez consolidado, eliminaria a opressão realizada contra as mulheres. Contrariando esses argumentos, o feminismo latino-americano nasceu entre as décadas de 1960 e 1970, em um dos momentos mais sombrios da história da América Latina, em que uma série de golpes militares silenciou as vozes dos movimentos progressistas de todos os matizes.

Foram surgindo, por vários países da América do Sul, da América Central e Caribe, de forma plural e de acordo com a realidade local, grupos de mulheres que se juntavam contra a repressão dos estados militaristas.

As feministas latino-americanas nasceram, portanto, como movimentos intrinsecamente de oposição. Assim, a partir do momento em que surgiram os primeiros grupos feministas, em meados da década de 70, muitas latino americanas não apenas desafiavam o patriarcado e seu paradigma de dominação machista – o estado militarista ou contrainsurgente, mas também juntavam forças com outras correntes de oposição, ao denunciarem a exploração e a opressão, social, econômica e política. (ALVAREZ, 1994, p. 258).

De acordo com Paul Singer (1994), no Brasil esse movimento se expressou através de clubes de mães, associações de moradores de bairros, movimentos por

creches, movimentos de luta contra a carestia e outros. Na Bolívia, foi através da organização das mulheres de mineiros bolivianos. No México, através das mulheres do movimento popular. Na Argentina, no movimento conhecido internacionalmente como as Mães da Praça de Maio.

Nos governos militares ou civis, os conceitos tradicionais dos papéis das mulheres e os apelos pelos valores da família cristã estavam na essência da ideologia da segurança nacional, da contrainsurgência e da política social recessiva (ALVAREZ, 1994).

Vale lembrar que, no espetáculo de horrores promovido pelas ditaduras da América Latina e Caribe, as mulheres também foram vítimas da repressão, sendo violentadas, perseguidas e humilhadas juntamente com familiares e companheiros/as. Segundo Munhoz (2008), o autoritarismo é a forma mais elevada da opressão patriarcal; ele ganhou corpo, força e expressão tanto nos governos civis oligárquicos como nos regimes ditatoriais.

Como na América do Norte (Canadá e Estados Unidos) e na Europa ocidental, então, o feminismo de segunda leva na América Latina nasceu da “Nova Esquerda” [...]. A consciência feminista foi assim alimentada por múltiplas contradições experimentadas por mulheres ativas nos movimentos guerrilheiros ou organizações militantes, obrigadas a se exilar, e envolvidas em movimentos estudantis ou organizações acadêmicas politizadas e partidos políticos progressistas. (STERNBACH, 1994, p. 260).

A herança deixada pela esquerda exerceu grande influência nas primeiras feministas, pois privilegiava a luta de classes sobre a de gênero e, na perspectiva marxista, o trabalho feminino foi incorporado no mundo público da política e da produção contribuindo assim para a formação do movimento revolucionário de mulheres, com base na classe operária, espalhando-se por toda a América Latina. Nesse contexto, houve o fortalecimento da segunda onda dos feminismos em terras latinas do então “terceiro mundo”.

Nas últimas décadas, os movimentos feministas ou feminismos latino-americanos e caribenhos vêm atraindo olhares internacionais, pois passaram da fase da participação de movimentos reivindicatórios para a sistematização dessas experiências na academia, provocando assim o debate em vários âmbitos. Os *Encuentros Feministas* envolvendo mulheres da América Latina e Caribe realizados bianualmente desde 1981 têm sido um marco na história de organização da trajetória política das feministas da atualidade das Américas do Sul, Central e

Caribe. Segundo Alvarez e suas companheiras (2003), esses encontros vêm funcionando como espaços críticos transnacionais nos quais militantes locais remodelam e renegociam identidades, discursos e práticas distintivas dos feminismos da região.

Os Encontros permitiram que as militantes pudessem compartilhar suas diferentes perspectivas e construir significados políticos e culturais alternativos. Apesar de muitas vezes serem politicamente marginalizadas sem seus países, as participantes dessas conversas regionais periódicas puderam se engajar com outras cujos feminismos emergem de condições sociopolíticas e heranças coloniais e neocoloniais análogas. Em uma região em que a esquerda inicialmente via o feminismo como uma importação burguesa e imperialista que dividia a luta de classes, e em que a Direita e a Igreja o denunciaram como uma afronta às normas culturais nacionais e os valores da família cristã, nós argumentamos que os Encontros provaram ser arenas transnacionais fundamentais onde identidades e estratégias especificamente latino-americanas têm sido constituídas e contestadas. (ALVAREZ, 2003, p. 543).

Os *Encuentros* têm sido fundamentais para promover novas modalidades de ações transfronteiras, como a formação de uma grande rede de defesa e promoção de direitos, além de criar uma gramática feminista comum e seguir desafiando as normas culturais masculinistas. A socialização das experiências tem ajudado a reorientar as práticas dos movimentos em cada país. Os movimentos locais têm se beneficiado com a alternância dos locais dos *Encuentros*, uma vez que cada um deles discute as demandas do país-sede.

Os *Encuentros*, mesmo sendo de âmbito regional, têm acolhido diversas expressões do feminismo intercontinental. No decorrer das várias edições realizadas registrou-se um número significativo de participantes de vários continentes, sobretudo da Europa e América do Norte, cada uma trazendo seus desafios, mas também suas perspectivas, experiências e utopias (MUNHOZ, 2008).

3.1.3 O feminismo no Brasil

No Brasil, as ondas feministas também se manifestaram. A primeira se deu dentro do contexto sufragista, portanto, a luta pelo direito ao voto. Tal momento foi organizado pelas mulheres das classes mais abastadas, filhas de políticos e intelectuais da sociedade brasileira que tiveram a oportunidade de estudar fora do Brasil. Constituíam assim um feminismo comportado ou difuso (PINTO, 2003). Na

Inglaterra, as mulheres que organizaram a luta por seus direitos políticos, conquistados em 1918, ficaram conhecidas como *sufrajetes*, pois muitas vezes foram presas e várias vezes fizeram greve de fome. As *sufrajetes* brasileiras tiveram liderança de Bertha Lutz, bióloga, cientista reconhecida, tendo estudado no exterior. Na volta ao Brasil, iniciou a luta pelo voto feminino, liderou um abaixo-assinado, que foi levado ao senado em 1927, pedindo a aprovação de um projeto de lei que dava direito ao voto às mulheres. Em 1932, esse direito foi conquistado após a promulgação de Novo Código Eleitoral Brasileiro.

De acordo com a historiadora e cientista política Céli Regina Jardim Pinto (2003), na primeira onda do feminismo no Brasil o movimento das operárias de ideologia anarquista, em 1917, reunido na União das Costureiras e Chapeleiras e Classes Anexas, lançou um manifesto em que denunciavam: “Se refletirdes um momento vereis quão dolorida é a situação da mulher nas fábricas, nas oficinas, constantemente, amesquinhas por seres repelentes”.

A segunda onda pode ser caracterizada no início da década de 1970, em pleno regime militar. Segundo a psicóloga e cientista política Marlise Matos (2010), foi um momento de síntese tanto da desvalorização e da frustração da cidadania no Brasil quanto de sustentação da opressão patriarcal. As mulheres se articularam através de organizações para enfrentar a ditadura militar no Brasil. Enquanto um grupo organizava no País as primeiras manifestações, as exiladas entravam em contato com o feminismo europeu, apesar da oposição de seus companheiros, que viam o feminismo um desvio na luta pelo fim da ditadura e pela construção do socialismo. Como coloca Céli Regina Jardim Pinto (2003), a *Carta Política* lançada pelo Círculo da Mulher em Paris, em 1976, dá uma visão da situação em que as mulheres exiladas encontravam-se:

Ninguém melhor que o oprimido está habilitado a lutar contra a opressão. Somente nós mulheres organizadas autonomamente podemos estar na vanguarda dessa luta, levantando nossas reivindicações e problemas específicos. Nosso objetivo ao defender a organização independente das mulheres não é separar, dividir, diferenciar nossas lutas das lutas que conjuntamente homens e mulheres travam pela destruição de todas as relações de dominação da sociedade capitalista. (PINTO, 2003, p. 54).

Em meados da década de 1970, foi também lançado o Movimento Feminino pela Anistia, que teria um papel muito importante na luta pela anistia que ocorreu em 1979. A terceira onda do feminismo brasileiro se dará com a redemocratização do

Brasil. Foi um momento de grande efervescência na luta pelos direitos das mulheres, formaram-se inúmeros grupos e coletivos em todas as regiões do País, que trataram de debater os mais variados assuntos pertinentes à sociedade naquele momento, como violência, sexualidade, direito a terra, saúde, educação, luta contra o racismo, orientações sexuais etc. Esses grupos organizavam-se, na maioria das vezes, próximos dos movimentos populares de mulheres, que estavam nos bairros pobres e favelas, lutando por direitos básicos, como saneamento, educação e saúde, fortemente influenciados pelas comunidades eclesiais de base e as pastorais sociais da Igreja Católica Romana. Esse encontro foi rico para os dois lados: o movimento feminista brasileiro originário das classes intelectualizadas teve uma interface com setores populares, o que fez emergirem novas percepções, discursos e ações de ambos os lados (PINTO, 2010).

Ainda de acordo com Céli Regina Jardim Pinto (2010), o movimento feminista brasileiro teve uma vitória importantíssima, que ocorreu em 1984, quando foi criado o Conselho Nacional da Condição da Mulher (CNDM), tendo sua secretária o *status* de ministra, pois promoveu, junto com vários grupos – como o Centro Feminista de Estudos e Assessoria (CFEMEA), de Brasília – uma campanha nacional para a inclusão dos direitos da mulher na nova Carta Magna. A Constituição promulgada em 1988 é uma referência mundial no que se refere ao direito da mulher. O CNDM foi enfraquecido nas gestões dos presidentes Fernando Collor de Mello e Fernando Henrique Cardoso. Na primeira gestão do então presidente Luiz Inácio da Silva, foi criada a Secretaria Especial de Políticas para Mulheres, com *status* de ministério. A última década do século XX foi momento de grandes conquistas, como a criação das Delegacias Especiais da mulher em várias partes do Brasil e a maior das conquistas foi a Lei 11.340, de 7 de agosto de 2006 (Lei Maria da Penha), que criou mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Vale citar as duas Conferências Nacionais para a Política da Mulher, que aconteceram em 2005 e 2007, com a participação de mais de três mil mulheres que produziram documentos de análise sobre a situação da mulher no Brasil (PINTO, 2010).

Para Marlise Matos (2010), pensar uma quarta onda do feminismo brasileiro pode ser percorrer quatro caminhos: primeiro o da institucionalização das demandas das mulheres e do feminismo por intermédio da elaboração, implantação e tentativas de monitoramento e controle de políticas públicas para mulheres que tenham claramente o recorte racial, sexual e etário, bem como a busca do poder político,

inclusive o parlamentar. Segundo, a criação de novos mecanismos e órgãos executivos da coordenação e gestão de tais políticas no âmbito federal, estadual e municipal. Terceiro, desdobramentos oriundos da institucionalização, com a criação de organizações não governamentais, fóruns e redes feministas e, em especial, sob influência das inúmeras redes comunicativas do feminismo transnacional e da agenda internacional das mulheres. Quarto, um novo *frame* para atuação do feminismo, numa perspectiva trans ou pós-nacional em uma luta anticapitalista para se pensar uma “quarta onda” para o feminismo brasileiro e da América Latina.

3.1.4 Feminismo e teologia

Para Maria José Rosado-Nunes (2001), as religiões estão entre os campos que sofreram mais fortemente os impactos do feminismo, seja pelas mudanças provocadas nas práticas religiosas das mulheres, seja pela influência sobre o desenvolvimento de um novo discurso – a teologia feminista. Na área das ciências humanas, no entanto, o desenvolvimento de uma análise feminista das religiões que levasse em conta as diferentes formas pelas quais relações entre os sexos moldam práticas, representações e discursos religiosos, foi bem mais lento. Da parte da abordagem sociológica das religiões, o feminismo, enquanto proposta de análise, não existia. Já havia na Europa, e mais fortemente nos Estados Unidos, uma considerável bibliografia crítica feminista elaborada por teólogas cristãs.

De acordo com Rosemary Radford Ruether (1993), o cristianismo patriarcal que dominou a Igreja cristã no período clássico não negou completamente a participação da mulher na imagem de Deus. Mesmo permitindo que a mulher recebesse o sacramento do batismo, a teologia patriarcal a ligava ao pecado e destacava sua baixa espiritualidade. Sua natureza inferior e a propensão para o pecado ilustram o modelo da antropologia cristã que se inicia na antiguidade, perpassando por tempos medievos até chegar à modernidade. Ruether (1993) menciona Agostinho de Hipona como fonte primordial desse tipo de antropologia patriarcal. Para ele, a mulher é possuidora da imagem de Deus de modo secundário, só homem possui a imagem de Deus de modo normativo. Vão beber nessa fonte as tradições católica e protestante. Tomás de Aquino deu continuidade à tradição agostiniana, alegando que a mulher é inferior na força física, na capacidade de raciocinar e possui também uma inferioridade moral, aprofundada pelo pecado.

Em contraposição a essas antropologias patriarcais tem havido, ao longo de toda a história do cristianismo, teologias da igualdade original da mulher com o homem, restaurada em Cristo. No entanto, a afirmação da igualdade original da mulher na imagem e semelhança de Deus, e sua restauração em Cristo deixa espaço para variações consideráveis na forma de se relacionar essa igualdade com o atual estado de subjugação da mulher na história do patriarcado. (RUETHER, 1993, p. 88).

A história, apesar do silêncio dos arquivos (PERROT, 2005), está repleta de mulheres que, no campo religioso, ousaram desafiar o patriarcalismo, como vários exemplos citados no primeiro capítulo. Teólogas como Fiorenza, Gebara e Reimer apresentam em suas obras histórias de mulheres que fizeram leituras e apresentações dos textos bíblicos partindo do cotidiano, ou seja, inspiraram-se na criação. Apresento aqui, de maneira sintética, três exemplos:

Sóror Juana Inês da Cruz, de tradição católica, religiosa mexicana vítima da inquisição no século XVII. Foi condenada a trabalhos domésticos forçados por não aceitar a ignorância e a prisão doméstica a que as mulheres de seu tempo eram submetidas. Tornou-se literata, poetisa e astrônoma (GEBARA, 2007).

Elisabeth Cady Stanton, de tradição calvinista, sufragista estadunidense do século XIX, filha de juiz, teve acesso às leis, passou a observar que o direito privilegiava os homens. Passou a estudar e participar dos movimentos abolicionista e sufragista, e foi impedida por sacerdotes de fazer uso da palavra em uma conferência internacional em Londres. O argumento usado foi baseado na Bíblia, de que as mulheres deveriam permanecer caladas em público em referência à carta do apóstolo Paulo aos Coríntios. Passou a estudar teologia e, em 1895, publicou a *Bíblia das Mulheres*, denunciando o androcentrismo e o patriarcalismo dos textos bíblicos (REIMER, 2005).

Jacobina Maurer, de tradição luterana, brasileira, liderou o movimento sociorreligioso de Muckeres (nome dado para depreciar o movimento, significa os “resmungadores” ou “falsos religiosos”). Em meados do século XIX, no interior do sul do país, mulheres, crianças e homens empobrecidos procuravam, segundo suas convicções religiosas, construir uma comunidade baseada no livro dos Atos dos Apóstolos, que se caracterizava pelas partilhas de bens e orações. Desde criança, Jacobina tinha visões e, nesse processo, diagnosticava doenças e, com ervas, chás e rituais religiosos, desencadeava processos de cura. O grupo tornava-se cada vez maior, criou-se um clima de hostilidade na região, que culminou com a prisão de

Jacobina e de seu marido, João Maurer. Quando foram libertos, a convicção do grupo aumentou. Em 1874, a comunidade sofreu uma intervenção militar e a líder foi incendiada, havendo muitas mortes, os sobreviventes foram derrotados (REIMER, 2005).

O processo de resgate da participação de mulheres na história se deu a partir de meados do século XX, influenciadas pelo feminismo. Muitas teólogas em várias partes do continente construíram avanços hermenêuticos significativos. Segundo Ivone Gebara (2007), na América do Norte as teologias representam lutas específicas de cidadania. Cada uma delas aponta as dificuldades enfrentadas pelo contexto patriarcal que nos é comum, expressa sua especificidade. A teologia das mulheres de origem africana, além de sublinhar a forma particular de racismo vivido pelas mulheres negras nas instituições religiosas cristãs, quer marcar uma diferença em relação às teologias feministas elaboradas por mulheres brancas. A teologia de mulheres de origem latino-americana repensa os confrontos culturais e religiosos entre a tradição dos cristianismos dessas emigrantes e a cultura imperialista de dominação anglo-saxônica. A teologia das mulheres lésbicas que enfrentam o problema da dominação heterossexual no interior das igrejas cristãs. A teologia das mulheres emigrantes asiáticas que interpretam a acolhida do cristianismo como nova religião e seus impactos em suas tradições asiáticas. A teologia Queer, que busca ir além dos modelos culturais sexuais estabelecidos. Na América Latina, o referencial é a teologia da libertação, que abre possibilidades para as mulheres pobres, negras e indígenas refletirem sobre as suas raízes no confronto com o cristianismo trazido pelo colonizador (GEBARA, 2007).

De acordo com Ivoni Richter Reimer (2005), no Brasil, há um trabalho teológico ligado às pastorais sociais e populares, realizados pelas pioneiras Agostinha Vieira, Ivone Gebara, Ana Flora Gorgulho e Ana Maria Tependino, que formam a primeira geração de teólogas que se preocupam com uma nova hermenêutica teológica a partir da mulher. Para Gebara (2003), a teologia feminista não é a dissolução da teologia tradicional, mas da transformação e do ajustamento das crenças à conjuntura que estamos vivendo.

3.1.5 Teologia ecofeminista latino-americana

Na América Latina, a partir da influência do Norte, está se construindo, ainda que lentamente, a consciência de inserir o feminismo em sua tradição libertária e uni-la à perspectiva ecológica. Já existem pequenos grupos organizados na Argentina, Chile, Peru, Venezuela, Bolívia, Uruguai, Brasil e México. O pensamento religioso ecofeminista na América Latina encontra morada nos grupos intelectuais ligados aos trabalhos pastorais com mulheres empobrecidas.

Segundo Gebara (2000), a perspectiva ecofeminista abre para um referencial de experiência mais amplo e inclusivo, que deve ser pensado em todos os níveis do nosso conhecimento e no jeito como pensamos. O ecofeminismo é a junção de certa ecologia com certo feminismo, quer mostrar a conexão entre dominação das mulheres e da natureza do ponto de vista da ideologia cultural e das estruturas sociais e também introduzir novas formas de pensar, em vista de uma “eco-justiça”. A perspectiva ecofeminista é uma linha de ação e pensamento que, com outras, abre caminhos para ousar uma nova relação com todos os seres.

Para Ivone Gebara (1997), a reflexão epistemológica será o primeiro passo para encontrarmos pistas de compreensão da estrutura do conhecimento religioso institucionalizado. Para a teóloga (1997; 2000), pensar é tarefa árdua, trabalhar a epistemologia é querer influir nos processos de transmissão do conhecimento e tentar mudar a estrutura hierárquica de poder que se reproduz nas bases de nossa sociedade e de nosso conhecimento. As epistemologias desembocam em questões éticas, pois o conhecimento é uma ação com consequências sobre o sujeito e a comunidade. Conhecer é tomar posição; é afirmar-se como ser humano em relação a um mundo de valores; é tomar uma posição diante dos seres vivos, dos humanos e de mim mesma. As epistemologias filosóficas elaboradas a partir da tradição ocidental são de base antropocêntrica e androcêntrica.

Com o desenvolvimento do feminismo, percebemos que a tarefa de conhecer de maneira “científica” se desenvolveu mais através de seres humanos masculinos, que universalizaram o saber a partir de sua experiência de sabedoria e poder. Pobres e mulheres eram associados a níveis mais baixos de abstração, de ciências e sabedoria. A questão das etnias também interfere no conhecimento. Em geral, os negros são apresentados como os que menos sabem, assim como os indígenas (GEBARA, 2000). A mesma hierarquização social se expressa, pois, em

hierarquização do saber, étnica e sexual, que marca nossa maneira de conhecer o meio em que vivemos, nossos semelhantes e a nós mesmas(os). Reproduzimos esse modelo nos níveis de nossa existência desde nossa herança patriarcal. O conhecimento androcêntrico desemboca num conhecimento antropocêntrico no qual ações e reações humanas são colocadas em evidência. Apesar dos avanços positivos do conhecimento humano, a natureza e os seres humanos são cientificamente utilizados, para servir a certos interesses políticos e econômicos minoritários. A maioria das pessoas nem pensa que pode transformar sua forma de conhecer, a qual é continuamente modificada pela sociedade de mercado e consumo. O conhecimento é algo quase espontâneo em nós. Trata-se de pensar a vida como um processo a partir do qual as modificações são introduzidas e que boa parte do presente e do futuro depende das nossas escolhas cognitivas. Nessa perspectiva situamos a partir da obra *Teologia ecofeminista*, de Ivone Gebara (1997), dois grandes itens:

A) Epistemologia teológica patriarcal

Os traços dessa epistemologia também estão presentes nas Ciências da Religião, a problemática patriarcal perpassa por todas as áreas do conhecimento.

- Epistemologia essencialista

Uma das características mais importantes da epistemologia patriarcal vigente na teologia cristã é seu caráter essencialista. Buscamos sempre a essência de cada coisa, ou, a forma como Deus criou cada ser. A epistemologia essencialista é fundamentalista em relação à Bíblia. Fundamentalismo aqui não é necessariamente interpretar os textos ao “pé da letra”, dar-lhe uma correspondência factual. Significa tomar a escritura como referência indiscutível, capaz de me definir a partir do passado ou um estado ideal, uma essência ideal querida por Deus. Uma variante dessa epistemologia estabelece modelos futuros de conhecimento e comportamento, como se caminhássemos para um final seguro, pré-estabelecido.

- Epistemologia monoteísta

A epistemologia monoteísta entende que há um Deus, ou um modelo divino centralizador que torna possível o conhecimento humano. Em nome de Deus, as mulheres foram silenciadas, queimadas, submetidas por força do poder

que se proclamou como único caminho da verdade. Os estudos bíblicos contemporâneos mostram inegável participação das mulheres no processo libertador descrito pelo Êxodo. Entretanto, do ponto de vista do conhecimento, nosso olhar estava limitado às ações masculinas e à transcendência divina expressa especialmente a partir de referenciais masculinos.

- Epistemologia privilegiadamente androcêntrica

O centro de todo conhecimento teológico se situa na experiência masculina. Assim, o grande representante da luta do Êxodo é Moisés. As figuras femininas desaparecem do cenário. O mundo doméstico, território das mulheres, não entraria na grande aventura de fazer acontecer a justiça, a solidariedade e a paz. Ao contrário, é lugar dos violentos castigos de Deus. Exemplos típicos são a história de Eva e de Miriam, irmã de Moisés e Aarão. Comportamentos semelhantes se reproduzem hoje em nossa cultura patriarcal. As mulheres são sempre acusadas e consideram-se culpadas quando sua família não cresce harmoniosamente, quando o filho tem problemas escolares e outros. O mesmo se dá nas Igrejas, elas são sempre mais responsabilizadas que os homens.

- Epistemologia de verdades eternas

A epistemologia patriarcal, especialmente a teológica, repousa em verdades indiscutíveis. Afirmar Deus como Ser Absoluto, criador de todas as coisas, faz parte dessas verdades eternas. A ressurreição é afirmada como um evento após a morte de Jesus e como vitória de “seu Deus”. Aqui não se trataria de simbologia, a partir da qual se abririam novos significados, mas de “verdade eterna”, “verdade revelada”, constitutiva e imutável de nossa fé. A proposta de Jesus não introduz nenhum esquema que poderia ser identificado ao das verdades eternas. Sua proposta de fraternidade não é nem programa político nem afirmação metafísica. Trata-se de uma orientação da existência, de um caminho a ser construído e aberto a partir dos imprevistos e previstos da vida cotidiana, a partir do encontro com os excluídos/as.

- Epistemologia aristotélica-tomista

A epistemologia presente especialmente na Igreja Católica Romana conserva a estrutura aristotélico-tomista, própria da Idade Média. A maneira como Aristóteles e, mais tarde, Santo Tomás de Aquino entenderam e organizaram seus conhecimentos se tornou uma espécie de lentes a partir das quais

entendemos nossa vida e a fé cristã. Do ponto de vista epistemológico, revela-se a presença de uma estrutura de conhecimento teológico limitada por afirmações imutáveis. A epistemologia do cristianismo afirma verdades de fé no interior do processo histórico. Esse esquema, que encobre a estrutura dualista da teologia cristã, não permite a formulação dos valores humanos inerentes à experiência dos seguidores de Jesus de forma diferente da estabelecida dogmaticamente e considerada inquestionável. Depois do Concílio Vaticano II e, na América latina, com a teologia da libertação, se introduz uma nova epistemologia. Seu mérito foi recuperar a situação dos pobres como uma questão teológica fundamental e mostrar a relação íntima entre a adesão a Jesus e a luta contra as injustiças sociais do continente. Mas, não introduz uma nova abordagem, Deus continua sendo Criador e Senhor; não se sente necessidade de rever as bases cosmológicas e antropológicas da formulação da fé cristã.

B) Epistemologia ecofeminista

A perspectiva ecofeminista tenta introduzir outra epistemologia por sua percepção diferente do ser humano em relação com a Terra e o Cosmos. De acordo com a cientista da religião Fernanda Lemos (2007), a teoria ecofeminista tem se preocupado há muitas décadas com a relação de dominação masculina sobre a natureza; a exploração excessiva sempre foi um questionamento das feministas, pois é um reflexo da relação de dominação dos homens sobre as mulheres.

- A interdependência no conhecimento

Se tomamos a experiência de cada ser vivo, podemos dizer que a interdependência é sua primeira nota constitutiva. A partir da interdependência delinea-se uma nova compreensão do conhecimento. Temos de introduzir nos processos educacionais a perspectiva de “comunhão com” e não a de conquista da terra e do Cosmos. Trata-se de articular subjetividade / objetividade, individualidade / coletividade, transcendência / imanência, ternura / compaixão / solidariedade, plantas / humanidade, animais / humanidade a partir de uma perspectiva englobante. A interdependência do conhecimento abriria uma nova página na teologia cristã,

levando-nos a afirmações mais existenciais, humildes, aproximativas e dialogais.

- A realidade processual do conhecimento

A epistemologia patriarcal acentuou uma perspectiva de progresso do conhecimento em linha reta. A linearidade evoca o caminho da retidão, com conotação moral. O melhor conhecimento estaria sempre adiante e para além de nós. A perspectiva ecofeminista prefere a palavra “processo” à “linearidade”. Conhecimento processual significa que, ao conhecimento global da humanidade, acrescentamos algo de múltiplas formas que não necessariamente obedecem causalidades previsível. O conhecimento não é inerte, mas diversificado segundo os condicionamentos por que passamos. Sobretudo, o conhecimento é movido a partir de uma determinada cultura, de um grupo historicamente situado.

- Espírito/matéria/mente/corpo

O discurso da unicidade do corpo e do espírito já foi objeto de muita discussão. Na perspectiva ecofeminista, tais separações desaparecem e somos convidadas a viver a unidade da matéria, da energia que nos constitui sem saber o que ela é. A questão é contextualizar o conhecimento a partir da experiência cotidiana de homens e mulheres. Uma epistemologia feminista afirma que a dimensão de gênero não só tem algo a acrescentar ao conhecimento, mas modifica seus princípios, seu fundamento e expressão histórica.

- Epistemologia de gênero e de ecologia

A epistemologia ecofeminista introduz a questão do gênero e a questão ecológica como mediações para compreensão e interpretação do mundo e do ser humano. Ao introduzir gênero em epistemologia, afirmamos que na construção social do conhecimento humano o masculino e o feminino devem expressar a maneira de ver o mundo. Temos a necessidade de rever o conhecimento humano revelando o quanto a História oficial não inclui as mulheres e os povos oprimidos. A ecologia vem revalorizando em diferentes partes do mundo o resgate das “culturas originárias”, que não se limitam ao mundo indígena latino-americano, mas abrem-se às tradições africanas vigentes em nosso continente. Uma solidariedade vital começa a se fazer

sentir entre os grupos humanos para a sua sobrevivência e a biodiversidade de nosso planeta.

- Epistemologia contextual

Uma epistemologia contextual busca trazer à baila o contexto vital de cada grupo humano como referência básica, valoriza o contexto em que a experiência e o conhecimento se desenvolvem embora se abra para horizontes e articulações mais amplas. A interconexão entre todos os aspectos da vida humana, inclusive nossas crenças, está na base da construção desse novo tecido de relações, comportamentos e significações. O conhecimento é universal não quanto à forma do conteúdo apreendido, mas à maneira regional de apreender a dimensão da universalidade que nos caracteriza. A partir daí, o mundo humano se encontra na sua diversidade universal.

- Epistemologia holística

Uma epistemologia holística quer acolher o fato de que somos num todo, mas o todo está em nós. Conhecemos dessa maneira porque a evolução do todo nos preparou para tanto. Ela abre para a possibilidade de conhecer o que está para ser conhecido de formas múltiplas, fazendo apelo às diferentes capacidades cognitivas que nos habitam e que são irredutíveis a um único discurso de tipo racionalista. O holismo teológico abre portas para a múltipla experiência humana da relação com valores que dão sentido a nossa existência e poderiam ser chamados de “sagrados”.

- Epistemologia afetiva

Introduzir a afetividade no conhecimento espanta os filósofos mais objetivos. A introdução da afetividade sugere impossibilidade de determinar com clareza os limites entre objetividade e subjetividade; ela nos abre para o universo das emoções como fonte de conhecimento e não como o lado obscuro de nossa razão. A identificação da razão a uma “senhora rígida”, regida por regras estritas, aprisionou a criatividade, exilou a razão de si mesma, alienando-as do todo o nosso ser, do qual depende e se alimenta. Uma epistemologia com característica afetiva reconhece que a gama imensa de emoções e afeições se manifesta em homens e mulheres em sua originalidade pessoal, seus condicionamentos e cultura. Natureza e cultura não são realidades separadas no universo humano, são inseparavelmente razão e emoção.

- Epistemologia inclusiva

O caráter inclusivo toca os diferentes saberes. Dá uma contribuição específica, tem certa autonomia, mas não é independente dos outros saberes, tem a ver com a interdependência recíproca na qual existimos e somos. Mas o que conhecemos não deixa de estar conectado a outros conhecimentos e, sobretudo, a tudo que desconhecemos. Uma epistemologia inclusiva acolhe a multiplicidade das experiências religiosas como expressões diferentes de uma mesma respiração e busca de unidade. Não é um novo idealismo nem um inclusivismo sem critério. Propomos uma rearticulação dos nossos valores de vida no interior de nossos processos cognitivos. A acolhida dessa “realidade” é passo fundamental para uma fala sobre a “biodiversidade do Mistério de Deus”.

Foi onde Deus falou com a gente: “Olha, eu não vejo prostitutas, eu não vejo bandido, eu vejo... Eu vejo homens e mulheres precisando receber essa educação para poder fazer parte da minha família, da minha genealogia, uma mudança de caráter, não é só receber Jesus, é ter uma mudança de caráter”. E com isso, a igreja também foi se desenvolvendo, o número de pessoas sendo assistidas também foram aumentando, a procura ficou muito grande, e eu via a necessidade de abrir a igreja. (Trecho da entrevista com a pastora Rute).

De acordo com Gebara (1997), conhecer não é, em primeiro lugar, um discurso racional sobre o que estamos conhecendo. Conhecer é antes *experimentar* e nem sempre se consegue traduzir em palavras o que se experimenta. O primeiro passo é só nosso, aquilo que sentimos acontecer nos limites de nosso corpo, de nossa intimidade pessoal. O segundo passo é a expressão do que conhecemos e esta expressão toma formas variadas segundo os condicionamentos a que estamos expostos. A maioria de nós herdou as verdades da religião como experiências superiores de outros tempos, vindas talvez de outros mundos, que chegam até nós para serem aceitas, confirmadas e contempladas. Embora digamos que vivemos uma religião, na maioria das vezes nos apropriamos dessa vivência. Para Gebara (2007), fazer a pergunta a partir da experiência é democratizar esses poderes levando à percepção de que eles existem de formas variadas nos diferentes seres e grupos humanos. A partir de nossas experiências, nos afirmamos não só homens e mulheres, mas também experiencialmente na e da Terra, no e do Cosmos e ao

tendo em nós. Algumas características da epistemologia ecofeminista estão em gestação e em busca de seu corpo de referências (GEBARA, 1997).

[...] eu me envolvi com a Dreminas e passei conhecer a história de mulheres negras, com doença falciforme, com dificuldade no seu... no seu meio social, que eram as dificuldades que eu tinha, era... eram as mesmas barreiras que eu enfrentava, negra, e agora divorciada, pastora, enferma, eu estava encarando o que eu era, a minha história, quando eu me voltava para ajudar outras pessoas, eu deparava com a minha história, e aquilo foi como um curativo para a minha alma, foi assim. Foi cura para mim. Eu tinha dificuldade de encarar a minha existência, o que eu era, porque para mim doía muito ter uma história de enfermidade na infância, história de barreiras do que eu já tinha ouvido do meu ex-marido: “Ah, nega preta”, colocando aqueles nomes pejorativos, também do marido eu tinha ouvido, da violência doméstica na história também que eu já tinha passado, e quando eu olhava para essas mulheres, eu via a minha história. (Trecho da entrevista com a pastora Ester).

Na pesquisa sobre as Igrejas evangélicas fundadas por mulheres, encontrei nas experiências vividas por elas novas construções de saberes, novas formas de interpretação do sagrado.

3.2 Igrejas fundadas por mulheres: um fenômeno religioso

A palavra *fenômeno* é de origem grega e significa aparecer, mostrar-se, manifestar-se. Para Husserl (2008), o fenômeno é a realidade que captamos nas coisas por meio da nossa consciência. Podemos concluir que o fenômeno existe quando damos significado a ele. Para Piazza (1976), a religião é um fenômeno comum à história da humanidade, porém se apresenta de várias formas em todo processo de construção das civilizações. A religião é um fato humano que não está isolado em si mesmo, é como a linguagem, a arte, a cultura, ela está intrinsecamente ligada à pessoa humana e desenvolvida no grupo social em que ela está inserida.

Esta universalidade, porém, não é de tal ordem que tire à religião a sua “singularidade”: ela apresenta sempre características próprias, independentes da cultura dos povos, da forma social, da estrutura econômica, e mesmo da índole psicológica dos povos [...] como linguagem, assim também a religião não deixa de apresentar diferentes formas exteriores, segundo as culturas que ela integra, mas não se identifica com nenhuma delas, revelando com isso que não se trata de um problema coletivo, mas individual [...]. (PIAZZA, 1976, p. 19).

A religião, no seu sentido subjetivo, é o reconhecimento do ser humano da sua finitude, da sua dependência de algo sobrenatural. As religiões têm seus elementos constitutivos comuns, como doutrinas, ritos, ética, comunidade etc. Filosoficamente, a religião recebe as mais diversas definições de acordo com sua corrente epistemológica. Do ponto de vista psicológico, a religião é uma atitude de reação do ser humano diante dos desafios pospostos pelo mundo, que o leva a refugiar-se no Absoluto. No aspecto sociológico, a religião identifica-se com as estruturas criadas pela sociedade, hierarquia, solenidades, dogmas e doutrinas. Teologicamente a religião pode ser identificada com a própria fé, uma atitude de reverência a Deus. Para a fenomenologia, a religião identifica-se com o culto prestado ao Sagrado, em todas as formas que foram concebidas pelas culturas dos povos (PIAZZA, 1976).

A religião é uma busca de sentido, própria do espírito humano. Portanto, quando mulheres evangélicas, de várias partes do Brasil, rompem com suas antigas denominações e fundam seus próprios ministérios, revelam então essa busca. Podemos dar um significado à busca, interpretando esse fenômeno como um problema profundamente humano, que merece um olhar do mundo acadêmico para entendermos seu significado último. Para tanto, é preciso uma investigação histórica, uma interpretação existencial. Mulheres como Mary Baker Eddy, Aimee Semple McPherson e outras são apresentadas no primeiro capítulo desta dissertação como as pioneiras na fundação de suas próprias Igrejas.

No segundo capítulo, as fundadoras foram apresentadas na sua essência, sem juízo de valores, pois a redução fenomenológica garantiu que elas se revelassem na sua constituição. Essas mulheres são seres vivos como nós, elas vivem de forma individual, porém ligadas a uma estrutura universal. Segundo Ales Bello (1998), a entropia nos leva a reconhecer o outro como outro eu, como alter ego. A alteridade se reconhece através da entropia, que nos leva ao mundo intersubjetivo, cuja vivência ajuda no desenvolvimento pessoal do ponto de vista fundamentalmente espiritual. Nascemos em um contexto interpessoal, porém existem muitas formas de organização, de associação humana. Husserl & Stein (2008) acreditam que a organização que respeita a pessoa se chama comunidade. A comunidade é caracterizada pelo fato de seus membros assumirem responsabilidades recíprocas. Cada membro considera sua liberdade, assim como também quer a liberdade do outro e, a partir daí, verifica qual é o projeto conjunto. O

projeto pode ser útil para a comunidade, mas também para cada membro. Para Husserl (2008), os seres humanos deveriam viver em comunidade, pois isso corresponde a um grande apelo ético. Concebendo a comunidade dessa maneira, cada um poderia participar de diversas formas da comunidade.

3.3 Considerações finais

Ao analisar a estrutura eclesial e os ritos de culto das Igrejas fundadas pelas mulheres na região industrial de Contagem, objetos centrais da pesquisa, podemos considerar como fenômenos legítimos. O mais importante não é a existência delas, mas a essência, o significado que cada uma delas imprime dentro dessa conjuntura do campo religioso brasileiro que está em permanente mudanças.

4 CONCLUSÃO

O advento do feminismo, enquanto fenômeno político permitiu avaliar o lugar das mulheres na sociedade, seus papéis e, principalmente, a sua liberdade de expressão e manifestação no espaço público (SANTOS, 2002). Permitiu, também, a emancipação das mulheres e sua inserção no mercado de trabalho. O feminismo desafiou o determinismo biológico, afirmando a igualdade entre homens e mulheres. Ao afirmar que o sexo é político, pois contém nele relações de poder, o feminismo rompe com os modelos políticos tradicionais e propõe que as diferenças não se traduzam em relações de poder que perpassam a vida. Que a afetividade, a emoção e os mais singelos sentimentos possam aflorar sem constrangimentos nos homens e serem vivenciados pelas mulheres como uma virtude e não como sinal de fragilidade (ALVES; PITANGUY, 1982).

O movimento feminista é uma novidade na história. No seu interior, se produz a sua própria reflexão crítica e sua própria teoria, desmonta paradigmas e cria uma nova forma de fazer ciência. Essa simbiose entre teoria e prática o mantém em militância permanente, tornando-se singular e plural ao mesmo tempo. Singular por se apresentar como um evento único no ocidente, e plural por ser vivenciado de várias formas mundo afora. Na América Latina e Caribe, assume o rosto regional, absorve os dramas vividos por um contingente que ainda está com as necessidades básicas a serem resolvidas. Esse fato denota que existem vários feminismos. A simbologia das ondas, que foi usada para dar um marco cronológico para a história do feminismo, nos remete às cosmologias que falam de um mundo que flutua em águas primordiais ilimitadas, que dessas águas, que são uma deusa, o mundo foi criado. Ecologia, mulher, natureza e sagrado fundem-se em uma só categoria e se tornam objetos de um novo jeito de teologizar: do cotidiano se faz teologia.

O nascimento do século 21 nos brindou com muitas possibilidades. Ainda que pese o patriarcalismo como matriz fundante da América Latina, a socialização da produção de conhecimentos, da militância, concretizados nos *Encuentros feministas* latino-americanos e caribenhos, tem produzido muitos frutos. O movimento feminista, articulado aos outros movimentos de segmentos variados, como de negros, homossexuais, indígenas, sem-terra etc., tem apontado outro caminho para a organização política de vários países. No Brasil, nos últimos dez anos, houve um avanço no que se refere a políticas públicas voltadas para a população menos

favorecida, que na sua grande maioria é de mulheres. Sabemos que há muito a ser construído, portanto o primeiro passo já foi dado.

O campo feminista tem nos oferecido instrumental teórico e reflexões metodológicas substanciais que já são responsáveis pela formação de pensadores acadêmicos e intelectuais (MATOS, 2010). Ainda é preciso ampliar as conquistas, é preciso trazer as mulheres para a esfera pública. É imprescindível a construção de um programa de inclusão das mulheres na vida pública para além de confecção de cartilhas ou campanhas publicitárias, é preciso criar um espaço para que as mulheres falem (PINTO, 2010). Dar a palavra para as mulheres não significa construir novas relações de poder, é apenas pensar na possibilidade de criar novos caminhos nas várias instâncias de poder, nas estruturas políticas, econômicas, sociais e religiosas.

O lugar social da religião é pouco valorizado no campo acadêmico brasileiro – um paradoxo para um país que nasceu sob o signo da religião. Nas últimas décadas do século passado, o campo religioso no País modificou-se vertiginosamente. Em 2010, o pentecostalismo completou cem anos em terras brasileiras. Somente a partir da década de 80 que as pesquisas sobre o fenômeno pentecostal começaram a ser intensificadas. Segundo Gedeon Freire (2010), o universo pentecostal é tão amplo e plural que traz sempre uma novidade. Expusemos neste trabalho a novidade da fundação de Igrejas por mulheres, que começam a pontilhar em algumas regiões do Brasil. Faz-se mister estarmos atentos/as a esse fenômeno para que não caia na invisibilidade, como tem sido relegada a memória histórica das mulheres.

A conjuntura nacional e internacional tem sido permeada pelo debate de reformas políticas, no entanto, no final do século 19, Elizabeth Cady Staton, que concebia a interpretação bíblica como um ato político, destacou “que nenhuma reforma é possível numa área da sociedade, se ela não for promovida também em outras áreas. Não se pode reformar a lei e outras instituições culturais sem reformar a religião que reivindica a bíblia como Escritura Sagrada” (STATON apud FIORENZA, 1992).

A feminista brasileira, Marlise Matos (2010), aponta que, no Brasil, as reformas políticas serão como panaceia para os problemas da política brasileira, pois não mudarão em nada a estrutura das relações de poder que afasta as mulheres da esfera pública. Na mesma época, Staton debatia sobre o impacto político das Escrituras nas igrejas, na sociedade e na vida das mulheres. É preciso

ampliar o debate interno dos movimentos feministas, pois ainda existe um setor resistente no que se refere ao campo religioso. Linda Woodhead (2004) coloca que a participação das mulheres na religião deve ser entendida como um espaço de socialização, que provavelmente ela não encontraria em uma sociedade particular.

Fiz o recorte da religião de matriz cristã evangélica, que tem uma longa história de rompimentos. Segundo Perrot (2005), o protestantismo é rico em rupturas e a reforma protestante foi um elemento facilitador do protagonismo da mulher na religião cristã de tradição evangélica. Ao trazer à tona a discussão de gênero no campo das ciências da religião, abrimos o horizonte para repensar as estruturas fundantes da sociedade patriarcal. Ao analisarmos as rupturas praticadas pelas pastoras que fundaram suas Igrejas, nos deparamos com homens que são fruto do seu tempo e moldados de acordo com o sistema vigente; no entanto, é preciso trazer para a academia o debate sobre as masculinidades para que o diálogo seja possível.

De acordo com Lemos (2007), a masculinidade influencia o campo religioso da mesma forma que o campo religioso influencia a masculinidade. O pentecostalismo nos apresenta outro perfil de homem que foge do senso comum, a mulher no papel da guardiã da família doméstica as relações, provocando, assim, o surgimento de novos modelos de homem e mulher. Porém, ao se perceber autônoma, e, também, merecedora “dos dons do espírito santo”, que são democraticamente distribuídos, a mulher ousa. Em um primeiro momento, assume cargos de liderança eclesial, porém, sob a autoridade de um homem. Em um segundo momento, ela rompe com a autoridade hierárquica, não com a autoridade espiritual, que continua masculina. Ela também não rompe com o ideal pentecostal, porém ressignifica e subverte seus ritos. Sem acesso à formação acadêmica, no caso de duas pastoras que entrevistei, elas criam suas próprias hermenêuticas.

Nas três Igrejas pesquisadas, cada pastora apresenta sua especificidade. A pastora Rebeca lidera o ministério mais antigo, é o perfil daquela mulher que domesticou a família, colocou-a no “caminho da salvação”. Sua igreja fica na avenida principal do bairro, disputando com o comércio de lojas de marcas conhecidas nacionalmente, agências bancárias e praticamente todos os templos pentecostais que já se consolidaram no País. Certa noite, cheguei mais cedo para o culto, a Igreja se encontrava fechada, parei na esquina e comecei a observar o movimento. Carros chegavam aos borbotões e saltavam deles mulheres em cima de

seus saltos, enquanto os homens procuravam estacionamentos, entravam em um templo que ficava no mesmo quarteirão da Igreja da pastora em questão. Aos poucos, subindo ou descendo a avenida, surgiam mulheres que arrastavam suas chinelinhas e crianças e se dirigiam para o templo da pastora Rebeca. Ali entoavam seus cânticos e suas orações. Ficou gravada em minha memória essa cena que nos remete a Perrot (1998): “Se elas não têm o poder, as mulheres têm poderes”. Poderes de mobilizar as pessoas marginalizadas para a busca do sentido da vida.

O segundo ministério é liderado pela pastora Rute. A Igreja dos Excluídos é composta basicamente por pessoas que moravam nas ruas, um contingente grande de mulheres e crianças que sofreram violência física e psicológica, além de abusos sexuais. A imagem que carrego é a da celebração de um casamento, marcada pela simplicidade e o refinamento da classe média, que se notava na decoração da igreja e nas vestes das mais de vinte crianças que foram daminhas. Ao sair da igreja, os noivos foram acompanhados pelo séquito de crianças ao som da música “*Oh, happy day*” (Que dia feliz) subindo para o segundo andar do galpão onde funciona o templo. Lá, havia uma recepção regada com bolo e o champanhe foi substituído pelo refrigerante. Uma cena a princípio cotidiana que me trouxe algumas análises, já apontadas nesta dissertação. Primeiro o fato de ser o segundo casamento da pastora, fato esse que nos remete aos primórdios das lutas feministas, a emancipação da mulher como um ser de escolhas; outrora os casamentos eram arranjos comerciais, as mulheres viviam sob o jugo de seus pais, mais tarde de seus maridos. O segundo fato foi a socialização das pessoas dos vários segmentos sociais no espaço da festa; a participação das mulheres na religião será influenciada significativamente pelos espaços sociais disponíveis, no caso da maioria das mulheres acolhidas nessa Igreja o espaço era a rua.

Através da religião, muitas mulheres tiveram acesso às políticas públicas, das quais, segundo a própria pastora Rute, várias são beneficiárias (Bolsa-família). Não cabe aqui analisar as gestões nas várias esferas, municipais, estaduais e federais, pois, uma vez que o estado não tem braços para atingir toda a população, recorre às parcerias com as organizações não governamentais – lembrando aqui que a pastora Rute é gestora de uma ONG. Ao anunciar que a Igreja tem de ser fiel ao Evangelho, no sentido da acolhida concreta e na promoção da pessoa humana, o que a pastora Rute faz se aproxima da teologia da libertação, fonte de inspiração da teologia feminista no Brasil, sem ao menos saber do que se trata.

A terceira Igreja, liderada pela pastora Ester, o mais novo ministério entre os pesquisados, traz um novo elemento para o pentecostalismo: a iniciativa do diálogo. Com a presença da pastora Ester em atos ecumênicos, a imagem impregnada em minha memória é sua chegada ao pátio da Igreja Católica Romana para celebração de Natal dos/as trabalhadores/as com material reciclável da cidade, sendo recebida pelo padre com um caloroso abraço, que repercutiu em sua fala durante o culto: “toda vez que o padre me convida para vir aqui, eu sinto uma grande alegria no meu coração”.

Na história do pentecostalismo brasileiro, de acordo com Rolim (1985), a única igreja a participar como membro no Conselho Mundial das Igrejas Cristãs foi a Brasil para Cristo, fundada em 1955, pelo brasileiro Manuel de Melo. Porém, não é algo simples para os membros da congregação da pastora Ester. Segundo ela, procura conversar sempre sobre a importância da “comunhão”. Ela carrega a marca da mulher divorciada e não quer deixá-la tão cedo. Sua sede de conhecimento, apesar de não ter escolaridade, a faz líder. Ora pela cura da doença que atingiu a ela e seu rebento, porém está organizada no Conselho de Saúde e engajada na associação que promove a solidariedade para os acometidos da anemia falciforme.

Essas Igrejas, em que pesem as diferenças, têm algo em comum: elas rompem com suas antigas denominações e estão longe das articulações político-eclesiásticas, não pertencendo ao Conselho Estadual dos Pastores de Minas Gerais, nem ao Conselho Nacional das Igrejas Cristãs – regional Minas Gerais. Estão à margem como sempre estiveram as mulheres ao longo da história da humanidade, suas memórias continuam sendo guardadas nas caixinhas, como no passado. Que este trabalho suscite o debate sobre esse recente fenômeno, que essas mulheres não tenham o mesmo destino de Frida Strandberg Vingren, que morreu no ostracismo. A pesquisa empírica fenomenológica corroborou com a ideia de Perrot (2005) sobre a relação das mulheres com a religião. Enquanto processo paradoxal, representa, ao mesmo tempo, o poder sobre as mulheres e o poder das mulheres. Também, me possibilitou o envolvimento afetivo e político com as pastoras fundadoras.

Concluo que somos sujeitos e objetos de uma pesquisa, ou melhor, somos todos/as sujeitos dotados/as de potencialidades.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Sônia; FRIEDMAN, Elisabeth; NAVARRO, Marysa et al. Encontrando os feminismos latino-americanos e caribenhos. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.11, n.2, p.541-575, jul./dez. 2003.

ALVAREZ, Sônia; STERNBACH, Nancy; CHUCHRYK, Patrícia et al. Feministas na América Latina de Bogotá a San Bernardo. **Estudos Feministas**, Rio de Janeiro, v.2, n.2, p.265-295, jul./dez. 1994.

ALVES, Branca Moreira; PINTANGUY, Jaqueline. **O que é o feminismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983. (Primeiros passos, 20).

ARAÚJO, Lidiane C. R.; SILVA, Magnólia G. C. Missionárias esposas de pastores: a invisibilidade do ministério feminino na aliança das igrejas evangélicas congregacionais do Brasil. **Revista Ártemis**, Campina Grande, v.14, p.87-97, ago./dez. 2012.

ARNS, Paulo Evaristo; ANDERSON, Ana Flora; GORGULHO, Gilberto. **As mulheres da Bíblia**. São Paulo: Paulinas, 2004.

ATLAS histórico, geográfico e cultural do Município de Contagem, Estado de Minas Gerais. Secretaria de Educação e Cultura, 2011.

AS PASTORAS. **Comunidade Cidade de Refúgio**. Disponível em: <<http://jesuscidadederefugio.com.br/sitenovo/a-igreja/pastoras/>>. Acesso em: 14 jun. 2014.

BANDINI, Claudirene. **Costurando certo por linhas tortas**: práticas femininas em igrejas pentecostais. Salvador: Pontocom, 2014.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo Fatos e Mitos**. São Paulo, Difusão europeia do Livro, 1970.

BELLO, Ângela Ales. **Culturas e religiões**: uma leitura fenomenológica. Bauru, SP: EDUSC, 1998.

BELLO, Ângela Ales. **Introdução à fenomenologia**. Bauru, SP: EDUSC, 2006.

BENCKE, Romi Márcia; MOTA Sônia Gomes. **Ecumenismo e Feminismo: Parcerias da casa comum**. São Leopoldo, RS, Centro de Estudos Bíblicos, 2012.

BIRMAN, Patrícia. Mediação feminina e identidades pentecostais. **Cadernos Pagu**, Campinas, n.6-7, p.201-226, 1996.

BOFF, Leonardo. **A Graça libertadora no mundo**. Petrópolis: Vozes, 1976.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

CAMPOREZ, Patrick. Uma igreja liderada por elas. **Gazeta Online**, 06 jan. 2013. Disponível em: <1387219-uma-igreja-liderada-por-elas.html>. Acesso em: 26 jun. 2014.

CAMPOS, Leonildo Silveira. A identidade protestante e a hegemonia pentecostal no cenário religioso brasileiro. **Tempo e Presença**, Rio de Janeiro, n.6, p.1-6, 2007.

CARDOSO, Rodrigo. A força das pastoras. **Istoé**, São Paulo, 22 set. 2013. Disponível em: <http://www.istoe.com.br/reportagens/paginar/325432_A+FORCA+DAS+PASTORAS/2>. Acesso em: 25 jun. 2014.

CARREIRA, Shirley Souza Gomes. **Shakerismo na América do Norte**: ascensão e queda de uma comunidade utópica. Disponível em: <<http://www.uniabeu.edu.br/publica/index.php/reconcavo/article/view/515/>>. Acesso em: 20 ago. 2014.

CHRISTIAN SCIENCE. Disponível em: <<http://christianscience.com/portuguese/church-of-christ-scientist>>. Acesso em: 11 jun. 2014.

CIÊNCIA Cristã Joinville. Site Oficial da Primeira Igreja Ciência Cristão Joinville. Disponível em: <<http://www.cienciacruzjoinville.com.br>>. Acesso em: 11 jun. 2014.

CIÊNCIA Cristã. Disponível em: <<http://solascriptura-tt.org/Seitas/CienciaCrista-PlanetaEv.htm>>. Acesso em: 02 jul. 2014.

CIÊNCIA Cristã. Site Oficial da Ciência Cristã no Brasil. Disponível em: <<http://www.cienciacruz.com/>>. Acesso em: 20 ago. 2014.

COMUNIDADE Cidade de Refúgio. Disponível em: <<http://jesuscidadederefugio.com.br/>>. Acesso em: 20 ago. 2014.

CUNHA, Magali Nascimento. **Vinho novo em odres velhos**. Um olhar comunicacional sobre a explosão gospel no cenário religioso evangélico no Brasil. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

FARIAS, Marcilene Nascimento de; FONSECA, André Dionei. Relações de gênero e cultura religiosa: um estudo comparado sobre a atuação feminina na igreja evangélica luterana do Brasil e Assembleia de Deus. **Revista de História Comparada**, Rio de Janeiro, v.4, n.1, p.6-41, 2010.

FELITTI, Chico. Lanna e Rosania: Alices no país das maravilhas. **Folha de S.Paulo**, 01 nov. 2013. Disponível em: <<http://digosim.blogfolha.uol.com.br/2013/11/01/lanna-e-rosania-alices-no-pais-das-maravilhas/>>. Acesso em: 14 jun. 2014.

FIORENZA, Elisabeth Schussler. **As origens cristãs a partir da mulher**: uma nova hermenêutica. São Paulo: Paulinas, 1992.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. São Paulo: Graal, 1999.

FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto et al. **Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1996. p.67-159.

GEBARA, Ivone. **Teologia ecofeminista. Ensaio para repensar o Conhecimento e a Religião**. São Paulo: Edições Loyola, 1997

GEBARA, Ivone. **A mobilidade da Senzala Feminina, mulheres nordestinas, vida melhor e feminismo**. São Paulo: edições Paulinas, 2000.

GEBARA, Ivone. **O que é teologia feminista?** São Paulo: Brasiliense, 2007. (Primeiros passos).

GRESCHAT, Hans-Jügen. **O que é ciência da religião?** São Paulo: Paulinas, 2005.

GUTIERRES, Giana. Pastora lésbica Lanna Holder diz que mentia sobre cura gay e critica pregações contra a homossexualidade. **The Cristian Post**, 02 maio 2013. Disponível em: <<http://portugues.christianpost.com/news/pastora-lesbica-lanna-holder-diz-que-mentia-sobre-cura-gay-e-critica-pregacoes-contra-a-homossexualidade-16259>>. Acesso em: 18 ago. 2014.

HAHM, Carl Joseph. **História do culto protestante no Brasil**. Rio de Janeiro: Aste, 1989.

HISTÓRIA. Portal Igreja Quadrangular. Disponível em: <<http://portaligrejaquadrangular.com.br/portal/aquadrangular/historia.asp>>. Acesso em: 13 jun. 2013.

HOLANDA, Adriano (org.). **Psicologia, religiosidade e fenomenologia**. Campinas, SP: Alínea, 2006.

HUSAIN, Shahrukh. **Divindades femininas: criação, fertilidade e abundância, a supremacia da mulher, mitos e arquétipos**. London, UK: Duncan Baird Publishers, 1997.

HUSSERL, Edmund. **A crise da humanidade europeia e a filosofia**. Introdução de Urbano Zilles. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

IGREJA Nacional do Senhor Jesus Cristo. Disponível em: <<http://insejec.com.br/>>. Acesso em: 20 ago. 2014.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

LANNA Holder e pastora Rosania Rocha abrem Igreja de Lésbicas em São Paulo. **Mídia Gospel**, Disponível em: <<http://midiagospel.com.br/noticias/lanna-holder-abre-igreja-lesbicas>>. Acesso em: 14 jun. 2014.

LE MOS, Fernanda. A mulher como sujeito de sua própria história. **IHU On-line**, 07 mar. 2007. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option>>

=com_content&view=article&id=709&secao=210>. Acesso em: 02 jan. 2015.

MACHADO, Maria das Dores Campos. **Carismáticos e pentecostais**: adesão religiosa na esfera familiar. Campinas: Autores Associados, 1996.

MACHADO, Maria das Dores Campos. Representações e relações de gênero em grupos pentecostais. **Revista Estudos Feministas**, Santa Catarina, v.13, n.2, p.387-396, 2005.

MACHADO, Maria das Dores; MARIZ, Cecília Loreto. **Mulheres e práticas religiosas nas classes populares**: uma comparação entre as igrejas pentecostais, as comunidades eclesiais de base e os grupos carismáticos. Disponível em: <http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_34/rbcs34_05.htm.2012>. Acesso em: 13 jun. 2014.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo brasileiro. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2005.

MARIANO, Ricardo. O futuro não será protestante. **Ciências Sociales y Religión / Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, a.1, n.1, p.89 -114, set. 1999.

MARIZ, Cecília Loreto. **O pentecostalismo e a emancipação da mulher**. Entrevista concedida à IHU On-Line. Disponível em: <www.ihuonline.unisinos.br/index.php?Option=com_content&view=article&id=3208&secao=329>. Acesso em: 09 jun. 2014.

MATOS, Alderi de Souza. **O movimento pentecostal**: reflexões a propósito do seu primeiro centenário. Disponível em: <www.mackenzie.com.br/6982.html>. Acesso em: 15 maio 2014.

MATOS, Marlise. **Movimento e teoria feminista**: é possível reconstruir a teoria feminista a partir do sul global? Disponível em <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/rsp/article/view/31628>>. Acesso em: 05 jan. 2015.

MIRANDA, Fernanda Honorato. **Religião e mulher**: liderança feminina no pentecostalismo evangélico. 2009. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Natal.

MULHERES pastoras: Satanás ressuscitou o ministério de Jezabel. **Desmascarados pela verdade**. Disponível em: <http://www.desmascaradospelaverdade.com/2012/04/mulheres-pastoras-satanas-ressuscitou-o.html>>. Acesso em: 11 jun. 2014.

MUNHOZ, Alzira. **Feminismo e evangelização**: uma abordagem histórico-teológica à luz do conceito de evangelização das diretrizes gerais da ação evangelizadora da igreja no Brasil. 2008. Tese (Doutorado) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Programa de Pós-graduação em Teologia. Belo Horizonte.

NOVAES, Regina R. A divina política: notas sobre as relações delicadas entre religião e política. **Revista da USP**, São Paulo, p.60-81, mar./maio 2001.

PASSOS, Mauro (org.). **Diálogos Cruzados**: religião, história e construção social, Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2010.

PASSOS, Walter. Jezabel sedutora e pecadora: estereótipos da mulher preta e escravizada. **Bayah**, 10 dez. 2011. Disponível em: <<http://cnnbca.blogspot.com.br/2011/12/jezabel-sedutora-e-pecadora.html>>. Acesso em: 05 jan. 2015.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. São Paulo: Edusc, 2005.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

PERROT, Michelle. **Mulheres públicas**. São Paulo: Unesp, 2005

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história**: operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PIAZZA, Waldomiro Octávio. **Introdução à fenomenologia religiosa**. Petrópolis: Vozes, 1976.

PIERUCCI, Antônio; PRANDI, Reginaldo. **A realidade social das religiões no Brasil**: religião, sociedade e política. São Paulo: Hucitec, 1996.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Feminismo, história e poder**. Disponível em <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/rsp/article/view/31628>>. Acesso em: 05 jan. 2015.

PRIMEIRA Igreja do Evangelho Quadrangular. Sobre a Igreja. Disponível em: <http://www.quadrangular.com.br/pagina.php?nome_link=SOBRE%20A%20IGREJA>. Acesso em: 11 jun. 2014.

REIMER, Ivoni Richter. **Grava-me como selo sobre teu coração**: teologia bíblica feminista. São Paulo: Paulinas, 2005.

ROCHA, Daniel. **Venha a nós o vosso Reino**: relações entre escatologia e política na história do pentecostalismo brasileiro. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

ROESE, Anete. O silenciamento das deusas na tradição interpretativa cristã: uma hermenêutica feminista. **Aletria**, Belo Horizonte, v.20, n.3, p.177-191, 2010. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/>

ROESE, Anete; SCHULTZ, Adilson. Modos de vida alternativos: o caso da comunidade Noiva do Cordeiro. **Revista Tecer**, Belo Horizonte, v.3, n. 5, p.152-158, nov. 2010. Disponível em: <<http://www3.izabelahendrix.edu.br/ojs/index.php/tec/article/view/40>>. Acesso em: 03 jun. 2014.

ROHDEN, Fabíola. Catolicismo e protestantismo: o feminino como uma questão emergente. **Cadernos Pagu**, Campinas, v.8/9. Disponível em: <file:///C:/Users/helena%20contaldo/Downloads/cadpagu_1997_8.9_3_ROHDEN.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2014.

ROLIM, Francisco Cartaxo. **Pentecostais no Brasil**: uma interpretação sociorreligiosa. Petrópolis: Vozes, 1985.

ROMEIRO, Paulo. **Supercrentes**: o evangelho segundo Kenneth Hagin, Valnice Milhomens e os Profetas da Prosperidade. São Paulo: Mundo Cristão, 1998.

ROSADO-NUNES, Maria José F. O impacto do feminismo sobre o estudo das religiões. **Cadernos Pagu**, São Paulo, n.16, p.79-96, 2011. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/cpa/n16/n16a05.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2014.

ROSENBLATT, Naomi Harris. **As mulheres da Bíblia**: histórias de amor, luxúria e desejo. Porto: Âmbra, 2007.

RUETHER, Rosemary Radford. **Sexismo e religião**: rumo a uma teologia feminista. São Leopoldo, RS: Sinodal, 1993.

SANTOS, Anderson Cunha; ANDRADE Noêmia Rosana de. História local, memória Social e identidade cultural. **Revista de Educação Patrimonial**, Contagem, MG, ano 1, nº1, p.9, janeiro 2009.

SANTOS, Maria Goreth. **A mulher na hierarquia evangélica**: o pastorado feminino. 2002. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Rio de Janeiro.

SCOTT, Joan w. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. Disponível em: <http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2013.

SILVA, Janine Targino da. **Lideranças pentecostais femininas**: um estudo sobre a fundação de igrejas pentecostais por mulheres em Nova Iguaçu – Rio de Janeiro. 2010. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Rio de Janeiro.

SILVA, Magnólia G. C. da. Missionárias esposas de pastores: a invisibilidade do Ministério Feminino Aliança das Igrejas evangélicas congregacionais do Brasil. **Ártemis**, v. 14, p. 87-97, ago./ dez. 2012. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/view/14292>. Acesso em: 29 jun. 2013.

SOUZA, Sandra Duarte de. Gênero e religião nos estudos feministas. **Mandrágora**, Florianópolis, v.12, n.264, p.122-130, set./dez. 2004. Disponível em: <www.metodista.br/posreligiao/>. Acesso em: 29 jun. 2013.

VALNICE Milhomens. Site Oficial. Disponível em: <http://valnicemilhomens.com.br/>. Acesso em: 20 ago. 2014.

VEREZ, Gwenael. **A Mãe e a espiritualidade**. Paris: Publisud, 1999.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

WOODHEAD, Linda. Mulheres e gênero: uma estrutura teórica. **REVER**, São Paulo, n.1, p.1-11, 2002.